

NIVALDO ANÍBAL GOULARTE

O ENSINO DA HISTÓRIA COMO COMPREENSÃO,
CONSTRUÇÃO E PRONÚNCIA DO MUNDO

Dissertação de Mestrado, sob a orientação
da Professora Dra. Maria Oly Pey, apresen-
ta no Curso de Pós-Graduação em Educação
da Universidade Federal de Santa Catarina.


Florianópolis, 1991


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE Mestrado em Educação

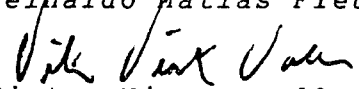
O ENSINO DE HISTÓRIA COMO COMPREENSÃO,
CONSTRUÇÃO E PRONÚNCIA DO MUNDO.

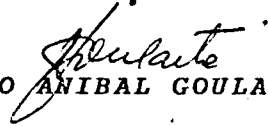
DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO COLEGIADO
DO CURSO DE Mestrado em Educação
DO CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
EM CUMPRIMENTO PARCIAL PARA A OB-
TENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM EDU-
CAÇÃO.

APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM: 13 / 12 / 91.


Profa. Dra. Maria Oly Pey (Orientadora)


Prof. Dr. Reinaldo Matias Fleuri (Examinador)


Prof. Dr. Victor Vicent Valla (Examinador)


NIVALDO ANIBAL GOULARTE

Florianópolis, dezembro de 1991

MUNDO PARADO, MUNDO ANDANDO

O mundo está andando quando eu invento alguma coisa.

Eu quero fazer um trabalho, vou e copio tudo de um livro.

Eu estou andando ou estou parada?

Eu estou parada!

Se no colégio a professora faz uma pergunta e eu vou lá e colo, claro que eu estou parada, eu não estou aprendendo. Se eu estiver andando, não quer dizer andar, correr, nada. Se eu quero fazer um trabalho, quero saber umas perguntas, como se eu fosse professora... eu ia fazer um trabalho e copiava tudo de um livro: será que eu estava parada ou será que eu estava andando?

Eu acho que eu estava parada!

Se a professora mandar fazer um cartaz, querendo saber o que é isto, o que é aquilo, e eu, por acaso, vou lá e penso bem e não copio do livro, será que eu estou andando ou que eu estou parada?

Eu acho que eu estou andando porque eu estou botando minha mente para funcionar!

Se na escola, eu vou e dou uma coladinha nas atividades, será que eu estou andando?

Eu estou parada, porque eu estou colando!

Se eu conseguir pensar, pensar, pensar e conseguisse achar, mesmo que estivesse errado, nem que fosse outra coisa, mas eu botei a cabeça para funcionar, eu estava andando, eu não copieei, eu pesquisei lá dentro, eu achei.

Eu estava andando, eu podia ter errado a resposta, mas pelo menos eu pesquisei e eu estou andando, eu não estou parada.

Quem está parado neste mundo é quem não inventa, é como a professora que só pesquisa no livro, que só dá resposta que acha no livro. Se a gente copia, a gente está parado; se a gente inventa a gente está andando.

Clarissa Milanez Goularte

8 anos

(A partir da história da fada Clara Luz).

PALAVRAS DE AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas que, de diversas maneiras, deram seu apoio, muito importante e necessário no decorrer da caminhada que resultou neste trabalho que ora se torna público e a quem dirijo uma palavra de agradecimento:

Lourdinha, Rodrigo, Ricardo e Clarissa pelo tempo longe de casa ou refugiado na biblioteca;

Maria Oly, Raquel, Cida e Ierecê pelas sugestões e desafios e como colegas, orientadora e co-orientadoras;

Goretti e Eloisa pela disponibilidade em participar do projeto;

Alunos das sétimas séries A e B de 1990 do Colégio Estadual Antônio João pela aceitação do nosso trabalho e pelo carinho demonstrado no final do trabalho;

Janaina pela paciência nas transcrições das fitas;

Bernadete por ter dado apressadamente forma legível aos manuscritos;

Ademir, colega de viagens e leitor crítico do texto teórico;

Paulo Freire, Mestre que fraternalmente nos recebeu em sua residência e dedicou horas preciosas de seu trabalho para ouvir e dar sugestões;

Eurico Back, pela gentileza em aceitar fazer a revisão gramatical e ortográfica.

RESUMO

O presente trabalho é o retrato fiel do que foi vivenciado por três professores e uma turma de 7ª série com o ensino da História em um colégio da rede pública estadual.

// História as inquietações com a prática cotidiana de professor na busca da superação das práticas tradicionais com o ensino da História. Com um grupo inicial de cinco professoras de História, inicia-se um processo de discussão sobre o que fazer educativo de cada um, assim como, a análise dos possíveis vínculos das práticas cotidianas no ensinar-aprender História com as pedagogias que possivelmente dão o embasamento teórico a estas práticas.

Discutiu-se os tipos de História que se ensina identificando pelo menos duas grandes linhas, uma inspirada da educação tradicional e outra que se renova nos conteúdos ministrados mas não avança na relação pedagógica. Buscamos então, práticas que trabalhassem criticamente os conteúdos e mantivessem a criticidade pela atitude do próprio ato de aprender.

A Pedagogia Dialógica como está explicitada na pedagogia do oprimido, principalmente no capítulo III, seria o referencial para a tentativa de avançar no sentido de superar as práticas que não mais satisfaziam.

Para melhor concretizar o que íamos fazendo, definimos três momentos ou conceitos para a História. História enquanto a própria Vida e construção da existência, História enquanto resgate das memórias e História enquanto ensino.

No ensino, íamos dar toda ênfase à História enquanto Vida e para tanto a concepção dialógica de educação parecia a mais apropriada ao selecionar os conteúdos e construir o saber, pois o processo dialógico que parte da investigação temática, descoberta de temas geradores, codificação e descodificação é também, tanto quanto fazer a História, um processo ligado ao existencial e ao cotidiano dos homens.

Ao ensinar-aprender História pelo desenvolvimento dos temas geradores deparamos com a História da demissão sumária dos mineiros de Criciúma como tema gerador e vários itens relacionados com a História do descobrimento e aproveitamento do carvão, assim como das lutas dos mineiros no passado e também o vínculo da História do município com a História dos ancestrais dos alunos. Todo o trabalho é pautado na dialogicidade. Não há distinção entre o diálogo enquanto pedagogia, enquanto método e enquanto forma de relato.

Nas conclusões aponta-se para a necessidade da competência enquanto professor de História e compromisso político com a causa dos menos favorecidos, assim como a necessidade de uma transformação radical da escola, suas estruturas e de sua relação pedagógica.

RESUMÉ

Cette étude décrit de façon détaillée toutes les expériences vécues par trois enseignants et une classe de la 7ème série dans un lycée du réseau public régional pendant le cours de histoire.

Le travail relate les inquietudes du chercheur dans son effort cotidien pour surpasser les pratiques traditionnelles de l'enseignement de l'histoire. L'équipe, au départ constituée par cinq enseignantes, a tout d'abord mis en route un processus de discussion sur l'activité éducative de chacune, ainsi que l'analyse des possibles relations des pratiques cotidiennes d'enseigner-apprendre l'histoire avec les pédagogies qui sont, possiblement, la base théorique de ces pratiques.

On a discuté les types d'histoire enseignés, en identifiant au moins deux lignes principales: une inspirée de l'éducation traditionnelle et l'autre qui se renouvelle dans les contenus, mais qui n'avance pas dans la relation pédagogique. On a alors recherché des pratiques qui développaient, de façon critique, les contenus et qui maintenaient l'esprit critique à partir de l'attitude de la propre action d'apprendre.

La Pédagogie Dialogique (voir terminologie de Paulo Freire) telle quelle est explicitée dans la Pédagogie de l'oprimé, notamment dans le chapitre III, serait le référentiel pour l'essai de progresser dans le sens de surpasser les pratiques qui n'étaient plus satisfaisantes.

Dans le but de mieux concrétiser ce qu'on était en train de faire, on a défini trois moments ou concepts de l'histoire. L'histoire comme la propre vie et bâtiment de l'existence, l'histoire comme reprise des

mémoires, et l'histoire comme l'enseignement.

On avait envisagé d'enseigner plutôt l'histoire en tant que vie. Par conséquent, le concept dialogique de choisir les contenus et de bâtir le savoir semblait être la plus indiquée. Puis que le processus dialogique - dont l'origine se trouve dans l'investigation thématique, dans la découverte des thèmes generateurs, dans la codification et la decodification - est aussi, de même que faire l'histoire, un processus lié à existentiel, au quotidien des hommes.

À enseigner-apprendre l'histoire à partir du développement des thèmes generateurs, on a rencontré l'histoire de la demission soudaine des mineurs de Criciúma comme un theme generateur. De même, plusieurs aspects de l'histoire du charbon (découverte et exploitation), des causes des mineurs et aussi des liaisons entre l'histoire de la région et les ancêtres des élèves. Tout le travail est basé sur la "dialogicité" (terminologie de Paulo Freire). Il n'y a pas de distinction entre le dialogue en tant que pédagogie, en tant que méthode et en tant que forme d'exposé.

Dans les conclusions, on souligne la nécessité de competence pour enseigner l'histoire et d'engagement politique avec les causes des moins favorisés, ainsi qu'avec le besoin d'une transformation profonde de l'école, de ses structures e de ses relations pédagogiques.

SUMÁRIO

Mundo Parado, Mundo Andando	II
Palavras de Agradecimentos	IV
Resumo	V
Resumê	VII
Introdução	2
Onde Tudo Teve Início	5
Porque dos Diálogos no Relato da Experiência	8
Discutindo a História que se Ensina	9
Encontro com presença da Goretti, Luzia e Herondina	15
Encontro em que se Discute Genericamente o que é Professor Tradicional e Professor Progressista	20
Como Chegamos a Paulo Freire	27
Outro Encontro em que se Retomam as Ideias de Paulo Freire	31
Outro Encontro	36
As Aulas	44
Aula de 03/05/90	53
Aula de 10/05/90	58
Comentário após a Aula de 10/05/90	62
Aula do Dia 31/05/90 após um Período de Greve de 3 Semanas	65
Aula do Dia 07/06/90	68
Aula do Dia 21/06/90	72
Aula de 28/06/90 - Palestra do Antônio dos Santos Sebastião	75
04/07/90 - Reunião Pensando a Aula do Dia 05/07/90	81
Aula do Dia 05/07/90	83
Dramatização	85
Aula 19/07/90	87
Aula 19/07/90	88
19/07/90 - Comentário dos Professores após a Aula	95
Aula 02/08/90 - 2ª Semestre	96
Aula de 09/08/90	101
Aula 16/08/90	108
30/08/90 - Palestra do Sr. Jorge Feliciano	114
Aula 06/09/90	125
Aula de 13/09/90	132
Aula de 01/11/90	134
Aula 08/11/90	138
Avaliação 7ª A	146
Avaliação dos Professores	149
Teorização	153
Fazendo Investigação Temática	160
O Papel da Codificação	170
Superação do Ensino Tradicional de História	175
O que foi Conseguído dos Objetivos Propostos	179
Avaliação e Seqüência das Aulas	181
Conclusão	185
Bibliografia	187
Anexos	194

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é o relato da experiência com o ensino de História a partir da teoria pedagógica de Paulo Freire colocada em prática em uma escola da rede pública estadual de Santa Catarina. Constitui-se também na dissertação que será defendida para obtenção do grau de mestre em Educação.

Fazem-se presentes no trabalho a preocupação de educador envolvido na formação de futuros professores e a preocupação de verificar a situação atual do ensino de História que muito deixa a desejar.

Faz-se presente também o propósito de contribuir para alterar esta situação com propostas que anunciem alternativas para sua transformação.

Ao ensino da História, calcado em comemorações de datas cívicas, na exaltação de heróis individuais e em relações pedagógicas autoritárias e tradicionais, se contrapõe o ensino da História enquanto vida e construção da existência dos homens e relações pedagógicas horizontais e dialógicas.

O trabalho relata a tentativa feita de avançar ao mesmo tempo na busca de tornar os conteúdos críticos e na manutenção da criticidade no próprio ato de estudar os objetos de conhecimento.

Tínhamos como objetivo do nosso trabalho tornar a prática pedagógica do diálogo proposto por Paulo Freire uma possibilidade no ensino de História em uma escola pública e verificar se o ensinar-aprender História, entendido como vida e construção da existência, transformam a práxis dos envolvidos.

Como categorias de análise usamos três conceitos que se pode aplicar à História:

1. História enquanto vida. A História se dando ou enquanto foi-se dando, a História enquanto aqueles momentos da construção da existência;
2. História enquanto memória. É a História entendida enquanto resgate do passado;
3. História enquanto ensino. É a História enquanto objeto de conhecimento transformada em uma disciplina do currículo escolar.

Ao trabalhar o ensino da História, optamos por dar toda ênfase ao conceito de História enquanto vida e recorreremos para tanto à Pedagogia Dialógica pelo fato de esta partir do existencial, do cotidiano em todo processo educativo desde a investigação temática, temas geradores, codificação, descodificação e redução temática e, portanto, trazer suporte teórico necessário à nossa prática.

O trabalho foi realizado num colégio estadual com duas turmas de sétimas séries e com duas professoras, que, entre tantas convidadas, aceitaram participar do desafio.

Iniciamos no segundo semestre de 1989 com debates com as professoras, inicialmente em número de quatro. No início de 1990 alargamos o grupo de trabalho com os alunos de duas séries e duas professoras, já que as outras duas optaram por não continuar.

No relato de todo o trabalho optamos pela reprodução fiel das falas acontecidas em todo o processo. Com isto pensamos estar dando um caráter de maior autenticidade a tudo que foi realizado e também por uma questão de coerência com os pressupostos teóricos adotados. Para tanto, todas as conversas, aulas e comentários foram gravados em fitas e posteriormente transcritas e reproduzidas fielmente. Foram omitidos tão somente as repetições e os cacoetes próprio da linguagem oral.

O trabalho na sua apresentação está composto de quatro blocos:

1. O primeiro retrata as falas mantidas entre os participantes do projeto no segundo semestre de 1989 em que se estudaram e aprofundaram questões relativas ao ensino da História e relativas às pedagogias que lhe dão sustentação teórica;
2. O segundo reproduz as aulas e as discussões que fazíamos antes e depois de cada aula com algumas notas explicativas quando se fazem necessárias;
3. O terceiro são considerações que avaliam toda a prática feita pelos participantes, tanto alunos, como professores. São depoimentos sobre como viram a prática de que foram sujeitos e coautores;
4. O quarto é a reconstrução da teoria, ou seja, como concretizamos a Pedagogia Dialógica na especificidade do ensino da História e a teorização dela decorrente.

ONDE TUDO TEVE INÍCIO

No início de 1987, a convite de 03 UCRE (Unidade de Coordenação Regional de Ensino), sediada na cidade de Criciúma, ministrei um curso de atualização para professores de História da Rede Estadual de Ensino.

Nas discussões feitas com as professoras ficou bastante evidenciado que uma das maiores necessidades nas suas práticas diárias era uma revisão nos conteúdos dos livros didáticos e na metodologia inerente ao próprio livro didático. A revisão dos conteúdos passava pela discussão ideológica da história oficial e a questão metodológica para a maioria delas passava pelo domínio de estratégias que despertassem o interesse do aluno e permitissem facilitar a tarefa do professor de ensinar e do aluno de aprender.

O professor não está satisfeito com o trabalho que vem desenvolvendo. Na maioria são professores que têm sobrecarga de aulas e sofrem das conseqüências gerais a que toda educação no Brasil está submetida, mas dentro das possibilidades estão empenhadas em fazer o melhor que podem.

Como professor que trabalha em uma Faculdade (FUCRI), formadora de futuros professores, sentia eu a necessidade de contribuir para a melhoria deste quadro. Era necessário, dentro da nossa situação concreta regional, não só denunciar as falhas e fracassos no ensino, mas propor ações e alternativas que as substituíssem. Era preciso ousar um pouco e não esperar que todas as soluções viessem dos grandes centros.

Ao grupo de 40 professores participantes do curso expus minha intenção, de forma muito geral e embrionária, de estudar, discutir e trabalhar propostas que viessem ao encontro da melhoria de ensino de História. Dirigi então

um convite para que as interessadas dentre elas dessem o endereço para futuro contato, 10 delas mostraram interesse. Diante do que começava a vislumbrar, achei que precisava dar mais consistência ao trabalho que pretendia. E só com algumas leituras isto não seria suficiente. Precisava tentar um curso de pós-graduação afinado com os meus propósitos. Isto aconteceu em 1988 com o ingresso no curso de mestrado da UFSC. No decorrer do curso direcionei vários estudos para a temática da História, assim como procurei, nas diversas pedagogias, aquela que achava que daria melhor suporte às minhas indagações, achando-a na Pedagogia Dialógica de Paulo Freire.

Quando ao término dos créditos do curso, mantive contato com as 10 professoras que haviam manifestado interesse, 5 delas compareceram para iniciar os estudos e tentar colocar em prática alguma coisa que representasse uma tentativa de melhorar o ensino da História na região. Mas nem todas as 5 foram até o fim. Uma veio só ao primeiro encontro, 2 não tinham assiduidade e acabaram desistindo, uma no decorrer das discussões (Luzia) e outra já no final (Herondina). Eloísa e Goretti foram assíduas e ficaram até o fim da fase de estudos e participaram do projeto.

A preocupação de envolver professoras da rede oficial de ensino na proposta que eu tinha em mente, tem suas razões, para mim, bastante fortes. Eu podia fazer a experiência em uma escola, mas me parecia uma situação irreal uma vez que não sou professor de ensino médio. Tornar-se-ia apenas um exercício acadêmico difícil de ser proposto como alternativa pedagógica e aceito como válido entre os professores do 1º grau. Por outro lado, o que eu queria evitar de qualquer maneira era o treinamento de professoras para serem executoras de coisas que eu mesmo não tinha feito e não tinha condição de provar que sabia fazer. Tinha que ser uma construção conjunta, coletiva. Nem treinamento de coisas que eu não sabia fazer nem um mero exercício acadêmico. No meu entender a experiência tinha que ser com professores na situação real e concreta da escola e com turmas não selecionadas. Mas eu tinha que participar como professor que na qualidade de pesquisador

dava uma série de encaminhamentos, mas que aprendia e construía junto. Para, posteriormente, eu falar como um dos autores da experiência, eu tinha que formar com as duas professoras um grupo de trabalho que, mesmo tendo a Eloísa como professora titular da 7ª A e a Goretti da 7ª B, a qualquer momento um podia substituir o outro ou contribuir na condução das aulas. Foi isto que aconteceu.

PORQUE DOS DIÁLOGOS NO RELATO DA EXPERIÊNCIA

Inicialmente não pensava reproduzir as falas por inteiro. Pensava reproduzir apenas o significado, o sentido de cada fala, mas sem a característica de diálogo. Ao escutar as gravações das aulas e das conversas que as antecederam, dei-me conta que seria muito difícil relatar o que tantos falaram sem reproduzir as próprias falas. De outra forma também se corria o risco de descaracterizar uma experiência em que o dizer a palavra era dizer a história de cada um, era cada um pronunciando o seu mundo.

A reprodução das falas tornaria tudo mais vivo. O relato vai ser, pois, as falas das pessoas, sem artifícios sem alteração do que as pessoas queriam dizer. Por outro lado a mão do pesquisador teve que selecionar as falas para encurtar o texto, evitar repetições e manter a unidade interna de uma produção que também é acadêmica. Um motivo muito forte de reproduzir os diálogos foi que todo o trabalho se pautou pela dialogicidade. Foi pelo diálogo que conversamos sobre História e as teorias pedagógicas; foi pelo diálogo que construímos nossos textos codificadores, avaliamos constantemente nossa caminhada, dando passos para trás quando necessário para remediar equívocos.

Por outro lado o diálogo empregado nas últimas obras de Paulo Freire como os diálogos com Sérgio Guimarães, Ira Shor, Antônio Faundez parece ser a plenitude de um educador dialógico e que necessita de interlocutor até para a realização de sua produção intelectual.

Parecia, pois, coerente com a proposta como um todo e a melhor maneira de retratar o que realmente foi vivido, dito e construído.

DISCUTINDO A HISTÓRIA QUE SE ENSINA

No segundo semestre de 1989, após contactar com as 10 professoras que tinham mostrado interesse em participar do projeto, iniciamos nossas reuniões de estudo.

Parecia que podia contar efetivamente com 4 professoras, Eloísa Colonetti Lima e Maria Goretti Aguiar da Silva, que trabalham no Colégio Antonio João de Içara, Herondina Ferreira e Maria Luzia Barbosa que trabalham em 2 colégios em bairros de Criciúma. Iniciamos discutindo um pouco da prática de cada uma, as dificuldades que os professores de História encontram no dia a dia da sala de aula principalmente para despertar o interesse do aluno. Cada uma foi falando daquilo que mais gosta de trabalhar, e contou algumas experiências tidas como bem sucedidas.

Nivaldo: Vamos começar explicando o porquê do convite para vocês participarem destes encontros. Aquilo que eu falei para vocês em 1987 naquele curso de História, vai aos poucos se concretizando. Estou terminando os créditos de mestrado e o tema da minha dissertação é o desenvolvimento de uma proposta de ensino de História. É que para mim aquela história que nós aprendemos, não satisfaz mais. Aquela História das datas cívicas, dos heróis, dos fatos grandiosos, que nós conhecemos.

O grande desafio que eu coloco aqui para nós, é como nós vamos mudar aquele ensino tradicional da História onde o professor reproduz o livro didático ou escreve muitos conteúdos no quadro, explica, faz prova mas sem uma compreensão mais profunda do todo. Eu tenho-me colocado duas questões, o questionamento dos conteúdos organizados para reforçar a história oficial e a maneira como estes conteúdos

são dados como verdades prontas, acabadas e que o aluno tem que assimilar passivamente. O que eu procuro é um ensinar História onde o aluno seja ativo no aprender e na construção dos próprios conteúdos e onde o aprender não seja memorizar, mas uma construção do conhecimento a partir das relações que estabelece com o mundo. Para vocês que se mostraram interessadas, eu penso que poderíamos ficar este semestre estudando e ver quem tem condições e vontade de iniciar o próximo ano letivo tentando colocar em prática o que a gente for discutindo neste semestre.

Eloisa: Poder discutir uma metodologia. Descobrir não, estudar construir caminhos e realmente aplicar porque é muito fácil encontrar as coisas prontas no livro didático ou outros autores. Mas se tu tens a cabeça bastante aberta e até liberal¹, podes ir mais fundo em relação à maneira de passar para o aluno, fazer o aluno questionar. Eu acho que as formas de proceder nesse tipo de trabalho é muito importante, inclusive porque nosso embasamento teórico é bem diferente do aluno e até chegar ao nível dele, o como discutir o assunto, o como proceder isso já se torna um pouco difícil. Seria importante para a gente, conhecer, discutir entre os colegas, ver as formas, eu acho que é por aí.

Nivaldo: Vocês sabem o porquê do meu interesse, já falei outras vezes, mas eu gostaria que cada uma falasse um pouco do que tem feito, da expectativa em vir até aqui para estes encontros.

Queres começar Luzia?

Luzia: Eu sempre gostei de saber de onde eu vim, de como eu cheguei aqui, dos meus antepassados. Sempre gostei de História. Eu gostaria realmente de discutir com os colegas e ver novas estratégias de explicar

1. O conceito de liberal aqui manifesto é do senso comum. Historicamente o liberal se identifica com a filosofia burguesa com um discurso na oposição e uma prática diferente quando no poder.

as coisas, porque eu acho que esse modo tradicional realmente já está cansativo. Eu gostaria de ver novas estratégias de como explicar que mudança tem que ocorrer, que tem que haver. Eu já estou me sentindo tradicional, levar só o livro didático, conversa, discute. Sei lá, queria encontrar coisas novas, como eu vou explicar de outras maneiras. Eu estou pensando em mudar a estratégia, explicar de outra forma e é por isto que eu vim até aqui. Quero sair um pouco do livro didático. Claro que tudo o que eu falo, está nos livros didáticos, mas às vezes tem gente que pega estratégias em que consegue o objetivo mais rápido.

Nivaldo: Vamos fazer uma rodada, Eloísa queres falar?

Eloisa: Eu acho que tu tens que nos ajudar. Sei lá, eu penso assim que a realidade das nossas escolas é muito diferente das nossas cabeças. O que eu acho difícil sabe o que é, é todo mundo ter um conhecimento que a gente tem, conseguir fazer com que os alunos acompanhem esse nível de entendimento, sem a gente discutir sobre o livro didático, mas para ti é claro a situação real que o país se encontra hoje. Pelos estudos, pela experiência, pela vivência, pelos 30 ou 40 anos de vida o professor tem uma grande bagagem de experiência, agora o aluninho está fresco, é pequeno ainda no seu conteúdo e eu me questiono como fazer que o aluno então se desprenda do livro didático e acompanhe o nível de entendimento, porque para a cabeça da gente é fácil entender um conteúdo e transportar esse conteúdo para a realidade, mas o nosso aluninho tem que saber do conteúdo e associar com o presente, então fica difícil esta associação porque a bagagem dele é pequena. O que para a nossa cabeça é claro, fica tudo embrulhado na cabeça dele. Então são estratégias que se deveriam estudar, conhecer para que a gente pudesse chegar ao nível de entendimento do aluno. É uma história dinâmica, uma história crítica que para a nossa cabeça é clara às

vezes, mas que para ele às vezes fica difícil¹. Então seriam essas estratégias que seriam interessantes para o professor. Às vezes a cabeça do professor é crítica, mas de repente quando ele se põe lá na frente do aluno, ele continua usando o livro didático, continua naquela linha tradicional. É que a gente ainda está presa, há muita coisa ainda do passado, do ensino tradicional que a gente teve².

Nivaldo: E tu Goretti que ficaste aí escutando, pensando?

Goretti: Pois é, Nivaldo, eu acho que o trabalho que a gente tem pela frente é muito difícil. A gente vai levar um bom tempo para descobrir alguma coisa, mas eu acho que devagar a gente vai conseguindo, porque o nosso aluno hoje, a gente nota que ele tem uma ansiedade muito grande, ele quer saber, ele busca alguma coisa diferente, ele não está satisfeito com o conteúdo que está sendo dado, ele não quer saber muito do livro didático que ele não entende, os textos do livro didático são assim dados de uma forma tal para que o aluno não entenda, principalmente os que vão para nossas escolas. São livros que contam aquela história tradicional, conta aqueles fatos que se o aluno quiser passar de ano, ele vai ter que decorar porque entender ele não entende. Ele segue na linha do tempo daqueles acontecimentos, mas ele não se liga, ele não faz uma relação do que ele aprendeu na 5ª, na 6ª e 7ª série, ele não entende que um conteúdo que teve início na 5ª série continua, para ele são pedaços. Ele não entende que nós estamos fazendo a nossa

-
1. Para o aluno as preocupações não são de saber qual História é crítica ou dinâmica os critérios para ele se interessar não passam pela clareza que ele aluno deveria ter, nem de estratégias como veremos mais tarde, quando tratarmos de temas geradores.
 2. Existe no contexto das afirmações uma concepção ainda bancária de educação com professor que precisa trazer o aluno ao nível de entendimento do professor. Aluno verde. É o conflito entre o tradicional e o novo com afirmações ora que o professor tem claro ora tem claro mas não consegue colocar em prática devido as amarras.

história e cada dia que passa ele não se liga nisso aí. Então, muitas vezes, eu paro na sala e falo para eles o seguinte: Olha, se a história tomar rumo diferente, nós somos responsáveis. Cabe a nós modificar alguma coisa ou nós estamos contentes com o que está aí. Ao dizer isto a gente nota que eles se tocam, que eles podem dar uma contribuição para a sociedade. Então eu acho que a partir daí nós vamos despertar no aluno uma maneira de ele se interessar pelo assunto de História de ele ter pensamento crítico a respeito dos fatos que ele estuda e analisar com profundidade e também relacionar o que eles estão estudando hoje com o que eles estudaram ontem.

Nivaldo: Mas tu falaste, Goretti, que o aluno às vezes está até distante, mas tem um momento que tu falas que tem coisas que ele se liga. Porque a gente não para, porque os professores não param, porque nós não paramos para pensar em que o aluno se liga e quem sabe a partir daquilo em que o aluno se liga a gente desenvolve todo nosso trabalho de professor?

Goretti: Eu penso que o aluno se liga quando ele é tratado como um membro desta sociedade, quando nós tentamos colocá-lo nessa realidade que nós estamos vivendo, ligando os fatos que outras pessoas também viveram na sociedade deles e que eles construíram a história e se a história deles é deste ou daquele jeito foi porque as pessoas fizeram assim. Então o ponto fundamental que eu acho, é nós partirmos do hoje, do meio em que vive. O ponto fundamental é este porque, se nós não mostramos para ele o fato de hoje, a realidade, ele não vai conseguir despertar o senso crítico; pois o estudo que ele fez já foi um estudo assim fragmentado. Ele não liga no 2º grau com o que estudou lá na 5ª ou 6ª série. Ele não vê uma seqüência.

Nivaldo: É porque é uma coisa distante dele?

Goretti: Uma coisa distante dele, sem interesse. Para mim não vai adiantar, se nós não começarmos por aí. Eu acho que seleção de textos

já seria um segundo momento. O primeiro momento seria nós tentarmos fazer a história do momento, fazer com que ele participe da história do momento.

Luzia: Eles gostam da história atual, de discutir a atualidade, isto eles gostam, mas a hora que passo para o passado, eles perguntam para que serve.

Goretti: Eles querem entender esta estrutura que aí está, e nós temos que trazer para o presente.

Nivaldo: Eu tive experiência com o ensino médio por 15 dias, mas concordo com vocês que a atualidade desperta mais interesse que o passado remoto.

Eloisa: Mas daí eu questiono: na tua cabeça o atual é claro, é evidente porque tu tens entendimento da trajetória de muita coisa, tu tens bagagem. Agora o aluno, ele não pode ficar só sabendo o presente e não entender o porquê dos fatos.

Nivaldo: Eu acho que o segredo está em saber amarrar o presente com o passado e fazer o passado uma coisa presente. Mas isto não me parece fácil nem para nós nem para as crianças e mais difícil ainda para a criança cuja experiência de tempo e espaço é menor que a nossa. Se as coisas não forem entendidas como de alguma maneira fazendo parte da existência deles ou ao menos tendo alguma semelhança com algum aspecto da vida deles vai ficar muito abstrato. Mas não se quer um aluno que só saiba o presente. Isto limitaria muito uma visão de mundo ampla. Acho que ainda vamos voltar a isto. Eu penso que o estudo da História é decorrência da visão política do professor, do tipo de sociedade que ele gostaria de ter e de cuja construção ele toma parte. O professor resgata o passado na perspectiva do presente e do futuro se posicionando criticamente diante dos fatos dando ênfase à contestação ou à manutenção da ordem.

Luzia: Eu acho que colocando mais da vivência, do contexto de hoje envolvendo o passado, trazendo, relacionando, ele vai se interessar mais porque é o meio que ele vive e ele percebe essas coisas claramente. E isso aí porque às vezes falta o professor até fazer essa mudança, pegar mais o presente e relacionar mais o passado com o presente, a aula vai se tornar mais agradável, o aluno vai participar mais, vai ter mais interesse porque ele tem a vivência e ele mesmo sendo criança vai perceber muita coisa.

Eloisa: Mas se o nosso aluno vai discutir o dia-a-dia dele, os problemas que ele tem são importantes, mas vamos deixar ele solto?

Goretti: Mas é justamente esta forma que nós estamos discutindo. Nós queremos que ele atinja determinados objetivos no decorrer de determinadas séries, gradativamente. Só que esses conteúdos como é que serão dados, de que forma nós podemos torná-los mais agradáveis, de que forma esses conteúdos poderão fazer parte da vivência do aluno e ele se torne uma pessoa de conhecimento crítico?

Eloisa: Minha preocupação é que ele se empolgue com o presente e queira falar sempre nisso, tem que juntar com outro conhecimento.

Nivaldo: O papel do professor é este aí, vai ter um momento de ampliar a experiência dele unindo às experiências de outros, um momento de fazer as histórias e vivências individuais em histórias e vivências coletivas e em história nunca podemos perder de vista a dimensão do coletivo.

Encontro com presença da Goretti, Luzia e Herondina

Nivaldo: Eu tinha pensado para hoje que vocês falassem um pouco da História que vocês estão ensinando e os temas em que vocês mais se ligam e onde se sentem mais à vontade no trabalho.

Luzia: Na 5ª série nós estamos entrando no mercantilismo. A gente dá só o conceito, a política mercantilista. Mas eu gosto mais de trabalhar o assunto da 7ª série que é a independência.

Nivaldo: E como o aluno se liga no mercantilismo?

Luzia: Tenho conversado com algumas colegas, mas não tenho nada claro¹, estamos no começo. Eu converso com eles sobre História que não é um amontoado de datas, a história nós fazemos no dia-a-dia, eu tenho a minha história, o aluno tem uma história, tu tens uma história. A história é importante e nós temos que saber história, o nosso passado como é que nós chegamos até aqui.

Goretti: Eu acho que a partir do momento em que o aluno se conscientiza que é importante para ele saber a sua história, saber os fatos que o antecederam para que ele estivesse aqui, conhece a vivência dele, a situação dele, a partir deste momento ele aprende a gostar da história. Daí, até o mercantilismo passa a ter sentido quando eu trago para a situação atual e relaciono com a nossa balança comercial. Para que eles entendam o que é balança comercial, nós pegamos o dia-a-dia deles, como está a situação por aí, se está sobrando dinheiro ou não. Como está o bolso do pai e faço um balanço com o salário e os gastos e comparo com as vendas do País.

Nivaldo: E a experiência deles?

Luzia: Os meus alunos são na maioria vendedores e entregadores de jornais e moram em bairros pobres. Eles não gostam nem de tocar onde vivem, não gostam que a gente pergunte. Tem aluno que se irrita se a gente pergunta onde ele mora. Como são bairros com fama de reunir os marginais, eles não gostam de falar. Não têm pai, não têm família. Daí que o aluno que não aceita e não gosta de sua história, fica difícil ele gostar da História.

1. Não tem claro porque o mercantilismo não é o assunto preferido, acaba não tratando do mercantilismo e sim de noções de História. Talvez esteja em questão a competência em tratar do mercantilismo.

Nivaldo: À primeira vista dá impressão que as crianças deviam gostar de História, pois as historinhas infantis, o estilo narrativo provoca tanto a imaginação e o interesse das crianças.

Goretti: Talvez esta nossa História não interesse porque ela foi uma história contada com base em datas e fatos e não estabelecendo uma conexão entre os fatos. Na 5ª série se estuda as grandes navegações, depois as expedições, as expedições exploradoras e colonizadoras, governos gerais e em seguida todos os assuntos, sem fazer uma ligação de como o Brasil passou por estas determinadas fases. Que o Brasil já teve outras capitais e o porquê das mudanças de capital, o fator econômico. As coisas são apresentadas de forma fragmentada sem relação umas com as outras e isto não mexe com o interesse do aluno. O que mais me liga dentro do ensino da História são os aspectos econômicos de um modo geral. Eu tenho ansiedade que o aluno consiga entender a situação do Brasil antes do descobrimento, inclusive que ele entenda a conjuntura mundial que fez com que o Brasil entrasse neste sistemas capitalista em expansão¹ e que a partir daí ele conseguiu integrar² o Brasil num sistema capitalista mundial como um meio de retirada de riquezas, como meio de exploração, então ele vai entender a situação do Brasil hoje. E devagar, isso não é uma aula, mas no decorrer do bimestre ou até em mais tempo. Então quando a gente dá um enfoque sobre determinados assuntos que possa ser colocado e que nem faz parte do programa, mas eu procuro colocar certas situações para que a partir daí ele esteja motivado e se interesse um pouco mais.

-
1. Na verdade na época das grandes navegações o modo de produção dominante na Europa não era o capitalismo. Predominavam relações feudais na maior parte da Europa e algumas nações buscaram no comércio formas de superar a estagnação gerada pelo sistema.
 2. Integração não certamente em pé de igualdade, mas como fornecedor de matérias primas produtos agrícolas na divisão internacional do trabalho.

Nivaldo: Parece que a grande dificuldade é que o aluno tem motivação para uma coisa que é existencial, a vivência dele e por outro lado os programas que obrigam o professor a dar um conteúdo distante e daí fica difícil motivar; pois aquilo que motiva o aluno é uma coisa próxima e que até aparenta como não sendo a História.

Herondina: Eu inclusive este assunto mercantilismo não dei, adiei para mais tarde, eu acho muito difícil para 5ª série¹. Falta para nós a maneira² de como trabalhar com ele para conseguir mais. Neste ano eu fiz assim com ele: eles começaram a contar os fatos de que a História parte.

Nivaldo: Me parece que na busca de "estratégias" ou de "Metodologias" nós precisamos estudar e entender o tipo de educação que inspira tudo isto. Para cada maneira de trabalhar está por trás uma filosofia, uma visão de mundo. Que visão de mundo inspira uma educação onde o professor repassa conteúdos de um programa oficial? Que visão de mundo inspira uma educação que quer um aluno crítico, criativo?

Eloisa: Eu penso que não é pura questão de método. Nós temos turmas que para um mesmo tema se mostram interessadas e outras não. Eu, apesar dos cursos todos que fiz, sinto que falta alguma coisa para ter aquela segurança de chegar diante dos alunos e conseguir uma motivação suficiente. Como é que eu vou trabalhar deixando de lado o programa oficial, sem que os conteúdos tratados fiquem fragmentados?

Goretti: Eu acho que a gente segue o conteúdo, o conteúdo básico tem que ser dado, só que para que tu consigas dar aquele conteúdo, tu tens que ligar esses fatos para poder chegar até lá porque a programação

-
1. O difícil é para o professor ou para o aluno? Por trás de afirmações assim estão escondidas as deficiências na formação do professor; pois vai ser difícil também nas séries seguintes.
 2. Certamente não é só maneira. É questão de competência para dominar conhecimentos em função da formação.

continua, porque o aluno precisa de uma seqüência histórica; pois sem esta seqüência histórica ele não vai ter um entendimento.

Nivaldo: Será que ele precisa mesmo destes conteúdos? Precisa para quê? E se isto fosse imprescindível para ele, será que ele não corria atrás?

Goretti: Não é questão de que ele precise, mas daí ele vai ter que ter uma estrutura de conhecimento, senão o conhecimento dele vai ficar fragmentado, ele vai ficar perdido, ele vai ter que saber que um fato aconteceu em consequência do outro. Houve primeiro o Brasil Colônia, depois o Brasil Império e depois a República¹.

Nivaldo: Eu tentei uma experiência caminhando em sentido contrário a esta seqüência, estudando a escravidão na Colônia, pedindo para os alunos entrevistarem os negros da nossa região. A surpresa foi saber que a escravidão ainda é lembrança viva na memória de muita gente em Criciúma, Sombrio, Araranguá. Os avós de muitos negros de hoje foram escravos e sabem contar a vida que levaram. Daí discute-se a situação presente do negro daqui e se procura conhecer as experiências de outros lugares. Aconteceram descobertas de coisas que eles nem pensavam. A escravidão ficou relacionada com a situação de marginalização do negro e alguns preconceitos foram discutidos e possivelmente superados.

1. Esta seqüência histórica parece uma relação de causa e efeito que não é tão linear como aparenta ser até porque esta periodização quer representar as mudanças havidas e que na realidade foi muito mais na cúpula dirigente do que na sociedade.

**ENCONTRO EM QUE SE DISCUTE GENERICAMENTE O QUE É
PROFESSOR TRADICIONAL E PROFESSOR PROGRESSISTA**

Nivaldo: Como insinuei no outro encontro, nós hoje tentaríamos situar a nossa prática de professores dentro daquilo que se pode chamar tendências pedagógicas. Vocês pensaram um pouco sobre isto?

Goretti e Eloisa: Preferimos pensar agora em conjunto.

Nivaldo: Vocês se consideram professoras conservadoras, tradicionais?

Eloisa: Eu acho que já mudei, conservadora não!

Nivaldo: O que é que distingue fundamentalmente não só na cabeça, não só no falar, mas na prática um professor conservador de um outro não conservador, sabendo que são rótulos, claro?

Eloisa: Conservador seria aquele que ainda traz pronto, vai pelo programa, pelo livro didático, o conteúdo é mais ou menos fechado, tem o seu esquema e aí vai. O progressista seria mais questionador, deixa os alunos levantar algumas questões a respeito do que está acontecendo na prática diária.

Goretti: Eu acho que professor tradicional é aquele que se apega ao programa, ao livro didático e cobra muito o que está no livro didático, não aceita o que o aluno escreve, ele acha que se não tiver a resposta como está no livro, está errado. Ele se apega muito em dar as perguntas e o aluno tem que formular e corrigir aquelas respostas e unificar todas em sala de aula; pois só uma resposta é correta. Mas o aluno também quer saber a resposta certa, quer ter certezas. Eu tenho medo que esta resposta unificada traga para o aluno uma visão única, uma

visão pronta, direcionada e ele não possa assim desenvolver o pensamento crítico.

Nivaldo: Será que por trás destas práticas não está uma concepção de ciência, uma concepção de verdade que admite e exige uma verdade única, estática, pronta e não uma verdade que envolve, que progride, será que não está admitindo e exigindo que o professor conheça tudo, que saiba o que é certo?

Goretti: Eu comecei a mudar por aí. Parei de dar respostas, mudei esta relação com os alunos, comecei a desenvolver perguntas e dizer que íamos buscar respostas juntos.

Luzia: Eu acho válido tudo isto, mas no 2º grau, quando eles já estão mais maduros, nas primeiras séries o debate não é válido porque eles estão começando e aí nós temos que preparar ele para mais tarde.

Nivaldo: Explica como é que tu consegues preparar alguém para o debate, dando no começo, nas séries iniciais, as coisas prontas?

Luzia: Não são prontas, eu uso o livro-texto, uso questionário, no fundo eu acho que sou tradicional. Afinal aquilo tem um fundo verídico, não podemos fugir daquilo, não podemos dizer que água é vinho.

Nivaldo: E como é que eles sabem que água não é vinho?

Luzia: Sabor, cor, experimentando. Com o texto também, ele vai vendo se o que ele sabe é igual ao texto¹.

Nivaldo: E isto prepara para no futuro ter condições de debater?

Eloisa: Eu acho que entendi a questão que a Luzia coloca. Ela acha que na 5ª o aluno deva receber uma espinha dorsal, um embasamento, este embasamento tem que ser dado.

1. O texto é um tira-teima que resolve as dúvidas. A verdade é tida como uma coisa estática e não algo historicamente construído: as verdades estão contidas em manuais.

Nivaldo: Eu acredito que o preparo se dá com mais força experimentando, exercitando e quanto mais cedo começar, mais cedo ele estará maduro para o debate e para tudo.

Eloisa: Voltando à questão do tradicional e do progressista, como fica a história nestes dois modos de ver?

Nivaldo: Me parece que é bom dizer mais uma vez que são conceitos bastantes amplos. Há vários graus de tradicional e vários graus de progressista. Pegando um pouco pelos extremos poderíamos chamar de tradicional no ensino da História o que se apega à História como uma coisa dada e não dando-se, relata os fatos, os acontecimentos como acontecidos e que têm que ser entendidos e portanto transmitidos, passados. O progressista, que também tem suas gradações, de diversas maneiras se preocupa em refletir como é que os homens se situam no tempo e no espaço. Como é que eles se relacionam entre si, como é que eles constroem e modificam este espaço, como é que eles constroem e são construídos nestas relações. A sociedade é um dando-se e não um dado. É fundamentalmente uma visão de mundo dinâmica que se opõe a uma visão de mundo estática que em linhas gerais separa as duas visões de mundo.

Eloisa: Eu acho que está tudo claro ¹. Mas daqui alguns anos como é que nós vamos ver esta História, será que ela vai ser dinâmica sempre ou ela vai ser respeitada essa história progressista?

Nivaldo: Nós estamos inclusive tentando nos situar em que faixa de progressista estamos. A história entendida como o homem se construindo vai ser sempre dinâmica porque vai se identificar com a própria construção da existência e não só com o interpretar. O ensino progressista

1. O grau de clareza que o grupo tinha naquele momento parece que não permitia afirmações tão categóricas assim. A clareza para mim era muito mais uma busca do que conquista.

da História não é ser progressista ao interpretar o passado e sim ao comprometer-se com a construção de um mundo melhor no presente. Progressista em relação ao passado é questão de discurso que entra em contradição com a prática descomprometida. Daí eu enxergo 3 momentos que detalho no projeto: A história se identificando com a vida, as lembranças, os vestígios que são as memórias dispersas ou organizadas como memórias ou com a construção da própria vida.

Eloisa: Eu acho a História uma disciplina tão interessante porque ela dá uma abertura para as outras áreas e dá oportunidade ao aluno para refletir a prática diária.

Goretti: Eu acho que daí sairão os resultados daqui a alguns anos. Um novo tipo de História e esse homem que nós estamos tentando preparar, porque a nossa preocupação é o aluno, para que ele se transforme deste modo tradicional de repetir para um modo pessoal de entender e de poder fazer alguma coisa na sua existência, entendendo determinados fatos que aconteceram e que hoje podem estar ligados com a própria vivência dele. Então eu acho que este mundo progressista seria a formação de um novo aluno. Novo porque o nosso aluno está muito massificado.

Nivaldo: A superação desta massificação, se a gente quer que o aluno não seja repetidor, mas tenha pensamento próprio é porque a gente não está preocupado com ele só enquanto aluno em sala de aula, mas que ele se posicione no pátio, no bairro e enquanto trabalhador. Mas a preocupação não é formá-lo à nossa imagem e semelhança, mas que ele construa a sua imagem sem nenhum modelo prévio. Mas como é que nos avançamos um pouco nestas questões?

Goretti: Eu acho que nós não podemos nos preocupar com o sucesso imediato naquilo que queremos mudar. Eu acho que toda mudança não é de hoje para amanhã. O resultado só aparece mais a longo prazo mesmo que a mudança esteja acontecendo permanentemente desde que iniciamos com a ruptura com aquilo que negamos.

Nivaldo: Onde é que nós vamos amarrar essas preocupações? Como é que nós estamos vendo hoje o que poderia estar dando estruturação à nossa prática ou à prática que vamos tentar experimentar na nossa tentativa de mudança? Vocês conhecem alguém ou uma filosofia que de alguma maneira tenha trabalhado estas questões e que ofereça algum tipo de resposta?

Eloisa: Este enfoque que tu deste ali do fato, da vivência, da memória que o historiador trabalha e depois a posição do professor, é a partir daí que nós temos que nos colocar.

Nivaldo: Retomando a questão mais diretamente, que pedagogia ou que educador vocês conhecem cujo pensamento e prática mais se parece com aquilo que nós estamos buscando?

Eloisa: Tem aqueles livros que falei, lá da Unijuí. Eu olhei lá em casa, é muito bom, tem formas de tornar uma aula gostosa, uma aula voltada a essa linha aí.

Nivaldo: Na área de História, Geografia, Estudos Sociais eu acho a proposta deles muito válida. Mas vamos adotá-los como livro didático para a nossa realidade, se eles trabalham a realidade deles? E eles partem de que filosofia, de que teoria pedagógica?

Eloisa: Ainda não chegamos até aqui com clareza¹.

Nivaldo: Eu iniciei um processo de questionar a História que eu trabalhava e que via os outros trabalhando quando consegui estabelecer algum tipo de relação entre a História que se ensina e a pedagogia em que fomos formados. O que faz a escola tradicional não são práticas tradicionais de ensino? Então eu procurei estabelecer relações da História tradicional, aquela das datas, dos heróis, dos imperadores, reis e generais com a história ligada a um livro didático ao ensino repetitivo.

1. Momentos antes se afirmava a clareza com muita segurança, mas diante do fazer, as certezas deixam um bom espaço para dúvidas que são saudáveis na construção do processo.

O passo seguinte foi comparar alguns livros didáticos que repensavam o conteúdo. Trazia os fatos contextualizados, analisava os fatos trazendo coisas diferentes, se referia às lutas do povo simples e fazia em muitos casos uma leitura da sociedade pelos Modos de Produção descritos por Marx. A questão que comecei a me colocar era o como estes livros passavam a ser adotados e estudados. Um trabalho de anos de estudo para resgatar a memória dos vencidos, para repensar a História do Brasil como um todo, passava a ser repetido da mesma forma que o tradicional. Trocava-se o livro, o conteúdo, mas o professor não caminhava na mesma direção. Não evoluía no sentido de fazer a opção política do autor do livro. Daí bons livros do ponto de vista da revisão das memórias passaram a ser trabalhados mecanicamente por incompetência ou por falta de opção e o resultado geral foi o desinteresse e a apatia tanto quanto antes.

Se a substituição dos conteúdos, as mudanças de programas não operavam as mudanças desejadas precisava tentar avançar mais e procurar uma pedagogia que repensasse os conteúdos e ao mesmo tempo repensasse a maneira de trabalhar estes conteúdos de tal forma que rompesse a dicotomia conteúdo e forma. Daí a criticidade não estaria nos conteúdos em si mas no processo de selecionar e de trabalhar os conteúdos. Aqui os progressistas se distinguem uns dos outros e por isto a necessidade de conhecer as correntes pedagógicas para ver se nós enquanto professores que dizemos romper com o tradicional concordamos com quem nas nossas opções. E aqui temos que abrir um espaço para algumas leituras. Para começar sugiro algumas: Escola e Democracia de Demerval Saviani; Democratização da Escola Pública de José C. Libâneo; Raízes da Educação Socialista de Wagner Rossi; Pensamento Pedagógico Brasileiro de Moacir Gadotti; Convite a leitura de Paulo Freire - Moacir Gadotti; O Que é Método Paulo Freire - Carlos R. Brandão. Para começar têm estes, os 2 primeiros são expoentes da pedagogia crítico-social dos conteúdos, o Rossi apresenta os grandes pensadores da educação a nível mundial

e do Brasil. Os últimos esclarecem e expõem o pensamento do educador Paulo Freire que não sei se vocês conhecem. Para mim é quem vem de encontro a tudo que nós conversamos aqui.

Eloisa: Então precisamos estudar coisas de educação e não somente de História?

Nivaldo: Se queremos alunos com pensamento autêntico, não podemos adotar uma filosofia sem saber por que optamos por ela e também conhecer outras para saber por que não optamos por uma das outras.

Goretti: Onde é que fomos nos meter! Vamos encarar.

COMO CHEGAMOS A PAULO FREIRE

Foi dado um tempo de 15 dias para algumas leituras. Paulo Freire era bem pouco conhecido, assim como os grandes pensadores da educação. Cada uma se encarregou de ler o que despertou mais o interesse.

Nivaldo: Vocês se lembram que em mais de um encontro nós falávamos e foi a Goretti que primeiro fez referência a assuntos que o aluno se liga? A Goretti que estudou a vida do Paulo Freire, podia dizer para nós como eram escolhidas as palavras no processo de alfabetização de adultos?

Goretti: São as palavras geradoras aquelas que tem um sentido, que dão um sentido diferente à alfabetização.

Nivaldo: E como é que ele chegou a estas palavras?

Goretti: Chegava a partir do momento que ele via que eram palavras da vivência, do cotidiano que eles tinham, que eles iam dar um sentido novo aquela palavra.

Nivaldo: O que o Paulo Freire fazia lá no Nordeste a partir de um grupo de alfabetizandos no começo de suas experiências era estar junto com o povo, ia conversar com eles, tomar um café, ir ao local de trabalho, aos botecos e ia escutando e observando as pessoas falarem. Aí no ambiente deles as conversas giravam em torno dos problemas do dia-a-dia deles. Eram pescadores, trabalhadores da construção civil e das indústrias. Ele ia tentando captar as palavras mais usadas e com uma carga existencial e emocional mais forte. Depois elencava as palavras e escolhia algumas para levar de volta ao grupo com quem

ia trabalhar. Esta pesquisa inicial ele chamou de Investigação Temática. Uma palavra geradora para grupos envolvidos com a construção civil foi a palavra tijolo.

Eloisa: E para a História, como é que poderia ser?

Nivaldo: É o que estamos buscando. Deveria ser semelhante. Os primeiros dias sem definir quantos, seriam para descobrir temas geradores. Devemos provocar a que os alunos falem do cotidiano deles, das histórias deles. Para este tipo de estudo e de ensino de História de saída exige rever o programa e ir fazendo outro. O que na alfabetização de adultos era centrado nas palavras geradoras, agora vamos centrar nos temas geradores que para cada turma vai ser diferente.

Goretti: Os temas em que o aluno se ligar, a gente reorganiza o programa e vai em frente?

Nivaldo: É. Mas Paulo Freire conseguiu construir sua pedagogia dentro de um processo como um todo. A investigação não tem razão de ser por si. Os temas investigados e tidos como geradores precisam ser problematizados, codificados. É o momento de se pensar sobre a própria realidade, refletir até para testar sobre os acertos dos temas, mas principalmente para desvelar aquela realidade. O educando precisa enxergar-se na situação codificada e enxergar-se em situação desafiadora e isto significa percebendo contradições e topando os desafios para superar. Vai ser certamente o momento mais difícil e exigente. Saber o que codificar. Mas estamos indo?

Herondina: Não é difícil de entender, mas a gente quer ver isto bem claro em sala de aula¹. Não vou dizer que hoje tudo está certinho, eu

1. O entendimento parece ser uma mera operação intelectual, dissociada da prática e não a prática dando sustentação à teoria. Isto pode levar a práticas onde o entendimento seja mera repetição de conceitos e não uma construção do saber.

estou entendendo só que no momento parece que falta criatividade, mas eu quero que isto aconteça.

Nivaldo: Daí só começando a fazer, não dá de prever os temas e se adiantar, as coisas vão acontecendo. Dentro deste processo a codificação faz sentido porque as mensagens codificadas precisam ser decifradas. Eles, ao se reconhecerem nas codificações, devem se enxergar de maneira diferente. Eles precisam reinterpretar a realidade deles e não receber explicações do professor. Pode e deve ser o momento rico em descoberta de significado novo, assim como as palavras iam adquirindo significado novo na alfabetização de adultos.

Goretti: Eu acho que outro passo agora é a gente ler mais alguma coisa e fortalecer um pouco mais com alguma teoria para a partir daí a gente colocar um plano em frente.

Nivaldo: A minha idéia quando propus aquelas leituras era ver onde que a gente se situava e onde que a gente vai se situar. Eu estou me situando em Paulo Freire por uma afinidade que vem de longe e que se aprofundou ultimamente, mas a opção não pode ser como uma coisa religiosa, tem que ser por convicção.

Goretti: Foi por isto que eu fiquei contente, que ao ler alguma coisa dele e sobre ele, eu realmente me encontrei com aquilo ali e vi que a gente tem de partir da realidade. Então quando eu me deparei com o pensamento dele, eu fiquei contente e achei que era por ali.

Eloisa: Parece que chegou o momento de a gente fazer umas leituras com objetivo específico. É diferente de quando a gente lê por ler, agora nós vamos ter que ler para responder a algumas questões.

Nivaldo: Se vocês quiserem nós podemos estudar e depois conversar um pouco melhor. Acho importante, sem deixar de lado outros, que a gente estude a questão da Escola Tradicional, a Crítico-Social dos conteúdos, a Escola Nova e a Educação Libertadora. As primeiras pela

presença na escola brasileira e a última no sentido de tentar apontar os aspectos em que ela avança. Tem aí a educação libertária com uma bonita história, mas fora de tudo que é institucional. Daqui por diante podemos atacar ou ir atacando as obras do Paulo Freire principalmente a Pedagogia do Oprimido, onde está o núcleo da pedagogia dialógica. O capítulo 3 precisa ser bem digerido.

OUTRO ENCONTRO EM QUE SE RETOMAM AS IDÉIAS DE PAULO FREIRE

Goretti: Eu acho que a gente vai ter que perguntar ao aluno o que ele quer estudar. A gente falou no outro papo que precisamos fazer como que um diagnóstico. Nós estamos cada vez mais preocupados com o momento de chegar em sala de aula e não saber por onde começar. Então pelo que nós discutimos, nós vamos ter que primeiro conhecer a realidade do aluno, seria como uma espécie de diagnóstico. A gente conversa com eles vê o modo de vida deles e então vai chegar um momento em que nós vamos ter que perguntar que assuntos que eles gostariam de estudar?

Nivaldo: Eu não interpreto assim. A palavra diagnóstico parece que está procurando uma doença. Eu prefiro o termo investigação que é uma pesquisa e que anda junto com ensino. Esta investigação é para procurar os temas geradores que a gente falou antes. São aqueles temas em que o aluno se liga.

Goretti: Que tem importância dentro da vivência dele.

Nivaldo: Dentro da vivência, no universo dele. São os valores vivenciais e dentro destes valores devem existir determinadas temáticas que são importantes e serão os temas geradores, mas que não se explicitam com facilidade. Se a gente perguntar o que ele quer estudar, corre-se o risco de eles caírem no modismo na repetição de temas em voga no dia, em função da TV ou de um fato marcante, mas produzido. Já aconteceu comigo onde um grupo queria estudar Reforma Agrária e no dia do debate não despertaram o interesse da turma e eles mesmos citaram

estatísticas, casos de violência no campo, mas como coisas distantes. Precisa muita sensibilidade e percepção para captar os temas geradores e constantemente testarmos sobre se não nos equivocamos. Muitas vezes os nossos temas são apresentados, como sendo temas deles. Todos nós, se estamos vivos e não vegetamos, devemos ter nossos temas. Acho que no momento um dos temas nossos é a questão do ensino da História e com o 2º turno das eleições para Presidente.

Goretti: Eu vi a fita da palestra do Paulo Freire lá na U.F.S.C. e entre outras coisas me chamou atenção quando o Paulo Freire diz que para ir daqui para lá, eu tenho que sair daqui.

Nivaldo: Entre outras coisas me parece que ele quer dizer que o ponto de partida é o nível de informação que o aluno tem, daí vivência e experiência se constituem em conhecimento.

Goretti: A partir do que o aluno fala e expõe é o ponto onde ele está, daí eu acho que mais difícil seria essa construção porque ele vai precisar de muito tempo, nós vamos precisar de muito tempo só para fazer investigação.

Nivaldo: Exige tempo sim e muitas vezes o próprio aluno acha que estamos matando aula. Muitos professores, nem se fala.

Eloisa: Enquanto vocês conversavam, eu estava imaginando como seria o procedimento, como a gente podia fazer este tipo de coisa. Tem que ser muito natural, sentar com o aluno em círculo¹, deixar de ser aquele professor catedrático que vai com o livro com as perguntas e com as respostas.

1. A disposição das carteiras, o sentar junto é importante mas seria só uma mudança de fachada se isto já não for consequência. A mudança de disposição dos moveis por si só não é indicativo de mudança.

Nivaldo: É um processo, mas como seria bom se aos poucos a gente conseguisse trabalhar sem ser catedrático, sem ser o dono da verdade e que a gente interiorizasse isto de tal forma que isto não fosse de faz-de-conta, não fosse para representar, mas valendo. Que fizesse parte de nós tratar o aluno respeitando suas vivências não dizendo que respeita, mas respeitando, não dizendo que é amigo, mas sendo. E o espírito solidário não pode ser ali só, tem que ser ali, no corredor, no pátio, na biblioteca, na sala dos professores, enfim no mundo das relações. Mas como vão as leituras, se situaram como professoras tradicionais ou como professoras progressistas?

Goretti: Eu acho que tenho muito de progressista, mas ainda tenho um pouco da História tradicional¹. Eu sigo os programas de ensino e eu acho que isto é tradicional. Às vezes o assunto do programa é deixado de lado porque os alunos perguntam outras coisas, mas depois de uma discussão bem rica, eu volto de novo ao programa. Mas pelo que nós estamos vendo a gente não deve se apegar tanto ao programa, mas pode estabelecer uma outra seqüência.

Eloisa: Eu estava pensando como a gente se preocupa justamente com o conteúdo. Em OSPB eu fazia um esquema para mostrar para a supervisora, mas na prática eu esquecia daquilo e a gente se soltava fazendo debates e então as aulas se tornavam bem mais animadas e com maior participação. Estudando o modo de produção capitalista os alunos do magistério começaram a citar o exemplo de crianças que vinham para a escola com fome, crianças abandonadas, mas era tão pouco tempo, uma aula só.

Nivaldo: Um ponto que divide os professores em tendências diferentes me parece se relacionar com os objetivos que se quer conseguir.

1. Aqui fica evidenciada a carga que o professor traz de sua formação e o peso de suas práticas na hora de mudar. Começa-se a enxergar que continuar como está não satisfaz, mas para colocar em prática o que se deseja, o nível de exigência às vezes é maior do que as possibilidades reais imediatas. Além da competência tem outros entraves, inclusive burocráticos.

Se for um aluno repetidor, não se vai colocar perguntas para discutir, mas textos para aprender para repetir, ao contrário se o objetivo é ter um aluno com pensamento próprio as perguntas vão estar sempre presentes. É importante nesta fixação de objetivos que tenhamos uma visão ampla, que saibamos relacionar como diz Nidelcoff a vida dos homens do nosso tempo e do nosso espaço com a vida dos homens de outros tempos e de outros espaços.

Eloisa: Mas eu acho que não é tão difícil. Dá para tentar. Não podemos ficar demasiadamente preocupados com os resultados imediatos. Temos que caminhar e fazer a coisa acontecer, normalmente, sem a preocupação exagerada que tem que dar certo¹.

Nivaldo: Num processo a gente vai criando e quando for necessário mudar de rota, se conversa e se muda.

Eloisa: O normal é a gente se sentir um pouco insegura.

Nivaldo: Nós vamos entrar numa experiência das coisas que estão se dando e não de coisas dadas e o inédito a gente ainda não sabe como vai ser. O novo quase sempre causa apreensão.

Nós vamos ter um momento em que vamos parar e perguntar se avançamos alguma coisa. Não podemos é garantir o avanço antecipadamente. Depois de um certo tempo teremos ao menos a experiência da tentativa que tivermos feito.

Eloisa: Esta proposta dá segurança para gente, as leituras do Paulo Freire dão uma força de que realmente a gente tem que partir das coisas dando-se.

Nivaldo: Para mim mais que segurança no sentido de fora de perigo, eu vejo uma mensagem de esperança ao desafiar a gente a se jogar

1. A preocupação com a perfeição tira o dinamismo do processo que se aperfeiçoa e pode gerar o imobilismo e a não preocupação pode acarretar em fazer os alunos de cobaia. Não se trata de ficar indiferente diante da possibilidade do fracasso ou do sucesso mas de fazer tudo que existe ao alcance para dar certo.

constantemente no desconhecido, mas que vai se tornando conhecido e curioso para saber mais, avançar mais.

Eloisa: E o importante é o caminho que se está constantemente fazendo e nós que nunca podemos parar nem depois da faculdade, nem depois de uma pós-graduação.

Nivaldo: E sobre História vocês tem lido alguma coisa?

Eloisa: Tenho estudado aquela coleção da Unijuí e os trabalhos da Maria Tereza Nidelcoff.

Nivaldo: Embora para realidades diferentes da nossa, eu acho que são trabalhos muito bons.

Eloisa: Na nossa especialização também foram sugeridos bons livros.

Nivaldo: Para a nossa realidade me parece que vamos ter que trabalhar com os jornais locais e outros meios de informações se quisermos substituir o livro por alguma coisa mais próxima.

Goretti: O livro didático ainda é importante para os professores e alunos e se formos tirando sua utilização devemos substituir por coisa melhor.

Nivaldo: Na minha curta experiência de professor de 5ª a 8ª as turmas estavam organizando um mural comemorativo aos 25 anos do colégio. Eles iam fazer entrevistas com antigos alunos, antigos professores e diretores para saber da vida do colégio e da vida deles nesta época. É uma forma junto com os recortes de jornais sobre os assuntos e discussão.

OUTRO ENCONTRO

Nivaldo: Hoje a gente podia conversar sobre em que turma a gente vai iniciar a experiência.

Eloisa: Eu vinha conversando com a Goretti e pensava pegar uma oitava e trabalhar também com OSPB. A Herondina pensou numa 7ª porque o aluno está mais maduro que numa 5ª e até tem referência para comparar com as aulas do ano anterior. Na 6ª seria melhor porque tem 3 aulas. A 5ª seria o começo.

Nivaldo: Para mim turmas de níveis diferentes e até de matéria diferente pode tornar complicado a descrição que vou ter que fazer. Acho melhor que as turmas sejam todas da mesma série, sem excluir outra possibilidade. Mas o fato de a gente escolher uma turma para trabalhar junto não quer dizer que nas outras vocês não vão trabalhar também de forma dialógica.

Herondina: Eu gostaria de pegar umas turmas ativas porque isto ajuda muito: o aluno tem que contribuir.

Nivaldo: Só não podemos selecionar as melhores turmas porque com turmas boas, tudo é mais fácil e seria bom não escolher ninguém fora do comum. E as aulas devem ser em horários que eu possa ir e aulas faixas para economizar viagens.

Eloisa: Então decidimos pela 7ª e vamos à luta.

Nivaldo: Como é que vocês pensam em começar agora indo para sala de aula daqui a pouco no início do ano? Como vocês estão se sentindo?

Eloisa: Eu vou chegar na sala de aula sem as coisas muito programadas.

Para mim não vai ter programação. Eu vou sentar com eles, vou sair da sala com eles ir sentindo o que acontece. Eu vou me transformar e a partir da observação eu vou conversar com eles. Vou discutir vou pedir para eles falarem e eu vou escutar. Vou tentar captar e conhecer a história de cada um deles.

Nivaldo: Seria isto a investigação temática?

Eloisa: Investigação temática seria investigar o nível de conhecimento de cada aluno¹, não seria para a gente poder em cima disto aí formar os temas geradores?

Goretti: Eu acho que a partir do que eles me apresentarem, do que eles conseguirem captar, eu parto daí e vou tentar formar conteúdos que tenham relação com aquilo que eles sabem.

Eloisa: Acho que isso é que é investigação temática. Eu vou investigar o que eu consegui captar independente do termo e vou tentar fazer com que nós devagarinho de acordo com as experiências deles façam uma ligação com o que eles se interessam.

Nivaldo: Vocês estão lembradas como o Paulo Freire nas suas experiências de alfabetização fazia a investigação temática?

Eloisa: Através de conversa, conhecia as experiências, descobria as palavras importantes. Mas a gente ainda precisa se situar melhor para compreender a relação de tudo isto com o ensino da História, mas esta ainda seria uma outra fase. Eu acho que a 1ª fase seria realmente investigar a história deles para saber o que é interessante eles aprenderem, porque senão a gente começa a pensar o que a gente vai querer

1. Não é a mesma coisa nível de conhecimento do aluno e temas geradores que a investigação temática procura identificar. Já o explicitamos em outra parte deste trabalho e remetemos ao capítulo 3 da Pedagogia do Oprimido.

que eles aprendam e a gente está novamente dirigindo as coisas. Eu vou como quem não sabe nada, eu vou mudar completamente minha postura.

Nivaldo: Na pedagogia dialógica o objetivo de alfabetizar os adultos é facilitar e acelerar o processo de alfabetização, mas vai muito além enquanto propõe que o alfabetizando faça ao mesmo tempo uma releitura do mundo. As incursões nos locais frequentados pelos alfabetizados será sempre na perspectiva de captar as palavras que enquanto fossem decifradas permitissem também a releitura do mundo que as palavras representavam. Isto não quer dizer que se tenha que negar que se sabe alguma coisa que não se saiba para onde ir, pelo contrário a opção política e os objetivos devem ficar bem claros e definidos.

Goretti: Eu acho que o tema gerador vai ser inflação.

Nivaldo: Acredito que sim, mas precisamos não nos deixar perder porque às vezes os nossos temas geradores são apresentados como temas deles, quando os induzimos a isto. Os temas não podem ser os nossos difarçados, mas tem que ser deles mesmo.

Herondina: Para mim isto não está claro. O Paulo Freire fazer isto, tudo bem, mas nós em sala de aula, eu não chego a tanto. E para saber mais precisa sair da sala de aula, precisa tempo.

Eloisa: Mas é isto que nós estamos colocando é a saída do estilo tradicional.

Herondina: Adianta ir na casa de um só ou tem que ir na casa de todos ou quase todos?

Eloisa: As necessidades vão surgindo por exigência da própria experiência para se entender melhor o que ele diz ou para entender o silêncio; pois tem alunos que escondem sua família.

Herondina: No momento eu não consigo me desligar de tudo; o livro didático, eu ainda acho importante.

Nivaldo: Nós por enquanto estamos discutindo, nos preparando para começar, não dá para prever tudo, teremos que ver se vamos conseguir superar ou não o livro didático.

Eloisa: Eu não acho que o livro didático tenha que ser de saída jogado de lado, eu acho que não é preciso a gente se prender.

Herondina: Eu posso até dizer, mas não tenho segurança para deixar o livro didático. É melhor eu dizer aqui para vocês que eu não me sinto segura. Então é o seguinte, eu penso que o dia em que eu colocar tudo em prática e souber fazer tudo isto vai ser muito bom, só que eu não estou preparada para isto. Eu não fico ali em cima do livro, mas também não largo totalmente dele.

Nivaldo: Só que se nós fizermos investigação temática, captarmos alguns temas significativos para o aluno e na hora de desenvolvermos estes temas voltamos à programação oficial, ao livro didático¹, por série e ficarmos só aí a investigação não faz sentido. A sensação de não estar preparado é até normal; pois ninguém está pronto de fato, mas não pode ser pretexto para não tentar e se eu não me exponho, não corro risco, também não inovo nada.

Eloisa: Eu trabalhei na pré-escola com aquele método do Piaget e agora vejo que tem coisa parecida. A criança é trabalhada para tomar iniciativa, ela é estimulada a investigar tudo e o resultado quando elas vão para os colégios é que elas se davam muito bem no processo de alfabetização e eram crianças mais soltas, com mais iniciativa. O aprender era uma descoberta.

Nivaldo: O que eu entendo na prática é que a investigação temática deva ser tanto quanto possível penetrar naquilo que pelas conversas,

1. A questão do livro didático aqui posta é dentro do contexto de que o livro didático por série tem uma programação rígida. Romper com o livro didático é romper com um programa pré-estabelecido. Não quer dizer que pedagogia dialógica se reduza a superar o livro didático. Dependendo da redução temática pode-se usar o livro didático como uma fonte, não como o único, o manual.

gestos se perceba como temática significativa. Sei que isto não é fácil porque enquanto eles estão se expondo eles podem estar camuflando o real, trazendo o modismo. A timidez, o medo de ser censurado e ridicularizado pelos colegas também inibe as falas e pode esconder a situação real de cada um.

Eloisa: Por isto, às vezes uma visita à casa deles e uma conversa no ambiente deles pode ser de extrema validade.

Nivaldo: Às vezes nota-se um certo entusiasmo em tratar de certos temas, mas no decorrer do debate a coisa vai esfriando e se esvaziando como eu já fiz a experiência. Daí, me parece que no momento de entusiasmo eles estavam repetindo a moda do dia, que era uma coisa muito de superfície. Aí o jeito é a gente retornar, recomeçar.

E a Descodificação, como é que vamos trabalhar?

Goretti: Para mim não está muito claro.

Eloisa: Eu entendo muito bem na maneira como acontecia no processo de alfabetização de adultos, mas como é que nós poderíamos nas nossas aulas de História codificar a história do aluno, a história do momento?

Nivaldo: Como é que acontecia a codificação na situação de alfabetização de adultos?

Eloisa: Não era a história de cada coisa?

Nivaldo: Para o pessoal da construção civil tijolo era significativo, mas era significativo pela relação do operário com o tijolo, esta relação é que precisa ser codificada, problematizada, que desafie o sujeito a pensar.

Eloisa: O que nós podemos codificar nas nossas aulas?

Nivaldo: No livro "Educação como prática da liberdade" é apresentada a figura de um poço, um homem com um livro na mão e uma mulher com uma criança. Para que isto represente uma situação codificada aquilo deve representar a realidade deles, nordestinos, de tal forma que

eles se enxerguem ali. É o momento em que se tenta devolver a eles a situação investigada, mas de forma desafiadora. Na nossa experiência eu imagino a gente colocando diante deles temas surgidos deles e que os desafie a que se posicionem a partir da visão de mundo que eles têm. Na verdade o que se procura codificar não são os conteúdos, mas a relação que vai se estabelecendo entre eles e os objetos de conhecimento. A fotografia, o quadro, o texto deve estabelecer uma relação desafiadora para os educandos, desafio que o faça se enxergar à distância. O homem com o livro, o poço são mensagens, são códigos que precisam ser decifrados.

Eloisa: Daí a descodificação?

Nivaldo: A descodificação é interpretar as mensagens e reinterpretar o mundo em que ele está inserido. Se ele se enxerga na mensagem ao interpretar a mensagem repensa o próprio mundo, percebe as situações limites e os atos limites necessários para ir analisando as contradições. Daí me parece muito importante repensar os textos de leituras, as gravuras e as ilustrações usadas em aula. Estas coisas não podem aparecer avulsas aos temas geradores. Estas atividades devem fazer parte de um todo coerente.

Goretti: Temos que primeiro prestar bastante atenção na investigação temática, senão nós podemos mostrar certas coisas e eles não enxergarem nada.

Nivaldo: No nosso caso os recursos mais viáveis me parece que serão textos em que eles se reconheçam ali, textos que retratem falas anteriores, mas agora postas de forma a exigir que respondam ou que coloquem outras questões.

Goretti: Outro ponto é o uso dos jornais e livros como é que eles entram?

Nivaldo: A codificação reúne os desafios daquele momento e coloca

muitas questões e respostas que se contrapõem ao nível do conhecimento do grupo. Os jornais e livros são fontes importantes de informações ao encontro das quais temos que ir. Não se pode é chegar com respostas para perguntas que não foram feitas mas para as perguntas feitas temos que ir buscar respostas. Para se descodificar, às vezes, só a experiência do dia-a-dia não é suficiente; precisamos pesquisar, buscar. O jornal e as ilustrações não são só para tirar a monotonia da aula, as excursões não são só para agitar um pouco. É mais que isto. Só que devem ser feitas no momento pedido.

Tirei cópia do projeto e passo para vocês; aí eu descrevo estes itens do processo. No projeto, agora com a redação final, tem também as idéias sobre História e mais coisas sobre a concepção de mundo e de educação da pedagogia dialógica.

Seria bom vocês darem uma lida e dizer o que acharam.

Goretti: Pois é, agora está chegando o momento de ir para a sala e botar para funcionar tudo que conversamos.

Eloisa: A Herondina anda indecisa e pelo que ela tem falado não vai dar para ela.

Nivaldo: É uma opção dela, se realmente ela não se sente à vontade temos que respeitar a decisão dela. A Luzia também não apareceu mais. Ficamos nós três. Já sabemos os horários. É só começar.

Eloisa: A primeira semana nós queremos experimentar só nós duas, depois tu podes ir.

Nivaldo: Eu queria ir desde a primeira aula, mas se vocês proíbem...

Goretti: Não é proibir, é para ficarmos mais à vontade depois podes ir.

Até aqui a descrição das conversas que mantivemos durante o segundo semestre de 90 e que tinham como objetivo preparar da melhor maneira possível para iniciar o primeiro semestre de 1991 dentro do que nos propúnhamos.

Das 4 professoras que participaram de vários dos nossos encontros semanais, a Luzia desistiu na metade, a Herondina foi até o fim, mesmo tendo faltado a um ou outro encontro. Ao escutar as gravações das conversas depois de um ano estou convencido que o maior problema foi a falta de opção pela proposta. As amarras ao livro didático, a indecisão diante de uma opção política são elementos que aparecem nas colocações que tentaram justificar a não participação no projeto. A Goretti e a Eloisa estiveram presentes desde o início e participaram de todos os encontros, se dispuseram a ler os livros propostos e demonstraram sempre grande disposição de romper com o tradicional, enquanto também apostaram na necessidade de se construir uma sociedade mais justa, embora a opção partidária não tenha sido abordada e sim a opção política pela mudança. As páginas a seguir vão retratar os momentos experimentados em sala de aula. Para efeito de análise tomaremos a 7ª série A, onde acompanhamos todo o processo tendo gravado e transcrito as falas ocorridas em aula e as que ocorriam entre nós professores antes e depois das aulas.

Experiência idêntica foi feita com a 7ª série B, mas ficaria muito longo e às vezes repetitivo narrar as duas experiências.

Faremos referência a ela quando acharmos oportuno ou indispensável.

AS AULAS

As aulas tiveram início em março de 1990. Nas duas primeiras semanas por solicitação das professoras, eu não estive com elas em sala de aula.

Eu insisti que para mim seria importante estar presente desde o início, mas elas queriam ver como é que se saíam sozinhas.

Decidi não forçar para deixá-las à vontade, mas acho que devia insistir mais; pois se tratava de ir conhecendo a turma na fase de adaptação e também para ficar conhecendo sem intermediário o encaminhamento dado desde o primeiro dia.

Nas conversas que combinamos de fazer fora da sala de aula fiquei sabendo como foi o início pelo relato das professoras.

Goretti: No primeiro dia de aula ninguém queria conversar porque não sabiam por onde começar e o que dizer. Então eu comecei e contei alguns lances da minha vida e isto deu uma certa abertura e alguns começaram contar suas experiências. Aí já comecei conhecer melhor a turma, os problemas que eles têm.

Alguns têm pais separados ou que perderam o pai e a mãe.

Uma aluna começou a falar, parou, não se sentiu bem e saiu da sala. Um rapaz falou de sua experiência profissional e os colegas passaram a entendê-lo melhor porque ele tem 16 anos e está na 7ª série. Ele ficou 3 anos sem estudar trabalhando em São Paulo. Eu me liguei bastante naquilo que eles estavam colocando, as histórias deles, as experiências deles.

Eu também pedi pra eles escreverem algumas coisas. Acho que vou ter

que trabalhar muito sem me preocupar com o ponto seguinte.

Nivaldo: E como vocês estão encarando a situação real da Escola, grade curricular, Direção, Supervisão, pais e alunos?

Eloisa: A gente tem que deixar de lado o tradicional.

Nivaldo: Eu fico pensando como aproveitar a experiência de quem viveu em São Paulo, uma vivência mais distante já alarga os horizontes, é diferente de quem nunca saiu daqui.

Eloisa: Tem um menino que colocou que os pais são agricultores e que ele é filho único, achei tão interessante porque ele é o menor da turma e diante de todo mundo ele disse: "Eu toco uma estufa junto com meu pai e nós dois sozinhos damos conta".

Quanta coisa daria para explorar a partir desta situação como quantos hectares de terra eles têm, como está a situação fundiária do município. É um início, a gente tem que ir caminhando.

Nivaldo: Tudo tem um começo um primeiro passo.

Eloisa: Eu acho que nós temos um pouco de experiência para não deixar numa coisa sem pé nem cabeça. Tem muita coisa a ser explorada e por enquanto eu não vou me preocupar com o conteúdo programático sem passar essa fase de exploração.

Nivaldo: Eu acho isto importante e considero tudo isto conteúdo. E isto também dá algumas indicações, alguns elementos para a organização de um programa novo e que vai ajudar a turma a ter uma compreensão da História do Brasil. Talvez pela história do menino que "toca uma estufa" venhamos a conhecer todo processo de produção do fumo desde a semeadura até o consumo, passando pelos insumos, os agrotóxicos e todo interesse que envolve um tipo de indústria tão forte.

Goretti: Porque naquela fita que a gente viu do Paulo Freire, num determinado momento ele fala que em qualquer situação não se deixa o conteúdo, ele frisa bem isto, então eu acho que tudo isto é conteúdo,

mas aquele conteúdo programático, eu não sei, mas vai custar muito para nós ligarmos isto aí, tentar relacionar aquele conteúdo com essas atividades, com estas descobertas que a gente vem fazendo.

Não sei quanto tempo a gente vai precisar para que eles aprendam os conceitos de transformação, mudança e de ser participante. Alguns alunos nesta primeira fase escreveram que "é preciso conscientizar as pessoas", e "as pessoas não são conscientes" "em conjunto somos mais fortes pra mudar o que queremos" e "o ser humano é racional então ele pode fazer todo e qualquer tipo de mudança".

Nivaldo: Seria bom a gente trocar isto tudo em miúdo por que às vezes isto pode ser repetição de discurso pronto, então seria interessante transpor estas idéias para o dia-a-dia para a situação real deles e de outras pessoas, relacionando-o como as pessoas hoje podem mudar.

Goretti: Uma aluna escreveu assim: "Para mim História significa fatos que já aconteceram e que estão acontecendo e que a história quem constrói somos nós mesmos".

Nivaldo: Interessante o uso da palavra conscientizar como a Goretti antes citava um aluno. Às vezes me dá impressão que eles acreditam que uma pessoa conscientiza outra assim como uma doutrinação. Pois, a conscientização é a negação de qualquer doutrinação, mas a superação das ingenuidades, do fatalismo e isto não é transmitido, é uma constante superação de uma visão de mundo ingênua por uma visão de mundo mais crítica. Se isto não acontece isolado, não é também um processo mecânico externo. Um outro ponto que eu observo é que as pessoas acham que os outros é que têm que mudar, nunca elas mesmas.

É mais fácil ver o que os outros têm que mudar do que enxergar o que temos que mudar em nós.

A partir do dia 5 de abril comecei a frequentar normalmente as aulas. Fui apresentado aos alunos, eles já sabiam que eu iria porque a Eloísa e a

Goretti já tinham explicado pra eles que a turma ia ter um tipo de aula diferente, que se tratava de um projeto de pós-graduação e tudo o mais.

Eram duas aulas faixas com a 7ª A e uma na 7ª B. A outra aula da 7ª B eu não assistia por incompatibilidade de horário mas a Goretti registrava em fita e eu ouvia depois.

Um grupo de alunos completou uma rodada de apresentação contando algumas coisas de suas vivências.

Simone: Meu nome é Simone, tenho 14 anos, fiz as primeiras séries no bairro Boa Vista. Depois minha família veio aqui para Içara, onde fiz a 4ª série neste colégio. Depois fui estudar no colégio Cristo-Rei onde fiz novamente a 4ª série e continuei na 5ª e 6ª série e novamente vim para cá onde estou fazendo a 7ª. Minha mãe trabalha em casa, meu pai é açougueiro e tenho um irmãozinho.

Cristiane: Meu nome é Cristiane, tenho 14 anos, estudei no Joaquim Ramos em Criciúma até a 7ª série, agora estou fazendo a 7ª série novamente aqui no Antônio João. Minha mãe trabalha em casa, meu pai é caminhoneiro. Agora eu vim para cá que a minha tia queria que eu viesse para cá para ajudar a cuidar das crianças dela.

Alex: Meu nome é Alex. Fiz a primeira série na escolinha da Vila Nova. A 2ª, 3ª e 4ª fiz numa escolinha do Posto 3 onde minha mãe dava aula. A 5ª e 6ª eu fiz no Cristo-Rei. Repeti a 6ª série e estou na 7ª. Eu trabalho numa oficina junto com meu pai, A oficina é dele. Minha mãe é professora.

Tenho 3 irmãos e um estuda aqui, o André.

Eloisa: Está bom o movimento na oficina?

Alex: Caiu muito o movimento. Esta época sempre dava bastante serviço porque é fim de safra e os agricultores vendem o fumo, mas ficaram com o dinheiro retido. Nesta época o pessoal vende o fumo e reforma os carros, mas com o dinheiro bloqueado eles não podem reformar, então o movimento caiu muito.

Giovani: Meu nome é Giovani, moro no Bairro Jackeline, meu pai trabalha na CECRISA, minha mãe trabalha em casa. Tenho dois irmãos. Fiz a 1ª série na 4ª linha, 2ª, 3ª, 4ª na Barra Velha, a 5ª série na Mineração, aqui fiz a 6ª e estou fazendo a 7ª. Eu me mudei várias vezes porque o meu pai mudava de emprego.

Sinara: Eu tenho 14 anos, estudei da alfabetização até a 1ª série no Cristo-Rei, depois vim para cá, estudei até agora aqui, rodei na 6ª série. Meu pai é caminhoneiro, minha mãe trabalhou de enfermeira, mas agora parou um pouco, mas está pensando em voltar. Meu pai viaja, ele trabalha numa firma; pois não conseguiu comprar um caminhão para ele.

Jordanei: Nasci em Ituporanga perto de Rio do Sul. Meu pai trabalhava numa Companhia de Fumo "ARMADA" e quando eu tinha 4 anos ele foi transferido para Jacinto Machado e de lá para Içara. Comecei estudar no Cristo-Rei e estudei lá até a 6ª série. Meu pai desistiu de trabalhar na Armada porque estava ganhando pouco, sempre a mesma coisa e também porque achava o trabalho de instrutor sempre a mesma rotina. Ele montou um estacionamento para vender carros mas agora não vende e não compra carros. Está tudo parado.

Eloisa: Algum dia ele falou do trabalho dele em casa?

Jordanei: Meu pai era instrutor e ia na casa dos colonos e fazia a proposta para eles plantarem fumo para a Armada que é uma multinacional americana. Muitos concordaram, mas na hora de vender o fumo, vendiam para a Souza Cruz ou para outra empresa.

Nivaldo: O Luciano podia contar como é a vida de um plantador de fumo?

Luciano: Tem o instrutor como o Jordanei falou que vem perguntar se a gente quer trabalhar para a Companhia deles. Se a gente aceita, então eles mandam o que a gente precisa para plantar o fumo, a semente, o calcáreo, o adubo. No final quando a gente vende o fumo eles descontam tudo. Daí tem ano que não dá lucro nenhum.

Andrei: Eu sou o Andrei e acho que a maioria conhece minha mãe, ela trabalha aqui no colégio é professora. Eu sempre estudei aqui. Meu pai é separado de minha mãe. Eu trabalho no posto Ipiranga pela manhã. Gosto de estudar. Lá no posto eu trabalho de "office boy". Tenho uma irmã de 21 anos e um irmão de 23 anos que está trabalhando nos Estados Unidos. Desde os 15 anos que ele sonhava em ir para lá e vivia insistindo com a mãe. Ela vendeu o telefone para apurar uma grana e ele foi. Tem muitos brasileiros que estão trabalhando lá. Pegam qualquer serviço e a maioria volta rico porque lá eles ganham em dólar e quando voltam trocam por cruzeiro que vale menos e então ganhar em dólar lá e gastar em cruzeiros aqui é vantajoso.

Aluno: Tem um amigo meu que lá nos Estados Unidos está trabalhando de pedreiro e ganha mais que um professor aqui. Mas ele disse também numa carta que o custo de vida é alto e se for para ganhar e gastar lá, fica quase igual aqui. Eles trabalham muitas horas por dia e moram muitos numa casa só pra economizar, para depois investir aqui.

Nivaldo: Então é bom a gente ficar sabendo que tem países de padrão de vida diferente, mas que o dinheiro que ganham os brasileiros em serviços humildes lá nos Estados Unidos, se eles fossem viver normalmente como os americanos também viveriam um padrão normal e mais baixo do que o do americano com uma qualificação profissional.

Jordane: A minha mãe assina a Revista Veja e neste mês têm uma reportagem falando sobre a vida dos mineiros de Criciúma e dos problemas deles.

Eloisa: Eu li a reportagem, a gente pode discutir este assunto aqui em sala: vamos ao seguinte.

André: Meu nome é André, sou irmão do Alex, fiz a 1ª série no Cristo-Rei, a 2ª numa escola da Vila Nova e no mesmo ano passei para a 3ª. Daí eu saí de lá e fiz a 3ª numa escola do Posto 3. Fiz a 3ª e 4ª lá e a 5ª e 6ª aqui. Agora a 7ª. Eu moro na Vila Nova, meu pai é dono de uma oficina e minha mãe professora no Quintino Pizzetti.

Gisele: Meu nome é Gisele, nasci em Criciúma, depois vim morar aqui na Içara. Estudei alfabetização e 1ª série no Cristo-Rei, depois vim para cá para o Colégio Antônio João onde estudo até agora. Meu pai trabalhava no Cartomar, depois mudou para a Drogaria Catarinense. Minha mãe trabalha em uma Fábrica e eu cuido do serviço da casa. Na Fábrica minha mãe costura as calças que já vêm prontas. Agora ela está parada porque a Fábrica não está vendendo bem. Todos que trabalham na Fábrica estão de férias coletivas. Tem vários desta sala que os pais ou as mães pegaram férias coletivas. Estas férias são por conta da fábrica para descontar na época em que o empregado tem direito a férias, agora não tem serviço, ninguém está comprando, o dinheiro está bloqueado.

Eloisa: Na próxima semana a gente continua.

No dia 19 de abril fizemos uma reunião para discutir o que tínhamos feito, mas principalmente o como estávamos procedendo. Foi feito um retrospecto do que elas haviam feito nas aulas iniciais em que só elas atuaram. Neste período tinha acontecido a mudança de governo e o plano econômico com o confisco da poupança e do dinheiro aplicado. Era um período de parada geral no comércio e na indústria.

Eloisa: Eu pedi para eles algumas posições referentes ao plano que eles também queriam saber a minha opinião. Aí eu disse que era bom se nós enumerássemos todos esses problemas no quadro. Se as coisas não andam bem, vamos refletir um pouquinho quem são o pessoal daqui de que classe eles são, não são trabalhadores?

Então porque os trabalhadores foram novamente atingidos, será que um plano que vem assim prejudicar os trabalhadores é de interesse geral dos trabalhadores?

Aí deu aquela polêmica de que as pessoas têm que sofrer um pouco em função de uma melhora da situação futura.

Daí eu perguntei para eles ainda se essa mudança novamente, os pequenos,

os trabalhadores é que têm que sofrer. Alguém disse que os ricos também sofreram com isso. Aí eu disse, será que eles estão deixando de morar em mansões, será que eles estão deixando de andar de carro de luxo. Daí nós conversamos sobre as mudanças e tal. Então eu levei a conversa mais para este ângulo e alguém disse, que sempre estão acontecendo mudanças no Brasil, mas as mudanças nem sempre mudam para melhorar alguma coisa. Daí nós partimos do ponto que o nosso conteúdo está de 1822 e eles estão construindo um texto com palavras deles sobre o fato da Independência, porque aconteceu, já que nós estamos falando de mudança nós vamos construir um texto partindo da mudança histórica de 7 de setembro de 1822 e descobrir o que ocasionou esta mudança e refletir então em cima de muitas questões que estão mudando dentro da nossa história.

Nivaldo: Parece que a discussão foi bem rica.

Eloisa: Mas aí quer ver, o meu raciocínio foi o seguinte, de fazer, a partir daquela mudança, eles entenderem também porque aconteceu mudança e que são as pessoas que mudam as coisas e quem são os responsáveis por essa mudança.

Nivaldo: E deu pra perceber qual é a idéia que eles têm de mudança?

Eloisa: Acho que deu.

Nivaldo: É que as mudanças são lentas e às vezes tem só aparência, não muda como a gente queria que mudasse como na República ou na Nova República. E como fica a questão da dependência?

Eloisa: Daí veio a dependência econômica e alguém citou que nós não somos independentes por causa da dívida externa. Então eu falei para os que têm parentes nos Estados Unidos trazer alguma informação.

Nivaldo: Como é a vida lá, o padrão de vida de quem é mais dependente e quem é menos dependente e se os dependentes e endividados não pagam o padrão de vida mais alto do país menos dependente e mais rico.

Eloisa: Durante a semana eu vou conversando com eles, orientando para que escrevam alguma coisa e eu já vou dando uma olhada.

Nivaldo: Dentro desta temática mudança a gente pode ver uma série de fatos cujo objetivo dos seus autores era a mudança. Tem a Cabanagem, os Farrapos, a Confederação do Equador e se mudança é o tema gerador, a temática significativa isso vai ter que estar sempre presente¹.

Eloisa: Eu acho que eles vão ficar muito ligados nisso e vão perceber quem são os agentes de mudança.

Nivaldo: E quem são os que querem mudança e os que não querem mudança e porque querem ou não estas mudanças.

Eloisa: Foi isto que a gente conversou com eles, vamos ver o que eles vão trazer escrito para discutir na próxima aula.

1. Comentaremos o equívoco que cometi em relação a tema gerador como sendo um pano de fundo colocado junto ao programa oficial.

AULA DE 03/05/90

Eloisa: Na aula passada foi discutido sôbre independência e a gente pediu um trabalhinho.

Eu dei uma olhada em alguns e pelo que foi questionado na aula passada a gente sentiu que realmente está faltando algum embasamento de alguns conteúdos antes da independência, para a gente entender o processo de transformação, de mudança do fato Independência. Nós então vamos ter que rever um pouquinho mais os conteúdos anteriores à independência porque o assunto da 7ª série é a partir da Independência. Então a gente gostaria agora de discutir com vocês aquilo que foi pedido, até sugerido para que vocês analisassem em casa com livros a diferença que existe entre o nosso processo de Independência no Brasil e do resto da América.

Vamos ver se partindo desse trabalhinho de vocês alguém consegue ver a diferença porque no Brasil foi assim e porque na América Espanhola aconteceu de outra forma.

Nivaldo, queres falar alguma coisa?

Nivaldo: Eu acho que tem que ver o que o pessoal conseguiu escrever.

Eloisa: Tá, vamos ver. Marilda conseguiste escrever alguma coisa, não Marilda? Você também não? Conseguiu, Romeu?

Romeu: O quê?

Eloisa: Escrever. Estavas na aula passada.

Romeu: Estive.

Eloisa: Não se ligou naquilo que foi comentado para ver em casa?

Romeu: Ligar eu me liguei, só que eu não fiz. Não achei livro e fazer de cabeça é complicado.

Eloisa: Então, vamos conversar agora.

Romeu: Mas se eu fosse escrever, eu ia escrever qualquer coisa sôbre a Independência do povo, do país.

Eloisa: Será que Independência acontece assim, o país fica independente o povo dependente?

Nivaldo: Esta diferença entre povo e país é bom a gente deixar mais claro.

Romeu: O Brasil ficou independente, não foi o povo igual aos outros países, mas para mim nenhum país é independente porque um depende do outro.

Nivaldo: Tens razão hoje ninguém vive isolado, existe muitos intercâmbios e uns têm muito ferro, outros petróleo e não têm outros produtos e quem não tem precisa comprar, depende do produtor. Mas nós estamos aqui tratando daquela dependência que é sujeição que é ser dominado e explorado por outro mais poderoso. Quando o Brasil dependia de Portugal era obrigado a aceitar as leis e decisões vindas de lá. Hoje isto não acontece mais, no entanto hoje depende da tecnologia e do capital externo. Quando o Romeu diz que o país pode ficar independente e o povo não, a gente pode entender que independência para o povo é ter emprego, bom salário, boa escola, moradia enfim viver com dignidade e a gente sabe que isto não aconteceu em 7 de setembro de 1822.

A Independência foi boa para os fazendeiros e comerciantes aqui de dentro e para os ingleses, é claro.

Marcos: Foi comentado na aula passada que nos outros países foi proclamada a independência porque eles fizeram um tipo de Rebelião e no Brasil já estava programado para fazer isto. Daí parece que é a esposa de

D. Pedro I mandou uma carta para ele dizendo que o negócio estava ficando quente, daí então ele proclamou a Independência.

Nivaldo: Na Argentina e outros países a independência foi conseguida na luta e foi logo feita a República, no Brasil teve Imperador.

Eloisa: Sentiram a diferença que houve na Independência do Brasil e das outras colônias.

Angelita: É porque teve muito derramamento de sangue, guerra assim nos outros países e no Brasil não.

Nivaldo: Foi bom ter acontecido assim?

Aluna: Eu acho que foi bom porque daí ninguém morreu¹.

Nivaldo: Foi bom porque ninguém morreu está certo, mas como não houve luta também não mudou nada, foi um acerto como disse o Marcos; pois D. Pedro desta maneira ficou imperador do Brasil, ficou um assunto de família, entre D. João VI e D. Pedro.

E como foi que D. Pedro veio para o Brasil?

Romeu: Ele veio com a família real. Veio uma porção de gente. Eles vieram porque outros países estavam atacando Portugal. Por quê, não sei. Eles estavam atacando Portugal, aí a família real se mudou de Portugal, iam morrer a maioria se enfrentassem, aí eles vieram para cá. Me esqueci quem fez eles correrem de lá.

Nivaldo: No ano passado vocês devem ter ouvido que foi os 200 anos de Revolução Francesa e que o Sarney foi para Paris com uma comitiva de 100 pessoas.

É que a França estava em guerra com vários países depois de derrubar a monarquia. Foi um período muito agitado na França e em toda a Europa, cheio de guerra e o rei de Portugal para fugir dos exércitos franceses,

1. Na realidade foi bem mais tranqüila do que na América Espanhola, mas houve lutas na Bahia e no Pará.

veio para o Brasil que era sua colônia. Quando tudo acalmou mais tarde na Europa, D. João voltou e ficou aqui D. Pedro que proclamou a independência e se tornou Imperador.

Os primeiros contatos com os alunos parecem apontar a temática da mudança como tema gerador. A campanha presidencial onde estas questões foram exaustivamente discutidas ainda estava viva na memória. É um tema discutido no dia-a-dia e talvez até pela necessidade de mudança sentida pela sociedade os meios de comunicação oferecem bom espaço a respeito, para talvez alimentar a esperança de que os tempos agora são outros.

Foi assim em 1930, em 1964, em 1985, com a Nova República, só para citar fatos recentes. A partir desta percepção, por um momento pensamos que a temática mudança como tema gerador seria como um pano de fundo, algo sempre presente no desenrolar de nossas aulas e se houvesse coincidência com o programa oficial o tema gerador como que permearia os conteúdos numa acoplagem programa tema gerador. As coisas pareciam estar fáceis, o programa da 7ª série era Independência, o tema gerador parecia ser mudança, portanto a prática dialógica no ensino da História seria analisar e desvelar as falsas mudanças advindas com a Independência e todas as "mudanças" que nada mudaram na História do Brasil. Eu até sentia um certo alívio por não ter que elaborar um outro programa; pois não sabia qual seria a reação da burocracia do colégio com o cumprimento do programa, os planos de aula, os alunos transferidos e todos os obstáculos que encontram os que querem alterar qualquer coisa.

Era o momento de colocar em prática o que tínhamos discutido e mostrar como tínhamos entendido a investigação temática e os temas geradores. Tínhamos que dar um encaminhamento próprio para aulas de História, não podíamos ficar contando e escutando as histórias de cada um o semestre inteiro. Que conteúdos seriam os objetos de diálogo entre professores e alunos?

As aulas seguintes, o insucesso em fazer o aluno realmente se ligar

nos temas, acompanhar e ter o entendimento pretendido fez com que revíssemos nossas posições. Tema gerador não é pano de fundo, mudança pode até ser um tema gerador, mas não pode simplesmente se ajustar a um programa, mesmo quando aparentemente pareça viável. Os alunos que pareciam estar acompanhando, tiveram a coragem e a sinceridade de pedir para tratarmos de assuntos mais próximos a eles.

A discussão com os colegas e a professora orientadora do mestrado obrigou-nos a revisão completa do andamento que estávamos dando. O relato vai mostrar os momentos difíceis passados pelo grupo na superação do equívoco em que eu tinha um pouco a obrigação de evitar.

AULA DE 10/05/90

Eloisa: Hoje nós precisamos conversar assim de uma forma bem aberta, bem sincera e a gente saber o que está acontecendo, a gente precisa discutir e resolver estas questões que vocês estão em dúvida e também saber por que as nossas aulas ou a aula passada permitiu que deu sono. É só a aula de História que dá sono?

Catiusa: É por causa das outras aulas a gente participa mais, a gente faz exercício sei lá, é por causa que a gente fica ouvindo os outros falar.

Aluno: É porque é só dois.

Eloisa: Eu pergunto, foi negada a oportunidade de falar na última aula a alguém?

Ledjane: Professora, eu acho que é assim: o pessoal não entende muito bem, eu acho que a senhora deveria dar um texto, para a gente estudar, depois fazer perguntas e a gente responde para ver se a gente entendeu. Nós estamos acostumados a escrever no caderno, ler aquilo ali para depois responder. Sem saber é difícil falar na hora. Vocês dão as perguntas a gente debate a resposta. A professora podia dar um assunto no quadro, a gente copiava o assunto e as perguntas. Chegava na aula, a senhora fazia essas perguntas para os alunos responderem, cada aluno tinha uma resposta; daí a gente debatia as respostas para ver quais estavam certas.

Eloisa: Assim tu achas, que ia entender melhor do assunto?

Ledjane: Acho que sim.

Marilda: Na minha opinião é assim, se a gente fala sobre Independência aí então o professor não deve perguntar só para dois ou três, mas deve perguntar para todos.

Marcos: Na aula passada foi perguntado pra um monte de gente só que alguns não falaram, não queriam responder.

Eloisa: Por que todos não falaram?

Catiusa: Porque a gente não vai falar o que o outro já falou. Eu entendi o que estavam falando, mas queria falar também, não fiquei escutando quieta.

As perguntas deveriam ser feitas para quem ainda não falou para dar chance para todos.

Ledjane: Eu acho ainda que se a gente tivesse alguma coisa escrita para olhar em casa, ficava mais fácil lembrar. Às vezes a gente não responde uma coisa da aula passada porque não gravou. Uma semana depois nós temos várias aulas e esquecemos.

Eloisa: O Nivaldo também quer falar alguma coisa.

Nivaldo: No primeiro dia de aula foi pedido para vocês escreverem e falarem um pouco da história de vocês. Continuamos depois na 2ª aula. Depois a gente pulou para a Independência e agora vocês estão propondo que a gente dê mais oportunidade de todos participarem. Agora, enquanto vocês estavam falando, eu ^écutava, eu estava pensando se os assuntos da Independência, da vinda da família Real, da Revolução Francesa, da América do Sul, se tudo isto ainda não está longe das histórias de vocês.

Alunos: Está longe.

Romeu: Eu acho que está perto porque foi uma coisa que aconteceu aqui, tem tudo a ver com o que aconteceu conosco.

Catiusa: Eu acho que está longe porque é coisa do passado.

Romeu: É coisa do passado, mas é a História do Brasil, aconteceu com o Brasil.

Nivaldo: Quando eu digo longe, eu não quero dizer 200 anos ou 3.000 km, é longe das nossas vidas, do nosso cotidiano, do dia-a-dia de quem tem uma oficina e ajuda o pai, de quem ajuda na estufa, ajuda a mãe a fazer malha, quem está ameaçado de perder o emprego ou está de licença remunerada. Mas qual é a história mais importante, aquela que interessa mais?

Catiusa: É a de agora, aquela que a gente está vivendo, por exemplo a gente conseguiu o direito de votar, muita gente está indo para as ruas para lutar pelos seus direitos. A gente podia procurar texto sobre isto, jornais, qualquer coisa para debater.

Eloisa: Nós estamos tentando ligar o tema independência com o tema mudança e devagarinho ligar com o presente de cada um de nós e do Brasil.

Catiusa: Então quem sabe a gente podia fazer assim: a gente pega os textos de agora e daí a gente ia voltando, ia vendo porque aquilo ali foi feito, mas que o básico fosse a história de agora, a gente podia até voltar um pouco em cima daquele texto para ver por que aconteceu aquilo, se aconteceu coisa igual antes.

Eloisa: Está ótimo, vocês acham importante aquilo que a Catiusa está expondo?

Alunos: Sim.

Eloisa: Pegar temas atuais, saber por que fechou aquela mina, quais são os problemas que está provocando?

Nivaldo: Eu acho ainda que se a gente estudar a questão do fechamento da mina, é ótimo porque está aí perto, mas se não tiver ninguém da sala envolvido com aquele problema ainda vai ficar longe.

Aluna: Meu pai é mineiro.

Nivaldo: Precisamos então ver a partir do que a família dela está vivenciando, como é que vai ficar o pão na mesa dela, como é que vai ficar o aluguel, a roupa - (termina a aula).

COMENTÁRIO APÓS A AULA DE 10/05/90

Eloisa: Vocês observaram as reações da turma e viram como os assuntos do programa estão distantes e como eles têm apego a um texto, a alguma coisa para estudar depois.

Nivaldo: A insatisfação deles coincide com uma preocupação que eu cheguei a falar com a Eloisa quando íamos para a sala. Nós chegamos a esta temática da mudança e fizemos coincidir com o programa da 7ª série. E eu perguntava se nós não estávamos caindo na História tradicional embora a proposta fosse de uma educação dialógica.

Goretti: O fato de eles falarem o que falaram, já é sinal de crescimento. Eu acho também que nós estamos muito preocupados com os conteúdos dos programas, mas a nossa escola dá bastante abertura e mesmo a UCRE está propondo uma abertura.

Nivaldo: Analisando com sinceridade, eu acho que eu tinha mais obrigação até do que vocês de não me equivocar. Como elemento de fora eu não queria criar atrito com a hierarquia da escola e pensei que fosse possível acoplar o tema gerador ao programa oficial e agora provamos que não dá. O programa a ser executado tem que ser feito e refeito a partir dos temas geradores. Os elementos do novo programa é a Redução Temática.

Eloisa: A Catiusa conseguiu colocar bem claro que se pode partir dos mineiros e dali até voltar indo para trás no tempo.

Goretti: Eu escutei a fita da aula da 7ª A e percebi como vocês fizeram relações do passado com o dia-a-dia até comparando a situação dos palácios daquela época com as mansões de hoje.

Nivaldo: Só que agora estou me percebendo como fui educador bancário naquela aula, mesmo tendo me saído bem com os exemplos.

É que eu passei em determinado momento a explicar e não a provocá-los a que eles descobrissem estas relações.

Eloisa: Os reparos que eles fizeram hoje foram muito importantes para a gente repensar o encaminhamento que estávamos dando.

Nivaldo: A sinceridade deles em colocar o que sentem foi de botar a gente contra a parede. A rejeição aos conteúdos distantes, as observações quanto a valorizar as falas de alguns e deixar em segundo plano outras falas foi uma lição de como não devem ser as aulas daqui para frente.

Goretti: Cá para nós não é fácil mudar a fundo, mudar o livro didático, pegar um mais aberto tudo bem, mas mudar a fundo, é difícil.

Nivaldo: Nós estamos há meses estudando juntos a teoria dialógica e agora estamos quase no zero outra vez. Mas já percebemos como não deve ser. Pior seria improvisar e desastroso seria agora não reconhecer o equívoco. Embora a teoria esteja aí já bem elaborada, nós temos que reconstruí-la na nossa situação concreta, senão também fica muito mecânico.

Eloisa: E agora que faremos?

Nivaldo: Parece que é o momento de tentarmos o máximo de coerência possível dentro daquilo que é a proposta. Vamos partir dos temas geradores e trabalhar sem amarras. Eles mesmos querem trabalhar a realidade atual.

Eloisa: A gente pediu para eles falarem, escreverem e depois deixou meio de lado, a gente tinha que retomar.

Nivaldo: A minha sugestão é que a gente reúna o máximo de jornais locais e que se traga para a sala. Cada aluno ou até em dupla vão procurar uma reportagem que desperte o interesse dele. Vai ler, escrever

do que trata e justificar por que aquilo é importante para ele, por escrito. É uma forma de retomar os temas deles, ver se confirmam alguns e daí a gente discutia e quem sabe descobria o tema gerador.

Eloisa: Eu acho que dá para experimentar.

Goretti: Eu concordo.

AULA DO DIA 31/05/90 APÓS UM PERÍODO DE GREVE DE 3 SEMANAS

Eloisa: Estamos de volta após uma parada em que, como vocês sabem, os professores pararam para garantir os direitos deles.

Nós também estivemos conversando sobre o andamento das nossas aulas, o que vocês pediram na última aula e então trouxemos alguns jornais para vocês folhearem e cada um ou em dupla escolhe uma reportagem que chamou atenção e depois resume o assunto, dizendo do que se trata e diz por que é importante para vocês. Combinado?

Marcos: Sobre qualquer coisa, eu quero sobre futebol.

Nivaldo: Se vocês folhearem o jornal e não encontrarem assunto que interesse, vão ali e trocam.

Eloisa: Nós vamos dar um tempo para vocês lerem e escreverem em seguida vocês vão ler e comentar. (...)

Eloisa: Então vamos lá, quem quer começar?

Anameire: O título da reportagem que eu escolhi é assim: "Até soldado da PM é assaltado". Eu li o texto e estava escrito que três assaltantes roubaram várias casas, inclusive uma de um policial militar. Eu achei interessante colocar aqui que a violência não escapa de ninguém porque até a polícia militar foi assaltada. Então como está o nosso país no dia de hoje, como está perigoso a gente sair de casa.

Eloisa: Tem alguém com assunto parecido?

Marcos: o meu assunto é sobre roubo de carro, que é preciso botar alarme; pois, só chave não adianta mais. Eu acho que tinha que ter pena de morte.

Luciano: Mas onde tem pena de morte, muita gente inocente morreu sem merecer.

Marcos: Mas tinha que ter prova.

Alexandra: É porque algumas pessoas roubam por precisão, porque elas querem trabalhar, mas não conseguem serviço.

Alex: Não é bem assim, porque serviço tem e qualquer servicinho dá algum dinheiro.

Alexandra: Tem casos que a pessoa não encontra e se encontra, não dá para sustentar a família.

Anameire: Mas roubar não é coisa certa.

Catiusa: Mas quando não tem outro jeito de sustentar a família ele não vai ligar de onde veio o dinheiro se não tiver serviço.

Alex: Serviço só não tem para vadio porque, por mais humilde que seja o serviço, tem.

Nivaldo: Não é o Andrei que tem um irmão nos Estados Unidos e lá quanto é que ele ganha.

Andrei: 18 dólares por hora.

Nivaldo: Será que pagando bem por serviço humilde, não vai ter mais gente deixando de ser vadio?

Andrei: Brasileiro é tão tanso que chega lá nos Estados Unidos e eles botam o brasileiro lá em baixo, botam a fazer o serviço que eles não querem fazer, mas quando americano vem aqui nós botamos eles lá em cima.

Marcos: As pessoas que não estudam, não conseguem achar empregos bons e por isto acabam precisando roubar para viver.

Patricia: Eu acho que os maiores ladrões são os estudados, porque os maiores ladrões são os que roubam do povo, os políticos corruptos.

Alunos: Batem palmas, pedem bis.

Patricia: Eu acho que os políticos que roubam do povo, aumentando os preços, a corrupção eu acho que é o maior ladrão.

Alunos: Batem palmas novamente.

Acaba a aula.

AULA DO DIA 07/06/90

Eloisa: Vamos encontrar o fio da meada da aula passada, vamos ver quem é que estava falando, quem é que lembra.

Marcos: Eu estava dizendo que uma porção de carros tinham sido roubados, daí então eu estava dizendo que no Brasil roubavam muitos carros e então eu sugeri que num flagrante devia ter pena de morte.

Eloisa: Daí alguém colocou que as pessoas roubavam porque estão na necessidade.

Marilda: Daí eu coloquei que conheço um monte de ladrão que são estudados e bem de vida.

Patricia: Eu coloquei que os maiores ladrões eram aqueles milionários e políticos que roubavam do povo.

Eloisa: Vocês perceberam uma coisa?

Marilda: Eu percebi que foi uma aula mais gostosa que todos participaram, que foi muito melhor, que todos entenderam e a gente discutiu.

Eloisa: Eu percebi que hoje vocês estão lembrando da aula passada e antes vocês não conseguiam, isto para nós é muito bom.

Vamos ver quem vai querer colocar o próximo assunto. Quem é o próximo, a Fabiana, a Katia?

Katia: Tem aqui no jornal que os mineiros de Criciúma ocuparam o pátio da mineradora. Eles estão protestando contra o fechamento de uma mina e para conservar o emprego de 2.000 pessoas. Nós achamos interessante porque o governo Collor ia ajudar os trabalhadores, mas nós estamos

vendo que não é bem assim, pois 2.000 trabalhadores estão ficando sem emprego e nós queremos saber por quê. O jornal que eu li, dizia que o carvão daqui não era muito bom, diz também que é porque a mina está dando prejuízo.

Eloisa: Pelo que eu entendi esta carbonífera é do Governo e está dando prejuízo.

Alex: Eu li que é 1.500 e não 2.000 o número de trabalhadores.

Marilda: No dela estava 2.000 e no meu 1.500.

Eloisa: Vamos deixar a quantidade em suspenso por enquanto e vamos ao problema do fechamento da mina.

Alguém escutou ou leu que a mina estava dando prejuízo?

Alex: Parece que lá numa mina de Criciúma os mineiros vão pegar e tocar eles a mina.

Katia: É, existe uma mina que os trabalhadores estão tocando. Eu acho também que antes de fechar uma mina e deixar tanta gente na rua precisava ver por que dá prejuízo, trocar a Diretoria, alguma coisa assim.

Luciano: O pai disse que a mina fechou porque tinha muito encarregado.

Eloisa: E será que os encarregados ganham mais que os mineiros?

Luciano: Os encarregados ganham 80.000 e os mineiros na média de 23 a 30.000.

Nivaldo: Um ponto que faz a gente pensar é que se a mina, no entender do governo, dá prejuízo e os mineiros estão dispostos a tocar pode ser problema de administração. Tem mais encarregado e engenheiro do que o necessário e estes quase sempre são colocados por apadrinhamento, com salários mais altos e não são necessários para a produção. E uma pergunta, quando os mineiros receberam o aviso prévio, aceitaram assim de braços cruzados?

Alunos: Não, eles invadiram a empresa.

Fabiane: Vão acabar indo para rua do mesmo jeito, o governo decide e pronto.

Nivaldo: Faz um mês que eles receberam o aviso prévio, portanto um mês depois todos eram para estar desempregados, eles perderam o emprego?

Alunos: Perderam.

Alunos: Não perderam.

Alunos: Pegaram licença remunerada.

Nivaldo: Eu conversei com alguns mineiros que foram esclarecer a luta deles lá na FUCRI e eles diziam que a decisão do Governo era fechar para privatizar e que o aviso prévio era para valer.

Eles, mineiros com a ocupação da empresa, com a mobilização geral, ida a Brasília e ao Governo do Estado conseguiram reverter a situação transformando aviso prévio em licença remunerada. Certamente se eles aceitassem passivamente a decisão do Governo, quando passasse o mês de aviso prévio, estariam todos na rua.

Katia: Os mineiros que estão lutando pelo emprego não é também porque estão perto de se aposentar e perdendo o emprego agora fica ruim de achar outro emprego?

Os mineiros que estão lá trabalhando na mina, estão tentando conservar os empregos, eles estão ganhando o salário?

Aluna: O meu tio está ganhando e está parado.

Nivaldo: A situação é mais ou menos a seguinte: Tem uns 70 que não receberam o aviso e trabalham na manutenção e no escritório.

Se não tiver manutenção as galerias enchem de água. Parou a produção mas se as minas encherem de água, estragam-se os equipamentos. Precisa manutenção para a hora da volta à produção.

Alex: Esses que estão lá tirando água, esses 70, quer dizer que o Governo quer continuar, senão tirava tudo e deixava encher.

Nivaldo: O Governo tem a intenção de privatizar.

Alex: Então se ele não tivesse segundas intenções, ele tirava tudo e fechava a mina.

Nivaldo: O grande problema para o mineiro é que se a mina for vendida, o comprador não vai querer assumir compromisso com a massa de trabalhadores, a empresa que comprar vai selecionar os trabalhadores que achar melhor e aqueles com mais tempo de serviço e às vezes até doentes vão ficar sobrando, desempregados.

Eloisa: O que vocês achavam de numa das próximas aulas a gente trazer um mineiro que esteja participando dessa luta?

Alunos: Concordamos, é bom.

Eloisa: Vocês até a próxima aula vão pensar naquela questão colocada aqui: se os mineiros ficassem de braços cruzados e aceitassem o aviso prévio como ficaria, melhor ou pior?

Alunos: Pior!...

Eloisa: Pensem um pouco nisto e em perguntas para fazer ao mineiro que nós vamos trazer.

E agora tem alguma pessoa que queria falar?

Gilvânia: Minha reportagem fala de violência. Um corpo foi encontrado sem vida no Bairro Tereza Cristina com várias facadas.

(Acabou a aula)

AULA DO DIA 21/06/90

Eloisa: A gente teve um feriado na semana passada e quem ajuda relembrar a questão que nós estávamos vendo?

Gilvânia: Foi a minha.

Alex: Os mineiros.

Gilvânia: Dos mineiros já tinha acabado.

Eloisa: E a questão que a gente tinha colocado, algum lembra?

Kátia: A professora perguntou se nós achávamos que eles deveriam se movimentar, fazer o que eles fizeram ou se era melhor ficar parado, de braços cruzados. Eu acho que a movimentação deles deu resultado porque assim eles garantiram licença remunerada por mais tempo e isto é salário.

Aluno: O assunto mineiro já enjoou.

Aluno: Não enjoou não!

Eloisa: A Fabiana não acha interessante?

Fabiana: Não!

Eloisa: Não tens nenhum interesse em saber sobre os mineiros?

Fabiana: Eu não, para que saber sobre os mineiros?

Eloisa: Por quê?

Fabiana: Eu não tenho nada a ver com eles.

Eloisa: Isto deixa a gente desarmado.

Marilda: Professora eu acho importante porque, como é que 1.500 ou 2.000 famílias vão conseguir o próprio sustento e na situação em que a gente está hoje, não é fácil conseguir dinheiro para comer, morar, vestir. Com o plano Collor quem perde o emprego não é fácil encontrar outro.

Eloisa: A Marilda mostrou que para ela as pessoas não vivem isoladas. A gente não vive bem só quando as coisas vão bem para nós, mas a gente vive bem quando sabe que o colega, o vizinho vive bem. Mas quem sabe a gente devia de trazer um mineiro como falamos na outra aula e ele conversa com a turma?

Geovani, o teu pai pode vir?

Ele gosta de falar assim em público?

Geovani: Não sei, acho que não.

Eloisa: Queres falar Alex?

Alex: Professora, os mineiros na 2ª feira fizeram uma passeata lá em frente da minha casa, fecharam a BR-101 ali no trevo. O pai estava falando com um mineiro e ele dizia que eles estavam fazendo aquilo lá porque o Governo precisava saber da mobilização deles e se a situação não for resolvida eles fecham de novo.

Katia: A minha mãe não achou certo fechar a estrada; pois o Collor não estava lá e quem esperou 5 ou 6 horas foram os caminhoneiros e quem tinha hora para chegar.

Eloisa: A atitude que eles tomaram em relação ao fechar a BR, foi uma maneira de colocar ao público a situação deles e alertar que de arbítrio em arbítrio pode ser esta daqui a pouco a situação de muito mais gente.

Foi a maneira que eles encontraram de dizer que estão lutando, que estão vivos. Isto também é importante para definir de que lado nós estamos, do lado do mineiro ou do lado do Governo.

Katia: Mas deste jeito o mineiro está pensando só no lado dele.

Nivaldo: Uma greve, é verdade, sempre prejudica um lado. Greve de motorista de ônibus prejudica os passageiros, de professores prejudica aluno. Mas o objetivo de uma greve é contestar um tipo de organização da sociedade, de parar a produção e nisto está a força da greve ou de uma passeata em demonstrar a insatisfação da população com o sistema, com aquele tipo de organização. Se estas coisas não tocassem nenhum interesse, não teria força. Para os dirigentes as coisas estão boas assim e quando há manifestações contrárias eles são obrigados a rever seus pontos de vista.

Catiusa: Vou comentar o que eu li. Diz que a CBCA que é administrada pelos próprios trabalhadores atrasou o pagamento por falta de dinheiro.

Eloisa: Aí eu não entendi, os trabalhadores administram e atrasam os salários. Quem tem mais informações?

Nivaldo: Eu conheço um pouco. A CBCA é aquela carbonífera que faliu porque os lucros eram levados para fora da região. Os trabalhadores diziam que, se a mina fosse bem administrada era viável e conseguiram isto na justiça e estão administrando.

O Governo no entanto é quase o único comprador do carvão e às vezes atrasa o pagamento da compra do carvão por vários meses e sendo uma empresa sem capital de giro e não podendo fazer empréstimo por ter falido encontra dificuldade em pagar, é verdade.

É bom que se diga que os mineiros da CSN colocam como uma das alternativas para reabrir a mina que eles mesmos administrem em forma de cooperativa.

AULA DE 28/06/90

PALESTRA DO ANTÔNIO DOS SANTOS SEBASTIÃO (MARINHEIRO)

Eloisa: O que nós combinamos deu certo. Conseguimos trazer 2 companheiros que estão diretamente ligados ao problema da CSN.

Eles vieram aqui para ajudar esclarecer as dúvidas que ainda ficaram com as notícias que conseguimos nos jornais, rádio e TV. Vamos lá então.

Marinheiro: A princípio eu gostaria de dizer meu nome e como eu sou conhecido. Meu nome é Antônio dos Santos Sebastião, mas sou conhecido pelo apelido de Marinheiro. Sou vice-presidente do Sindicato dos Mineiros de Criciúma e o companheiro que veio comigo é o Ulisses que também é da CSN e faz parte da CIPA e que também faz parte do comando geral do nosso movimento.

Hoje como é de conhecimento de todos, nós somos um pessoal que estamos de licença remunerada porque o primeiro passo que foi tomado em cima dos mineiros da CSN foi a demissão em massa. Nós então tomamos uma posição e colocamos todos os trabalhadores dentro do pátio da empresa e revertemos as demissões em massa por licença remunerada.

Começamos então a reverter a situação e hoje todo o pessoal, os trabalhadores estão dentro do pátio tentando uma saída. Já fizemos viagem a Brasília tentando falar com o Presidente. Vocês sabem que a CSN de Criciúma é um departamento da CSN de Volta Redonda e portanto uma empresa estatal e portanto do Governo e sendo do Governo nós temos a nossa avaliação, ela é muito mais do trabalhador porque foi o trabalha-

dor que produziu todo esse patrimônio que hoje se chama CSN. Um patrimônio que é do trabalhador e que tem que ser defendido por ele.

Nivaldo: Vocês podiam relatar um pouco do que vocês já fizeram e também como está a organização de vocês.

Marinheiro: A tomada da empresa é para a garantia do emprego, para nós o emprego é a coisa mais digna que nós podemos ter e nós não temos pedido nada mais que o emprego. Foi por isto que nós fomos ao Governo do Estado. Tem certas coisas que estão acontecendo em Santa Catarina e que vão prejudicar o Estado.

São 13 Departamentos que estão sendo levados para outros estados ou sendo fechados. Foi assim que fomos à Brasília e junto com a audiência aos Deputados nós levamos ao Presidente nossa reivindicação para manutenção dos nossos empregos.

Foi levantada até a proposta de que se o Governo não quisesse tocar a mina, nós tocávamos em forma de cooperativa.

A gente até salientou ao Presidente que desse pessoal que está demitido nós temos de 25 a 30% desse pessoal que são portadores da pneumoconiose, doença esta que impede de trabalhar noutra empresa porque não passa no exame médico.

Eloisa: A mobilização de vocês é que está garantindo que a demissão se transforme ao menos temporariamente em licença remunerada.

Marinheiro: Perfeitamente, se não fosse nossa mobilização a intenção era demitir todos. É bom a gente fazer entender que a licença remunerada é como se fosse a mesma coisa que continuar trabalhando, ganha sem trabalhar e isto nós não queremos.

Aluno: Por que o Governo mandou fechar a mina?

Marinheiro: Não é por causa de prejuízo porque o próprio superintendente da região afirma que a empresa é lucrativa, está dando lucro, mas o Governo já tinha dito na campanha eleitoral que ia privatizar e

aqui ele não está privatizando, está fechando para facilitar a privatização.

A decisão de fechar foi sem consulta nem acerto, simplesmente no dia 7 de maio todos foram trabalhar e receberam a comunicação que não podiam bater o cartão e que deviam assinar o aviso prévio. Só ficavam os bombeiros e madeireiros para manter a mina sem água ou impedir desmoronamento.

Então foi onde nós tomamos uma posição, à de convocar uma Assembléia e nesta Assembléia foi tirada a posição de acampar no pátio da Empresa e outras medidas que reverteram o aviso em licença remunerada que agora já vai para 60 dias. Mas cada dia 7 a gente não sabe o que vai acontecer. E são mais ou menos 1.500 mineiros quase todos casados com 1, 2 ou 3 filhos.

Aluno: E se o Governo mantiver a decisão de fechar o que vocês vão fazer?

Marinheiro: O Governo já sentiu que o mineiro não é fácil de dobrar, nós já mostramos isto quando estivemos 12 dias em Brasília e o Governo sentiu que nós não vamos lá passear e já mostramos aqui em Criciúma do que somos capazes, enfrentando até a polícia. A nossa tradição de luta vem de longe e o Governo sabe disto.

Aluno: Vocês preferem tocar a mina ou que continue com o Governo?

Marinheiro: Seria melhor que o Governo desse continuidade porque uma cooperativa de trabalhadores necessitaria do Capital de Giro e a CSN já tem este Capital. Precisa também moralizar a empresa, deixando com o número justo, de engenheiro, encarregados e trabalhadores.

Aluno: Se vocês perdessem o emprego, vocês acham que seria muito difícil arranjar emprego ou vocês já tem algum emprego em vista?

Marinheiro: Não. A nossa cidade e toda a região com este Governo passa por um processo de recessão, portanto de grande desemprego.

Dos 1.500, poucos achariam emprego porque outras firmas não estão aceitando empregados. Quando nós vínhamos para cá, passamos por uma manifestação de trabalhadores protestando contra a falência de uma firma.

Aluno: É verdade que existem encarregados e engenheiros demais?

Marinheiro: Anteriormente nós falamos em moralização da empresa. Nós sabemos que tem muitos encarregados, capatazes, supervisores e engenheiros. Tem minas particulares que tocam com 5 engenheiros e a CSN tem 30. Podia tocar com 10 engenheiros e menos gente não diretamente envolvida na produção e estes são os salários mais altos. Nós não vamos mexer na "casca grossa" que é o mineiro. E em termos de salário um engenheiro ganha por 8 a 10 mineiros.

Aluno: Por que vocês fizeram aquela passeata que fechou o trevo da BR-101?

Marinheiro: Foi boa a tua pergunta. A BR-101 é onde tem um grande movimento e fechar teria uma repercussão muito grande e, se nós fechássemos a BR-101 por 5 horas como fechamos, ia dar uma repercussão nacional muito grande e era este o nosso objetivo, chamar a atenção do Governo para o nosso problema. Não conseguimos isto na totalidade porque a Globo boicotou assim como outras emissoras que sempre se colocam a favor do regime.

Vocês talvez não façam idéia do tempo necessário para organizar um protesto desta dimensão. Foram 60 km de engarrafamento, nós levamos ambulância, médico, lanche porque sabíamos que ia ser um transtorno muito grande e se os noticiários boicotavam a notícia, isto veio da própria Presidência o que significa que o recado chegou até lá.

Conseguimos também com o Governador que não houvesse repressão policial porque demos nosso apoio ao S.O.S. Santa Catarina. O Governador até afirmou que a nossa causa era justa e digna.

Aluno: E se o Governo deixasse o caminho livre para vocês tocarem a mina qual seria a primeira coisa que vocês fariam?

Marinheiro: Seria ver o quadro de pessoal e ajustar ao nível das necessidades. Todo mundo precisa saber que a CSN tem milhares de hectares aqui na região, tem as maiores reservas de carvão e saber também que nos últimos 6 meses não foi investido nada na mina. Hoje precisa muito dinheiro em peça e equipamento.

Se as terras da CSN caírem em mãos de mineradores daqui, o solo urbano disponível para loteamento e indústrias vai ter um monopólio prejudicial aos interesses da cidade.

Aluno: Quando vocês estiveram em Brasília, vocês chegaram falar com o Presidente?

Marinheiro: Para chegar até o Presidente tem um esquema de segurança muito rígido. A gente estava numa audiência com os Deputados de Santa Catarina e só eu consegui entrar, furando a vigilância.

Eu me misturei com os deputados e mineradores e como estava de gravata consegui entrar. Na audiência falou o Antônio Carlos e o Küster e na despedida me apresentaram como sindicalista das minas. Então eu falei que nós de Santa Catarina estávamos acompanhando suas aventuras em carros esporte, em manobras aquáticas, mas estamos acompanhando também os atos de demissão de 1.500 mineiros dos quais 25 a 30% são portadores de pneumoconiose e convido o Senhor para conhecer a mina e ver como os mineiros não são marajás.

Assim foi a nossa conversa com o Presidente. Ele disse que aceitava em uma próxima oportunidade vir conhecer as minas e que já na semana seguinte mandaria o secretário dar uma olhada na situação dos mineiros, mas até hoje não mandou.

Esta é a nossa luta. Agora nós estamos organizando uma caravana de 3 ou 4 ônibus para ir a Brasília. Não é a primeira vez que o nosso pessoal vai lá, eles já conhecem nossos protestos diante dos ministérios

ou na Praça dos 3 Poderes.

Rapaziada foi uma satisfação e esperamos ter contribuído para esclarecer os objetivos da nossa luta e estamos dispostos a voltar quando formos convidados. Obrigado.

Alunos: Palmas...

04/07/90

REUNIÃO PENSANDO A AULA DO DIA 05/07/90

Eloisa: Vocês pensaram como é que a gente vai adiante agora? O assunto da CSN avançou bastante. Não estaria no momento de produzir um texto, alguma coisa prática?

Nivaldo: Dentro da perspectiva que estamos querendo seguir me parece o momento de codificar a situação que a leitura dos jornais e a vinda do marinheiro criaram.

Eloisa: Certo, mas por isso que eu digo, o texto aqui poderia fazer uma indução já para eles se enxergarem mais ou menos aí e ajudasse desmistificar isso aí, usando até as perguntas que eles fizeram.

Nivaldo: A codificação deveria ser alguma coisa que mostrasse a luta do mineiro e ao mesmo tempo desafiasse a que eles refletissem sobre que luta que eles podiam fazer e o significado da participação em qualquer luta como elemento capaz de reverter situações que estão sendo impostas, assim como os mineiros estão tentando reverter uma situação a eles adversa.

Goretti: E como é que a gente podia fazer isto?

Nivaldo: Para mim é o momento mais difícil porque cada codificação é única. Não é o conteúdo que é codificado mas o desejo de conhecer, a situação de curiosidade diante do objeto de conhecimento, esta relação do sujeito e do objeto de conhecimento que precisa ser desvelada, descoberta.

O texto ou qualquer instrumento que codifique não pode ser uma explicação de tudo, feita por nós. O aluno é que vai tentar decifrar a mensagem, vai ser uma construção dele.

Eloisa: Tu achas que o texto não é dentro deste caminho?

Nivaldo: O texto é um excelente instrumento. Eu estou achando é difícil imaginar um texto que não seja explicação, acréscimo, mas desafio à construção de um conhecimento para melhor entender o mundo deles e eles mesmos como agentes na construção do conhecimento e na construção do próprio mundo deles.

Eu pensei em criar personagens e botar na boca deles situações que eles mesmos colocaram e ver qual a reação.

Eloisa: Podia ser um texto que relatasse a atitude dos mineiros no dia do aviso prévio e por aí pedir para que digam alguma coisa ou então a gente pode fazer uma dramatização de toda situação do mineiro. A dramatização é uma forma de codificar.

Nivaldo: É uma alternativa que eu acho válida.

Goretti: É também uma forma de eles expressarem o nível de consciência a respeito de muitas coisas.

Eloisa: Então estamos combinados. Vamos experimentar uma dramatização.

AULA DO DIA 05/07/90

Eloisa: Hoje nós temos a intenção de representar alguns dos assuntos que nós estudamos sobre a situação dos mineiros. Se vocês concordarem nós vamos escolher os personagens que cada um vai representar, vamos dar um tempo pra vocês conversarem e depois representarem aqui, o que vocês acham, vocês concordam?

Catiusa: Um teatro?

Eloisa: É um tipo, uma encenação do que está acontecendo.

Catiusa: Do que os mineiros falaram para nós?

Eloisa: Do que está acontecendo, do que eles comentaram aqui e outras coisas que a gente também discutiu.

Vamos ver quais os personagens que nós poderíamos criar, quem vocês acham que deveria ser?

Alunos: O Governo. Os mineiros. Os guardas da mina. Os seguranças lá de Brasília. O Presidente. Os Deputados. O sindicato. Os engenheiros da mina.

Eloisa: Então agora vamos ver quem vai fazer o quê. Quem gostaria de representar o sindicato.

Katia: Eu, Kátia, o Jair.

Eloisa: Katia, Jair, quem mais? A Patrícia quer ser mineiro.

Eloisa: Calma, todos de uma vez não dá!

Aluno: Bota eu aí.

Eloisa: Do quê?

Aluno: De mineiro.

Aluno: Eu também quero ser.

Eloisa: Quem vai ser o Governo?

Aluno: Eu sou o Collor.

Aluno: Foi o Marcos, professora.

Eloisa: Podem ser a Angelita e o Marcos, representando o Governo.

Aluno: A Angelita é o Deputado.

Aluno: Ela é a Zélia.

Eloisa: Está bem, calma. Quem vai representar os guardas? A Anameire, a Alexandra, o Etivaldo.

E os seguranças? Alex, Anderson, Rudnei.

Aluno: Jornalista, quem é?

Eloisa: É importante jornalista?

Aluno: É para a entrevista.

Eloisa: O Marcos acha interessante porque ele disse que o jornalista vai lá, faz cobertura e depois tem alguém por trás dizendo o que não pode passar na televisão. Quem faz o papel de jornalista? O Alex. Agora vocês têm 15 minutos para ensaiar cada papel e depois voltarmos aqui e darmos início.

DRAMATIZAÇÃO

Os mineiros chegam na mina.

Mineiros: Nós queremos bater o cartão.

Guarda: O Collor passou uma ordem que não pode mais baixar a mina, ela vai fechar. É para passar no Setor Pessoal.

Mineiros: Mas nós temos que baixar. É o nosso trabalho. - Eu tenho 3 filhos para criar.

Sindicato: O Presidente do Sindicato dos Mineiros mandou todo mundo se reunir na frente da mina e não assinar aviso prévio.

Mineiros: Escuta aqui, nós queremos baixar a mina e os guardas não querem deixar, nós vamos bater o cartão de qualquer jeito.

Sindicato: Calma, pessoal! Todo mundo para o pátio da empresa amanhã para uma assembléia.

Mineiro: Nós temos é que fechar a BR-101 e ir até Brasília para mostrar para este Governo o que nós somos capazes de fazer.

Em Brasília

Mineiro: Senhor Presidente, nós queríamos conversar com o senhor para ir lá na mina para ver a situação com seus próprios olhos.

- É porque eu tenho 10 filhos, todos pequenos.

Collor: Mas eu não posso deixar uma mina que está dando prejuízo funcionando, prometi que vou privatizar e já mandei dar o aviso prévio.

- Segurança para os jornalistas -

Segurança: Vocês não podem passar isto na televisão, ainda mais na Globo!

Collor: Minha gente, passem bem e quando eu tiver uma oportunidade vou lá visitar a mina de vocês.

Mineiro: Vocês viram como ele não está ligando para os nossos problemas? Vamos falar com os deputados.

Deputado: Minha gente, não adianta vocês se incomodarem. É melhor vocês arranjam outro emprego.

Deputado: Eu estou no lado dos mineiros. Eles merecem um tratamento mais humano.

Deputado: Eu estou de acordo com o Governo, é ele que garante meu salário, ganho sem fazer força aqui de gravata.

Deputado: Mas isto está errado. O mineiro não tem emprego e o deputado ganha uma exorbitância.

Deputado: Azar o deles. Eu estou com o governo desde que ele arranje uns empregos para os meus eleitores.

Mineiro: Companheiros, estamos vendo que não vamos conseguir muita coisa. Os deputados na maioria não se interessam pela nossa situação. O Presidente prefere ir assistir a abertura da copa na Itália e passear por lá de carro esporte. Vamos nos retirar protestando, todos gritem comigo "Mineiro pra frente, um dia Presidente".

Mineiros: Mineiro pra frente, um dia Presidente!

Repórter: Mineiros de Criciúma foram recebidos pelo Presidente, mas não conseguiram nenhuma palavra de esperança. Saíram dizendo que foram tratados como lixo e gritando: "Mineiro pra frente, um dia Presidente", e a "Esperança é a última que morre".

AULA 19/07/90

A partir desta data sentimos que era possível nos experimentarmos quanto a algum instrumento codificador.

Tínhamos estudado a situação dos mineiros da CSN, tínhamos tido a visita de um sindicalista, tínhamos experimentado uma dramatização onde eles puderam colocar sua visão quanto ao governo; aos políticos, aos ministros e mesmo quanto à questão do trabalho do engenheiro e do mineiro nas funções que exercem na empresa. Estas questões foram reforçadas, inúmeros questionamentos que fizemos mediante um texto discutido em aula onde se debateu a responsabilidade sobre o fechamento da mina, a questão financeira, o número de engenheiros e encarregados. A partir de então procuramos trabalhar no sentido de que o aluno refletisse sua posição perante os fatos que estávamos analisando. De que lado ele estava, da luta dos mineiros ou das medidas de governo?

Como o estilo narrativo parece tornar as coisas mais atrativas e porque estávamos trabalhando com história, parece que através de personagens representativos de uma visão de sociedade trariam mais coerência às mesmas tentativas de codificação. Escolhemos nomes que, por existirem tantos, eles nem parecem ser nomes próprios, podem ser qualquer um. Qualquer um de nós à procura de identidade própria.

AULA 19/07/90

Eloisa: Eu gostaria hoje de conversar com vocês sobre uma historinha que nós inventamos e que ainda trata do assunto que nós desenvolvemos até aqui. Com este texto da aula de hoje a gente encerra este assunto. A história é curta e tem 3 personagens. A Fabiana faz o papel de Maria, o André faz o papel de Zé e o Andrei o de Tônico.

Leitura do Texto 1

Zé: Vocês ficaram sabendo que 1.500 mineiros receberam o aviso prévio na CSN e que daqui a um mês todo mundo estará no olho da rua?

Tônico: É, mas parece que eles não vão ficar de braços cruzados, parece que eles vão lutar para defender o emprego que, mesmo sendo duro, garante o salário no fim do mês.

Maria: Eu acho que não adianta nada. O governo decide fechar, enrola os mineiros, fecha e pronto.

Zé: Já pensou este mundo de gente desempregado, alguns são de Içara. Disseram que muitos estão quase se aposentando e estão com aquela doença do pulmão.

Tônico: É por isto que eu acho que eles não vão aceitar sem fazer nada, pois eles sabem que a situação deles é difícil.

Maria: Eu acho que contra o governo não adianta, e nem sei o que eles tinham que fazer.

Tônico: Por mim, eu acho que eles tinham que mostrar que eles estão vivos. Deviam chamar a atenção do governo e da população fazendo algum movimento.

Maria: Estes movimentos, estas greves só prejudicam o próprio trabalhador.

Zé: Esta não, Maria; pois o trabalhador só se agita quando é prejudicado, eles não querem mordomia, querem é trabalhar para sustentar a casa e a família.

Tonico: Tem mineiro que briga pelo seu interesse e dos companheiros, não pensa só em si.

Maria: Eu só penso no meu futuro, vou trabalhar num bom emprego, cada um que se vire como pode.

Tonico: Pois o mineiro sabe que sozinho ele é mais fraco que o governo e os patrões; por isto eles se unem no sindicato, vão todos para os lugares públicos, vão em grupos para Florianópolis e para Brasília com as mulheres e as crianças, fecham até as estradas como a BR-101.

Maria: Até agora não conseguiram nada.

Tonico: Conseguiram, sim. Se eles em maio aceitassem o aviso prévio, em junho estariam na rua. Mas com a luta, eles conseguiram mudar o aviso prévio para licença até julho e agora até agosto. São mais 3 meses de Fundo de Garantia, mais tempo para achar uma situação definitiva.

Zé: Quer dizer que eles ganham sem trabalhar?

Tonico: Sim, mas não é o que eles querem, eles querem é produzir para merecer o pagamento, mas o problema não foi criado por eles.

Zé: Mas por que enquanto procuram uma solução, não continuam trabalhando? Assim a produção não parava.

Tonico: O governo cismou em privatizar e mandou fechar para não dar prejuízo, mas assim dá mais prejuízo ainda.

Zé: E nós estudantes o que temos a ver com a luta deles?

Tonico: Eles, eu acho que nos dão uma lição. A gente não deve se acomodar, aceitar tudo. Os agricultores, o pessoal do comércio, todos deviam ter a oragem deles. A esperança é a última que morre.

Nivaldo: O que vocês acharam? Desses três personagens aí, o que vocês acham deles, como é que eles pensam com quem é que vocês mais simpatizaram.

Marilda: A Maria só pensava nela, só queria pensar nela, só pensa no trabalho dela e os outros que se ralem. No dia que acontecer isso com ela, ela não vai saber como lidar porque todo mundo vai deixar que ela se rale. O Tonico é mais como os mineiros, está pensando como eles, a Maria não, ela só pensa em si, está mais certo o Tonico. O Zé era meio para um lado, meio para outro. O Tonico pensa na sociedade, em todos os trabalhadores que nem ele.

Nivaldo: Entre vocês aqui, existe o Tonico, existe a Maria e existe o Zé? Existem todos eles dentro da sala?

Aluno: Existe.

Aluno: O Tonico e o Zé existem.

Aluno: Também existe a Maria.

Aluno: Eu não acho.

Aluno: Daqui da sala eu conheço.

Aluno: Tu não sabes, às vezes não existe a Maria. Tu consegues ler o pensamento de todos eles?

Aluno: Não, mas eu sei uma pessoa que é parecida.

Aluno: Aponte qual é!

Aluno: Eu sei para mim.

Nivaldo: O que representa a Maria?

Aluno: O egoísmo.

Aluno: Representa desligada do mundo, só pensa nela.

Nivaldo: E se os mineiros em maio quando foram baixar a mina e o encarregado mandou assinar o aviso prévio, se eles fossem iguais a Maria, o que teria acontecido com eles?

Aluno: Estavam na rua. Mas eles foram iguais ao Tônico e ainda estão ganhando.

Nivaldo: Na semana passada uma colega de vocês agiu aqui igual o Tônico. Ela queria ensaiar lambada para uma festinha aqui no colégio e estava dando problema, mas ela não desistia. Quem foi?

Aluno: Foi a Anameire.

Eloisa: Tu aprendeste com os mineiros, tu pensaste neles?

Anameire: Pensar assim na hora em ser igual a eles eu não pensei. Eu pensei que queria o ensaio, eu queria aquilo. Quando a gente quer alguma coisa, a gente tem que lutar por aquilo que se quer.

Aluno: Quando a gente quer, a gente pode.

Aluno: Hoje teve outro exemplo aqui na sala. Tinham dito que não podia fazer festinha de encerramento. Daí nós fomos com a Dona Tereza conversamos e conseguimos; mas o Diretor disse para nós não dizermos para ninguém porque senão as outras salas iam querer fazer também.

Aluno: Primeiro eles disseram que não ia ter festinha e quando eu vinha com os docinhos numa caixa de sapato, ele pegou a caixa e botou em cima da mesa e disse que não ia ter festa. Agora está tudo certo, vai ter festinha, mas nós falamos e corremos bastante.

Eloisa: Este é um pequeno exemplo de conquista quando há uma organização e as pessoas lutam junto. Agora voltando ao texto, o Andrei fez o papel de Tônico, o André o de Zé e a Fabiane da Maria. Como é que tu te sentiu fazendo o papel do Tônico, Andrei?

Andrei: Com aquele papel ali eu me senti uma pessoa que estava lutando pelos direitos do mineiro.

Eloisa: E quem é aqui na sala que se parece com o Tônico? Não é só menino é qualquer um que pensa igual o Tônico.

Katia: Eu.

Eloisa: Porque tu te identificas com eles, Katia?

Katia: Porque os mineiros estão certos, se eles não tivessem feito nada, eles estavam no olho da rua.

Eloisa: Angelita, tu pensas como o Tônico?

Angelita: Eu não!

Eloisa: Igual a Maria?

Angelita: Também não. Mais ou menos igual o Zé.

Eloisa: Então vamos fazer assim, fica sentado neste lado quem se identifica com o Tônico. Por aqui quem pensa como o Zé e ali quem pensa como a Maria. Tem os indecisos, vamos formar o grupo dos indecisos.

Nivaldo: Tu não achas que tem coleguinha teu que pensa como a Maria?

Aluno: Tem.

Eloisa: Quem mais gostaria de dar opinião, Anameire?

Anameire: Porque eu acho que, quando a gente quer alguma coisa, a gente tem que lutar para conseguir, lutar pelo nosso ideal.

Eloisa: Eu gostaria de saber porque a Angelita escolheu o Zé, porque ela é parecida com o Zé e quase parecida com o Tônico, só a Maria que é contrária.

Eloisa: Fala mais do Zé.

Angelita: Não sei.

Eloisa: E tu, Marcos?

Marcos: Porque o Zé não é nem de um lado nem do outro.

Jordane: Eu sou assim eu não sou muito de ir à luta, mas sou de ficar acomodado. Se precisar, é que eu vou à luta.

Eloisa: E tu André, gostaste de fazer o papel do Zé?

André: Não porque o Zé é uma pessoa que não luta pelo que ele quer.

Moacir: Ele não luta muito pelos direitos dele; mas ele ajuda os outros.

Andrei: Eu acho que o Tônico, ele lutava pelos direitos das pessoas, porque ele sabe que é com a luta, quando a gente tem uma vontade, a gente consegue. Agora se a gente luta por nada, só por lutar, só para dizer que está interessado, daí não adianta, não consegue, então eu acho que para lutar tem que ter interesse naquilo e não fazer como a Maria que só pensava nela e que os outros podiam se ralar, ela só pensava nela, é egoísta.

Eloisa: Alguém mais gostaria de falar da posição do Tônico?

Alexandra: Eu acho assim, parecido comigo porque as pessoas falavam, mas ele sempre dizia que os mineiros iam conseguir. Eu quando quero uma coisa eu vou em frente sem pensar no meio, luto junto com as minhas amigas.

Fabiane: Eu luto só para mim; os outros têm que se virar. Eu luto para mim para conseguir o que quero, os outros que lutem para eles.

Marilda: Se tu precisares de alguém?

Fabiane: Eu tenho mãe, tenho pai.

Katia: E se eles morrerem e tu ficares sozinha e daí ninguém quiser te ajudar.

Fabiane: Não quiser ajudar, não ajuda; eu me viro sozinha, qualquer um pode se virar.

Ledjane: A Bia faz o papel da Maria certinho.

Marilda: Eu também achei.

Eloisa: Vamos ver porque a Fabiane se sente assim, tu te sentes bem, pensando e agindo assim?

Fabiane: Eu me sinto. Eu acho que algumas vezes precisei dos outros e eles não me ajudaram. Eu algumas vezes ajudei. Agora eu mudei. Eu só luto por mim, os outros que se ralem, se quiserem alguma coisa vão lutar cada um por si.

Marilda: Eu acho que sou parecida com o Tônico, quero ser assim. Assim como a Simone, ela precisava de uma coisa e não conseguia. Então eu batalhei com ela para conseguir. Então eu sou igual ao Tônico, mas não para mim, para os outros.

Eloisa: Mas eu estou preocupada com o grupo que não assumiu nenhuma opinião, nem estão a favor, nem dizem que estão contra.

Alex: Não tem iniciativa, são como os mineiros que ficaram em casa, que não fizeram nada.

Katia: Esse pessoal que está indeciso é porque ajuda quem ajuda eles. Eu falo isto porque tenho um irmão assim. O Tônico quando vê uma coisa acontecendo quer tomar parte nela, este pessoal entende que pode participar.

Eloisa: Agora nós estamos no fim da aula e vocês estão em clima de festa. Também vamos ter uma folguinha entre o 1º semestre que já está atrasado e no 2º semestre nós queremos deixar mais assuntos amarrados.

19/07/90 COMENTÁRIO DOS PROFESSORES APÓS A AULA

Eloisa: Eu acho que demos um passo a frente. A Fabiane se enxergar ali como a Maria.

Goretti: Ela que sempre foi apática e desligada, hoje se soltou. Ela parece assim meio desiludida, talvez seja também pela proteção que recebe como filha única.

Eloisa: Quanto à turma, acho que houve mais participação e mais gente falando. Eles também estão ficando mais ousados como na questão da festinha.

Nivaldo: Pois é. Este semestre cansou bastante, vocês não querem esfriar um pouquinho, quem sabe pelo começo da semana que vem a gente retorna. Para mim foi muito positivo eles analisaram as mentalidades, as três que a gente expôs, pelo menos. E na história do texto as pessoas começaram a se achar, se descodificar.

Terminamos o 1º semestre com o debate do primeiro texto em forma de conversa com 3 personagens que representaram possíveis modos de pensar da turma. Pareceu uma forma correta de codificar a situação da turma, mas como seguir adiante sem começar outro tema gerador? Parecia que a temática dos mineiros exigia uma ampliação para outras experiências relacionadas com aquela dos mineiros da CSN. Enfim a temática do carvão com todos os elementos que ela traz consigo. Por isto elaboramos um 2º texto.

AULA 02/08/90

2º SEMESTRE

Eloisa: Esperamos que nossas aulas no 2º semestre sejam tão proveitosas quanto as do primeiro. Vocês se lembram que na nossa última aula foi apresentada aquela história com 3 personagens e conversamos sobre a simpatia de cada um de vocês para um dos personagens ou com qual deles cada um de vocês se parece. Hoje nós trouxemos outro texto para dar seqüência.

- Eu quero ser a Maria.

- Eu quero ser o Tônico.

- Eu quero ser o Zé.

Eloisa: Quem sabe a gente faz a seqüência, assim todo mundo fala?

- Legal, é melhor.

- Melhor todo mundo que pensa igual ao Zé ler junto os trechos do Zé e assim dos outros.

Eloisa: Então vamos todos que se identifiquem com o Zé.

Zé: A gente ficou conhecendo a luta...

Inicia mais de uma vez, mas fica tumultuado e não se entende a leitura em grupo.

Katia: Vamos fazer igual da outra aula.

Eloisa: Então vamos lá, o Marcos começa.

Zé: A gente, ficou conhecendo a luta dos mineiros da CSN de agora, mas será que antes os mineiros das outras carboníferas já tiveram que enfrentar outras lutas?

Tonico: Eu acho que sim, mas não sei muito bem. É bom a gente perguntar para a nossa professora.

Maria: Eu não me interesso nem pelo que acontece agora e muito menos pelo que aconteceu antes.

Tonico: Pois, eu gostaria de ficar sabendo melhor quando começou a exploração do carvão, como acharam, para que serve e onde é que consomem.

Zé: Pois, eu gostaria de saber por que o carvão é poluidor e nos rios de água de carvão não tempeixe. E também sobre a doença que os mineiros pegam nas minas.

Tonico: Eu ainda queria saber sobre os salários, os acidentes etc. Vamos perguntar para a nossa professora, a Tisa?

Zé: Vamos.

Tonico: Professora Tisa, a senhora podia explicar para nós como acharam o carvão, como começaram a explorar, para onde levam, para que serve e por que ele polui e ataca o pulmão dos mineiros. A senhora não acha isso importante?

Tisa: Eu acho bom porque assim a gente vai compreender melhor as coisas que acontecem hoje; pois muitas coisas já vem de longe. A gente vai precisar pesquisar juntos, perguntar para antigos mineiros, ver se tem livros sobre isto... O carvão sai da região pela nossa estrada de ferro. Içara tem muitos mineiros, assim como Criciúma, Siderópolis, Urussanga e Lauro Muller. Foram os mineiros que construíram o progresso da região antes de existirem outras fábricas.

Maria: Eu conheço o seu Antônio que sabe um monte sobre as minas, ele é aposentado e disse que uma vez as minas não eram mecanizadas.

Zé: Mecanizadas? O que é isto?

Maria: Não sei.

Tisa: Tem uma porção de coisas que a gente não sabe, mas se vocês toparem nós vamos saber.

Tonico: Eu concordo e acho que um assunto vai puxando outros, assim a gente vai conhecendo que os pedaços da história estão amarrados.

Eloisa: O que nós podíamos discutir ainda sobre isto aqui?

A gente podia discutir o que vocês acharam deste texto, o que acrescentou para vocês, o que ele está acrescentando a mais.

Marilda: É mais porque antes o Zé estava de acordo com os mineiros, mas ele não sabia muito bem como estava a luta dos mineiros e agora aqui já fala que ele está mais por dentro do assunto.

Eloisa: Fala Catiusa.

Catiusa: Eu achei que antes ele só falava dessa luta de agora e nessa outra história eles procuram saber, se eles tinham mais luta também, por isto que entrou a personagem da professora que foi ajudar eles ver se tinha acontecido outras lutas.

Eloisa: A Catiusa achava que o que está acrescentando mais aqui no texto é justamente, agora o interesse está mais voltado para a história do carvão, o que aconteceu no passado porque isto está acontecendo e os demais o que acham, você Katia?

Katia: Eu achei bem interessante esse texto, é como se fosse nós aqui na aula. Nós estamos querendo saber de onde vem o carvão, querendo que venha um mineiro contar a história que nós estamos estudando.

Eloisa: Será que as dúvidas do Zé e do Tonico são as nossas dúvidas? Será que aquilo que gostaria de saber é o que vocês estão querendo saber?

Marilda: Eu acho a mesma coisa que eles, porque é melhor a gente saber mais dos mineiros sobre o que a Kátia falou.

Nivaldo: Então vocês acham que as dúvidas aqui de vocês são parecidas com aquelas que o texto coloca?

Catiusa: Na minha opinião a gente podia aprofundar sobre a história do carvão, e sobre os outros assuntos.

Goretti: Agora nós temos que decidir se concordamos com as perguntas do Tônico, Zé e Maria. Se vocês concordam, a gente teria que buscar resposta para estas perguntas.

A Maria que não liga muito para as coisas, deu uma boa sugestão que é perguntar para o Sr. Antônio que é mineiro aposentado. Não tem outros mineiros aposentados aqui na Içara e que vocês conheçam e que podiam dar muitas informações para nós.

Alunos: Tem.

Alex: A gente podia seguir com este assunto se aprofundando mais. A gente podia fazer uma pesquisa, fazer uma excursão até a mina modelo para saber como funciona uma mina. Podia entrevistar mineiros para saber como eles trabalhavam. No momento o que chama a atenção é a luta para garantir o emprego, mas tem mais coisa para a gente descobrir.

Catiusa: Tem livro na nossa biblioteca?

Eloisa: Alguma coisa tem, só que não é muito.

Precisamos ir em outras bibliotecas e também reunir o nosso material sobre o assunto.

Catiusa: Tem só a CSN em Criciúma?

Nivaldo: Boa pergunta para a gente pesquisar. Tem mais, tem várias. Algumas agora até estão paradas.

Eloisa: A gente então podia distribuir os temas, um podia ser a luta dos mineiros em outros tempos, para que serve o carvão, onde ele é consumido, outros podiam estudar porque o carvão polui e os problemas que causa aos rios, problema que causa aos pulmões, tem a Estrada de Ferro, a origem do carvão, o início da exploração.

Nivaldo: Este elenco de assuntos que a Eloisa está colocando acho bom. Agora em equipe se podia partir para a busca de informações. Seria muito rico se para cada tema fosse feito pesquisa em livro, entrevista com pessoas bem informadas ou que tenha experiência no assunto e também visitas.

Visita e conversa com um antigo mineiro quem sabe a gente organiza para todos, o mineiro a gente traz aqui e a mina modelo e um depósito de rejeito e um riacho poluído a gente visita. Se cada equipe pesquisar um tema, é preciso achar uma maneira dos outros saberem o que cada equipe pesquisou.

Então vocês podiam organizar um mural onde todos iam botando as informações para os colegas de turma e para os alunos de outros turnos e de outras turmas.

Andrei: Eu gostei desta idéia, cada um assim faz um pouco do mural tirando da pesquisa e fazendo um cartaz.

Eloisa: Vamos então distribuir os assuntos: (Escreve no quadro)

- De onde vinham as pessoas para trabalhar nas minas;
- Poluição causada pela exploração do carvão;
- Doenças por causa da poluição;
- A utilidade do carvão;
- A estrada de ferro como principal meio de transporte do carvão.
Como se transportava o carvão antes da construção da ferrovia;
- Como eram as minas antigas?
- Início da exploração do carvão;
- A luta dos mineiros em outros tempos.

Estas são sugestões com base na falação do Tônico e que vocês estão concordando. Vamos então distribuir estes assuntos.

AULA DE 09/08/90

Nivaldo: Vocês se lembram que na aula passada nós lemos um segundo texto, onde o Tônico, o Zé, a Maria e a Tisa conversaram sobre a necessidade de aprofundar alguns assuntos a partir da situação dos mineiros que a gente já conhece. Então o Tônico perguntava se não seria interessante conhecer outras histórias, um pouco mais amplas e que envolvem outras experiências. Daí cada um de vocês recebeu um tema para trazer feito hoje. Nós podemos começar pelo tema carvão riqueza e progresso.

Aluno: Nós pensamos que hoje era só para trazer os livros e pesquisar aqui, o debate seria outro dia.

Nivaldo: Se nem todos conseguiram fazer, a gente vai ver o que cada um conseguiu, aquilo que cada um já sabe sobre estes assuntos e o que não for completo ou satisfatório a gente vai melhorando nas próximas aulas. Hoje nós vamos ver os que já fizeram.

André: Carvão Riqueza e Progresso.

O carvão é um mineral fóssil, resultante da petrificação de florestas soterradas em períodos muito remotos da Terra em razão das condições em que ocorreram as transformações do planeta. O carvão é a mais importante riqueza mineral do município, ele é extraído das minas de subsolo e utilizado nas indústrias siderúrgicas e como fonte de energia. A indústria do carvão mineral é o esteio da economia do nosso município e muito importante em toda a região. Mesmo com a diversificação que se observa na economia com a implantação de cerâmicas, o carvão tem lugar de destaque e foi no passado o responsável pela construção do

ramal ferroviário e do lavador de Capivari. Assim o nosso carvão foi um fator decisivo para o progresso do nosso município.

Nivaldo: De onde vocês tiraram este texto, vocês copiaram de algum lugar?

André: Nós pesquisamos. A mãe tinha um livro; nós pesquisamos.

Nivaldo: Você entendeu tudo que está aí?

André: Mais ou menos.

Nivaldo: Não seria importante as coisas mais difíceis que estão aí a gente entender melhor? Podias ler as primeiras linhas?

André: O carvão é um mineral fóssil resultante da petrificação de florestas soterradas em períodos muito remotos da terra.

Aluno: O que é fóssil.

Nivaldo: Não sabes o que é?

Aluno: Fóssil é por exemplo o que faz tempo que está ali, é o resto. Se ele diz que o carvão é o resto de floresta petrificada faz tempo que está ali.

Nivaldo: Mas de onde veio?

Aluno: De florestas, alguma erosão que deu e soterrou as florestas e virou carvão.

Nivaldo: Este carvão é o que se usa na churrasqueira?

Aluno: Não, o de churrasqueira é de lenha.

Nivaldo: O carvão mineral, o texto deles está dizendo que petrificou, virou pedra. Então vocês estão entendendo que em tempos muito antigos muitas florestas foram soterradas e com o tempo em lugar de apodrecerem, viraram carvão. O clima e outras condições ajudaram.

Aluno: Então foi de floresta que veio este carvão?

Nivaldo: A explicação que se dá para a formação do carvão mineral é que em outros tempos, milhões de anos atrás, com climas úmidos e quentes se desenvolveram grandes florestas de samambaias gigantes. Estas cresciam e caíam em terrenos alagadiços e iam se acumulando sem se decompor. Mais tarde foram soterradas e se fossilizaram. Aqui na região onde hoje tem carvão em outros tempos teve grandes florestas. Quanto mais densas as florestas e quanto mais tempo duraram mais as camadas de carvão são grossas hoje.

Aluno: E como ficou preto?

Nivaldo: É porque é elemento orgânico. O material orgânico quando se decompõe pega a cor escura até um monte de folha quando apodrece fica escura.

Aluno: O carvão se forma em lugar como uma bacia?

Nivaldo: Correto. A acumulação de todo este material vai se dando nos lugares mais baixos que também acumulam terra e tudo que tem perto. Por fim fica tudo coberto por outro tipo de vegetação e o carvão pode ficar em profundidade as mais variadas, 30, 40, 100, 500, metros de profundidade.

Eloisa: Está bem assim, vamos adiante, vamos ver o 2º tema, qual é o 2º tema?

Nivaldo: O primeiro grupo cita algumas utilidades do carvão que o outro grupo vai trabalhar.

Eloisa: Então vamos ver quem conseguiu completar.

Cinara: Nós não conseguimos escrever, só lemos. A gente descobriu até quem achou o carvão pela primeira vez em Criciúma.

Eloisa: Vamos ver então a utilização do carvão, tem condições de colocar?

Simone: Tenho. O nosso carvão é muito utilizado na siderurgia, nas termoelétricas, na indústria cimenteira e na indústria carboquímica.

Nosso carvão não é dos melhores porque contém muita cinza e não é bom para a siderurgia, precisa então passar por um tratamento no lavador de Capivari, separando o carvão melhor para as siderurgias e queimando o mais fraco na produção de energia elétrica.

Nivaldo: O problema do nosso carvão é que as camadas não são muito espessas. Precisa extrair muita coisa que não presta junto com o carvão e do carvão ainda precisa separar o que serve para a siderurgia do que serve apenas para produzir calor.

Simone: O carvão com mais cinza é usado nas usinas ali de Capivari em Tubarão e nas fábricas de cimento. O carvão melhor é usado nas siderurgias.

Nivaldo: E onde fica a usina que mais consome o carvão daqui?

Marcos: É em Volta Redonda.

Nivaldo: Em Volta Redonda está a Companhia Siderúrgica Nacional a CSN que é a Matriz da CSN de Criciúma, aquela que fechou. O Giovani sabe o que é uma siderurgia?

Giovani: É tipo uma fundição; pega o ferro e funde em grandes formas; ele fica vermelho e líquido; a gente vê na televisão; daí eles fabricam os vários tipos de ferro.

Simone: No nosso livro de geografia tem.

Nivaldo: Aqui na nossa região existem muitas fundições. Elas pegam barras de ferro e fabricam ferramentas, arados, e muitos utensílios. A siderurgia pega o minério de ferro e faz o primeiro trabalho de fundição e fornece as chapas e lingotes para as indústrias.

Leidjane: Se o carvão é tão necessário por que estão fechando algumas minas?

Nivaldo: É porque o nosso carvão não é todo aproveitado, tem muito resíduo, só de 15 a 30% é carvão e nem todo ele é bom para a siderurgia.

Por isto o nosso carvão se torna caro quando chega nas siderurgias de São Paulo, Rio e Minas Gerais. Fica mais barato comprar no exterior onde as camadas são grossas e o carvão melhor. O custo da extração é menor e se aproveita quase tudo.

Marilda: Lá perto de casa tem uma caixa de carvão e a água da vizinhança chega ser amarela. A roupa que a gente deixa de molho de um dia para o outro fica toda amarela, as casas por dentro ficam todas pretas.

Nivaldo: A poeira e a fumaça escurecem as casas. A cor amarela é o enxofre que nós dissemos é um composto da pirita.

Aluno: Aquela caixa de carvão ali perto da Estrada de Ferro é uma mina?

Eloisa: O carvão era trazido de caminhão até ali e depois embarcado no trem.

O carvão vinha da mineração, lá onde tem um enorme monte de rejeito de pirita.

Aluno: E o carvão não estraga?

Nivaldo: O carvão é aproveitado portanto não produz estragos. O efeito da extração do carvão é que produz os grandes estragos. Além dos depósitos de rejeitos, são as águas poluídas e às vezes o solo que racha quando as galerias abandonadas desmoronam. Deixam também os lugares com problemas de água porque o lençol freático é rebaixado, os montes de pirita com a chuva são lavados e a água poluída levada para os riachos.

Aluno: Então é só a vantagem do emprego?

Eloisa: É o salário e o dinheiro da compra do carvão que entra na região mas que fica nas mãos de poucos donos de minas.

Aluno: Não dá para a turma toda fazer uma visita num local de rejeito?

Eloisa: Eu até conversei com a Goretti para a gente ir na Prefeitura e conseguir um ônibus, pelo que eu conheço o pessoal da Prefeitura facilita quando é uma viagem de estudo. Mas vamos continuar sobre o aproveitamento do carvão.

Aluno: Dá para produzir gás, não é mesmo?

Eloisa: A gente sabe que é possível, mas aqui ainda não se faz. Existe o uso nas olarias nas estufas e cerâmicas.

Nivaldo: Na estufa não dá porque o calor não queima, precisa fazer a chama igual a lenha. Nas olarias dá para fazer o aquecimento inicial, desde que se troque as bocas dos fornos, botando grelha para cair a cinza. Para a queima, depois do aquecimento é usada a lenha.

Eloisa: Vamos para o outro assunto, as minas de ontem e de hoje, é a Anameire.

Anameire: As minas de ontem eram as minas manuais que o trabalhador trabalha diretamente em contato com o carvão. Essas minas eram dirigidas por pequenas empresas, dificultando a aquisição de máquina de grande porte e de tecnologia avançada. Essas minas eram tocadas predominantemente pelo trabalho braçal e as ferramentas eram a pá e a picareta. O carvão era transportado das frentes de trabalho para as caixas em vagonetas que circulam em trilhos feitos nas galerias internas até a saída por um plano inclinado. Essa é a mina não-mecanizada, hoje está tudo mudado. As minas mecanizadas são as minas mais modernas tocadas por grandes empresas e que trabalham com máquinas de grande porte e o transporte do minério até a boca da mina é feito por correias transportadoras.

Aluno: Ainda tem daquelas minas antigas?

Eloisa: Acabaram sendo compradas pelas minas mais modernas por exigência da grande produção. Mas quando o carvão era retirado manualmente a doença do pulmão tinha menor incidência porque produzia menos poeira.

O progresso das minas beneficiou a produção, mas prejudicou o trabalhador. A Anameire podia explicar.

Anameire: É porque eles furam o teto da mina e as paredes com perfuradores que produzem pó. Depois demolem as paredes com dinamite e recolhem com máquinas e tudo isto levanta muita poeira, o que eu sei é isto. Quando o mineiro sai do trabalho está todo preto só o olho é que é branco.

Nivaldo: Era bom entrevistar um mineiro das minas antigas e outro das minas atuais e depois comparar como era o trabalho antes e agora.

AULA 16/08/90

Eloisa: Então vamos ver quem conseguiu trazer mais algumas coisas para colocar na aula de hoje.

Fátima: Nós pesquisamos no livro o Município de Içara sobre a história do carvão da nossa região. O carvão foi descoberto em Criciúma no final do século passado. Os revolucionários federalistas precisavam de transporte e requisitaram animais de carga. Ao se aproximarem de Criciúma o senhor Giacomo Sônego que tinha duas mulas resolveu escondê-las com medo de perder os animais do seu serviço. Encondeu num matagal e para dar água aos animais cavou uma fonte na encosta do morro. Mais tarde derrubam o mato e ao queimar percebeu que as pedras removidas queimavam e exalavam um forte cheiro. A notícia correu rápido e então levaram umas amostras ao senhor Fernando Genovêz que tinha uma ferraria e conhecia o carvão e constataram que realmente se tratava de carvão. Em Içara a descoberta se deu pela abertura de poços. Antes os tropeiros na região de Lauro Müller ao fazer fogo numa encosta de morro também tinham estranhado o cheiro da terra que queimava. Era carvão que nas encostas aflora à superfície. Ficou uma dúvida se foi o senhor Giacomo Sônego que descobriu ou se foi nas terras dele, depois que escondeu as mulas.

Nivaldo: Eu conversei com o filho dele chamado Caetano Sônego que me disse que foi o pai dele e que aconteceu nas terras do pai dele ali no Bairro Santo Antônio.

E os revolucionários federalistas quem eram?

Fátima: Nós não conseguimos saber.

Nivaldo: Gostariam de saber?

Catiusa: Talvez agora não, mas nós queríamos saber a época.

Nivaldo: Foi no início da República no governo de Floriano Peixoto entre 1892-94, já faz quase um século. E vocês sabem como é dentro de uma mina?

Aluno: Nós pegamos um livro, mas não trouxemos aqui. A entrada é como uma porta e lá dentro tem as galerias que são corredores que se cruzam. A galeria principal é por onde sai o carvão por uma correia transportadora. Eu também vi isto lá na mina modelo.

Eloisa: Vamos ver um pouco sobre a doença do mineiro, primeiro a Katia, depois o Andrei.

Katia: Existe muitas pessoas que estão com pneumoconiose. Eles continuam trabalhando e têm esperança que um dia a situação deles melhore. Tem alguns que tem consciência que dali eles caminham para o fim. Muitos mesmo doentes continuam trabalhando até completar os 15 anos de trabalho. Muitos escondem que estão doentes. A mina mecanizada é melhor para trabalhar, mas pior para a saúde.

Eloisa: Tem outras doenças, além da pneumoconiose, causada pela extração do carvão?

Andrei: A pesquisa que eu fiz com o mineiro, ele falou que tem a doença do coração, doença na coluna porque às vezes a galeria é baixa e eles têm que trabalhar o tempo todo curvado. A poeira ainda pode causar reumatismo, ataca o sistema nervoso e causa esgotamento.

Katia: O meu tio descobriu que estava com pneumoconiose 6 meses antes de se aposentar e conseguiu se aposentar. Daí ele teve que ir morar na beira da praia porque o clima faz bem.

Eloisa: A pessoa portadora de pneumoconiose ou de outra doença pulmonar necessita de ar mais puro, porque a doença retira parte da capacidade de respirar e deixa o doente agoniado e onde tem poluição é ainda pior.

Andrei: Essa entrevista que eu fiz com o mineiro como a vida do mineiro é sofrida porque não tem atendimento médico adequado e o mineiro é bom só quando produz, quando ele não dá mais produção, ele não vale nada.

Eloisa: Será que é só o mineiro quem não vale nada quando para de produzir?

Andrei: Não é só o mineiro, com todos os trabalhadores é assim, é só ver a situação dos aposentados.

Eloisa: É bom a gente pensar bastante nisso agora, porque todos nós somos e seremos trabalhadores e como vai ser nossa situação no futuro, igual à dos trabalhadores de hoje, certo?

Daí faltam ainda 2 ou 3 equipes exporem os seus assuntos e depois a gente vai ver que continuidade vai dar.

Catiusa: Era bom a gente acabar a pesquisa e depois partir para outro assunto, porque senão nós ficamos só nos mineiros, mas tem outras coisas acontecendo.

Goretti: É que às vezes o trabalho atrasa e eu vou dizer uma coisa para vocês, quando a gente combina de fazer uma entrevista tem que fazer, quando alguém tem que procurar uma informação tem que procurar e trazer. Se um falta, um esquece, um outro não faz cria muitos desencontros e isto prejudica nossa aula e ao invés de a gente ir indo em frente demoramos e quem perde é o grupo todo. Se eu tenho que entrevistar meu vizinho, meu tio hoje, é hoje e não amanhã.

Nivaldo: Uma outra coisa, se você escreve alguma coisa no seu caderno e depois na aula percebe que o seu colega já falou não precisa repetir

porque fica cansativo, procure colocar só o que não foi dito ou então dizer que sobre a mesma coisa você achou de maneira diferente.

Marilda: E a situação dos 1.500 mineiros, como é que está, eles conseguiram?

Nivaldo: Continuam em licença remunerada e tentando acertar. A posição do governo continua firme em querer vender, os empresários não tem dinheiro suficiente para comprar; a passagem pura e simples para cooperativa o governo não aceita. Assim a solução não avança.

Eloisa: Vamos ver a equipe que estudou a estrada de ferro, Gilson, Rudinei.

Gilson: A Estrada de Ferro D. Tereza Cristina tem a linha tronco entre o porto de Imbituba e o posto Sangão com 116 km de extensão. Tem os seguintes ramais: Ramal Urussanga, Esplanada com 26 km; Ramal Pinheirinho-Rio Fiorita, 18 km; Ramal Mina União 5 km; Ramal Mina do Mato, 5 km; Ramal de acesso às oficinas, 5 km. O transporte ferroviário é o mais seguro para transportar o carvão.

Eloisa: E aqui na região porque surgiu a estrada de ferro?

Gilson: Foi principalmente para transportar carvão, mas antigamente também transportavam outras mercadorias e pessoas.

Eloisa: A partir da estrada de ferro e ao longo dela foram construídas olarias e depósitos para muitas mercadorias. Vocês não se lembram porque não é do tempo de vocês, mas eu ainda peguei o tempo em que o trem transportava farinha de mandioca daqui da região para o porto de Laguna.

Nivaldo: Eu me lembro desta época só que lá no município de Araranguá. Eu morava perto da estrada de ferro me lembro da passagem do trem. No meu tempo de criança tinha o trem diário de passageiros que saía duas vezes por dia de Araranguá, às 6 da manhã e às 13 da tarde. Duas vezes por semana vinha o cargueiro e de lá carregava os produtos da

Região que também era farinha, banha, animais e madeira que vinha da serra. Ainda não tinha a BR-101 nem o movimento de caminhões e ônibus que tem hoje. Os rios não tinham ponte e as viagens eram muito demoradas. As travessias dos rios era em balsa e daí só passava caminhão pequeno e médio. As mercadorias eram embarcadas em Laguna e Imbituba para os locais de consumo de outras partes do Brasil. Araranguá recebia areia de construção, tijolo, telha, sal e tecidos além de pequenas máquinas e ferramentas.

Eloisa: As primeiras famílias que chegaram aqui na sede do município inicialmente se instalaram próximas à estrada de ferro. A Goretti estudou melhor isto e pode dizer mais alguma coisa.

Goretti: Nós temos aqui bem perto a localidade de 1ª Linha, foi daí que vieram a maioria dos fundadores de Içara e eles vieram morar nas proximidades da estrada de ferro. O nome Içara é de origem de uma palmeira nativa chamada içarova ou içaroba. A farinha que antes era produzida só para consumo, começou a se expandir porque podia ser vendida para fora, levada pelo trem. Foi assim que foram surgindo também as casas de comércio, surgiram aqueles galpões que ainda existem ali perto da estrada de ferro.

Eram depósitos de mercadorias. Surgiram também as primeiras casas de comércio. Os comerciantes compravam a produção do interior do município e vendiam para os agricultores o que eles não produziam como sal, ferramentas, arame, prego, depois roupa e utensílios domésticos. Temos assim as casas de comércio do Senhor Amaro Cardoso, João Zaccaron, da D. Olivia, Jorge de Lucca que até hoje os descendentes mantem comércio na cidade. E tem muita relação com a estrada de ferro.

Eloisa: Vocês acham que foi importante a gente conhecer um pouco da história do nosso povoamento?

Catiusa: Nós podíamos no outro assunto conhecer mais sobre a história do povoamento, dos imigrantes; pois a gente sabe tão pouco e é a história da gente.

Eloisa: Podemos retomar depois, vamos ver qual o interesse geral da turma. Para a próxima aula vamos trazer um líder sindicalista dos antigos para falar das lutas do passado.

30/08/90

PALESTRA DO SR. JORGE FELICIANO

Goretti: O senhor Jorge Feliciano está conosco, ele é um velho batalhador que a gente conhece porque ele é daqui de Içara. Senhor Jorge, nós somos 3 professores que estamos estudando a história de uma forma bem diferente do tradicional e por isto convidamos o Senhor para tratar de um assunto de que o Senhor foi sujeito e ator dos acontecimentos que é a luta dos sindicatos num período mais antigo e de outros acontecimentos que envolvem os mineiros. Meus colegas são o professor Nivaldo e a professora Eloísa e a turma é esta com quem estamos trabalhando.

Jorge: Este é o Gregório, um companheiro, que foi mineiro comigo e que trabalhou de ajudante no antigo sistema, porque era diferente. No começo o mineiro era um empreiteiro e tinha o ajudante que o mineiro pagava por dia para trabalhar para ele.

Começamos então a falar de história, na minha idade já é uma história porque tenho um bocado de anos na caminhada da vida. Quando as pessoas me perguntam quem sou, eu costumo dizer que o meu nome não interessa, pouco interessa. Eu sou como uma pedra que caiu lá do costão, caiu quadrada, cheia de ponta e começou a rolar serra abaixo, foi batendo aqui, ali, acolá e de repente ficou meio roliça foi a pouco sendo lapidada.

Eu tenho só o 3º ano primário e fazer palestra às vezes até em faculdade, a gente sabe que tem dificuldade em português, então o que a gente tem é uma experiência de vida e é em cima disso que nós vamos discutir.

Eu vou contar um bocado da história do passado e eu gostaria que vocês auxiliassem com perguntas também, porque isso facilita nossa conversa, facilita a gente ficar dialogando.

Eu baixei à mina com 17 anos. Naquela época tudo sem controle, não precisava apresentar carteira profissional nem documento era só chegar na Empresa e dizer que tinha tantos anos e se empregava. Com 18, 19 anos eu já era mineiro, não era mais ajudante, eu baixei à mina como ajudante mas passei a mineiro e já tinha meus ajudantes. Na época era assim, o mineiro era empreiteiro daquela frente de serviço e contratava uns ajudantes para trabalhar com ele.

Os ajudantes eram como se fossem empregados e o mineiro um patrãozinho. Se o ajudante não era bom, o mineiro mandava embora e procurava outro. Trabalhei de 1946 até 1961. Em 1961 fui para o sindicato dos mineiros porque em 1957 começou a luta dos mineiros porque desde 1944 até aquela época o sindicato ficou nas mãos dos que nós chamávamos de pelegos. Pelegos eram os dirigentes sindicais teleguiados pelos patrões. Aí em 1957 nós conseguimos tirar o sindicato das mãos dos pelegos, isto pelo nosso entendimento, e então começaram as lutas, começaram as greves. Para vocês terem uma idéia do sindicato pelego, em 1952 nós fizemos um movimento para reivindicar melhores salários. Pois, o presidente do sindicato ia na viatura de polícia até as minas e dizia para os policiais para prender este, aquele e aquele. Esse é cabeça e aquele também.

Foram 20 presos indicados pelo presidente do sindicato. Já tinham prendido outros 80 mineiros, mas nós continuamos o movimento e conquistamos uma parcela das nossas reivindicações.

Neste período o grande dirigente sindical foi o Antônio Parente. Para mim foi o maior dirigente sindical que nós tivemos e ele teve que começar a organização quase do zero e tudo era duro e difícil, tudo pesado. Até 1960 muitas minas tinham trilho de madeira e era proibido, eu já entrei na mina como presidente do sindicato para destruir os

trilhos de madeira junto com os operários. É que as vagonetas ficam muito pesadas com trilhos de madeira. Eu tenho um osso da cabeça saltado porque tinha que fazer força com a cabeça, como a gente dizia, no coco.

Depois veio o golpe de 64, tudo silenciou, sendo retomado depois em 78. Muitos pensam que tudo começou agora porque não conhecem as lutas da nossa época.

Para vocês terem uma idéia nós fizemos uma greve em 60 pela taxa de insalubridade e nós paramos as minas de Criciúma, mas as de Urussanga e Siderópolis continuaram e eles transportavam o carvão para uma caixa de carvão ali da Próspera. Nós tínhamos então que paralisar o transporte e paramos. Veio o exército com cacete e bomba lacrimogênio e nós tivemos que correr. Discutimos em Assembléia e mobilizamos as mulheres. Elas iam se deitar na estrada, fazer uma esteira humana e fizeram. Foram mais de 500 mulheres, algumas barrigudas. Veio o exército e pintou o caneco com os piquetes, mas não bateram nas mulheres e os caminhões pararam e o nosso movimento foi adiante. A participação das mulheres é muito importante em todo movimento.

Em 1961 fui eleito secretário do sindicato dos mineiros e em 1963 fui eleito presidente e em 1964 fui preso de novo e mais uma vez em 1977, mas valeu a pena a luta. O importante é poder sustentar os nossos princípios.

A liberdade não é estar solto porque na prisão muitas vezes eu ficava olhando pela veneziana e ficava com medo de quem estava passando na rua. Eu dizia, coitado está passando ali na rua, mas tem menos liberdade do que eu, porque eu digo o que penso para os companheiros de prisão, para a polícia, para o capitão, para a visita. Eu estou livre. Tenho quatro paredes aqui em volta, mas estou livre, porque eu estou em condições de discutir as minhas idéias e muitas vezes uma pessoa andando na rua tem medo de discutir o direito, a razão dele.

Hoje as coisas mudaram um pouco, mas na época da ditadura o aluno era proibido de discutir política nas escolas, nas faculdades. Isto que nós estamos discutindo agora era subversão.

Por causa disto muitos foram presos e até mortos.

Mas eu queria voltar aos mineiros e dizer que, no meu entendimento, o mineiro é a pior categoria profissional que tem, a mais sacrificada porque o mineiro não se especializa.

Um vidraceiro, amigo meu, entrou numa vidraçaria como ajudante, limpava, fazia faxina e foi indo, foi indo aprendeu aos poucos os segredos da profissão e hoje ele tem uma vidraçaria. O servente de pedreiro aos poucos torna-se pedreiro. O mineiro pelo contrário, ele se desgasta, ele vale menos depois de trabalhar 10 anos, vale menos profissionalmente do que quando entrou, então isto é uma desgraça, quando o indivíduo não tem chance de progredir na profissão. Então o mineiro em vez de se aperfeiçoar para aumentar o salário dele, ele regride porque vai contraindo o carvão no pulmão e agora nos últimos anos com maior gravidade porque com a mecanização aumentou a poeira nas frentes de trabalho.

Também não há uma preocupação por parte dos patrões para amenizar a poeira. Os patrões só pensam em lucro e como há desemprego, um mineiro estoura o pulmão não tem problema vai para o INPS e a empresa pega outro trabalhador novo, com o pulmão inteiro. O empresário vê o trabalhador como eu vejo o meu cavalo, eu posso gostar muito do meu cavalo, mas é um animal de trabalho, se o cavalo ficar descontentado, eu troco por outro ou solto na estrada. E o mesmo acontece com o trabalhador, só serve enquanto trabalha.

Agora eu queria deixar assim para vocês me fazerem algumas perguntas, porque talvez eu não disse bem o que vocês queriam e então vocês me façam perguntas e eu dentro do possível vou tentar responder.

Aluno: Faz uma pergunta que não é entendida.

Eloisa: Dá licença, que o coleguinha ali de trás quer que se repita a pergunta.

Jorge: Ele perguntou se nós nunca fizemos um movimento sobre esta situação do mineiro, da situação do carvão no pulmão do mineiro. Então eu já estou respondendo a pergunta dele só que na época a gente não tinha capacidade de entender as maneiras que podia ser prevenida porque tudo foi acontecendo.

Vou dar um exemplo, em 1961 o Dr. Napoleão de Oliveira que era Diretor do Plano Nacional do Carvão, ele fez uma viagem para a Tchecoslováquia e quando ele voltou nós fizemos uma assembléia no sindicato e ele compareceu e nós pedimos para ele falar e dizer o que tinha visto por lá e uma das coisas que nos espantou foi, quando ele disse que lá se lavava o carvão e quando soltavam a água no rio, a água já era potável e tinha até peixe. Aqui só se matou os rios e as comunidades acharam isto até normal, que não tinha solução, que era aquilo mesmo e que era o preço do progresso. Hoje já se sabe: tem solução e existe uma luta contra a poluição.

No nosso tempo a luta era por uma boa ventilação na mina, colocando exaustores.

Aluno: E essa doença não tem tratamento?

Jorge: A doença é irreversível, não tem tratamento para curar mas ela estaciona se o trabalhador deixar o ambiente de trabalho indo para outro setor que não tenha poeira ou mudando de serviço. O grande problema ainda é outro. A pneumoconiose é classificada em P1, P2, P3, P4.

P4 é morte em pouco tempo. Se o operário descobre que tem P1, ele procura ocultar. Eu conheço casos que a empresa mandou chamar para fazer o exame do operário e ele arranjou um amigo para ir no lugar dele, porque ele sabia que se eles descobrissem que ele tinha P1 ele seria dispensado, daí ele caminha para P2, P3, aí no P3 ele não aguenta

mais e tem que entregar os pontos. Aí se aposenta porque o INPS não aposenta com P1, P2 só aposenta com P3.

Então o trabalhador fica entre a cobra e onça. Se o patrão descobrir, dispensa. O INPS não aposenta e dá um pecúlio de 40% do salário e ele vai morrer à míngua.

Nivaldo: O senhor disse que foi preso 3 vezes e nós estamos vendo que o senhor não é uma pessoa perigosa, não é bandido, explica então para quem o senhor era perigoso.

Jorge: Eles me chamaram de subversivo.

Subversivo é toda pessoa que está combatendo as ordens legais do país, na verdade eu era subversivo porque as leis são injustas e quando as leis são injustas elas devem ser combatidas. Todo indivíduo que briga contra as leis vigentes é considerado pelo poder dominante como subversivo. Assim foram Tiradentes contra o poder de Portugal e os negros contra as leis que os oprimiam, porque a lei dizia que o negro era escravo. Então eu passei a entender que as leis são feitas pelos grupos dominantes; então o sindicato tinha que se basear na lei da razão, do direito mínimo do trabalhador viver e, ao buscar aquilo, contraria quem está no poder e então redonda na prisão.

Em 1964 a minha prisão foi injusta, mas foi legal no ponto de vista daquilo do que me acusavam, tentativa de derrubar o governo.

Mas só o pobre é preso, porque o rico foge para fora do país. O operário não tem como fugir, o que eu ia fazer lá fora? Eu por exemplo fugi 7 dias em 1964, estive foragido mas sabem aonde? em Nova Veneza! Muitos foram para a França, Portugal, Uruguai e eu fui para Nova Veneza.

Vocês estão rindo, mas é verdade, eu fiquei 7 dias no costão da serra. Tinha um amigo que dava cobertura e no fim dos 7 dias eu fui me apresentar no quartel com meus pés.

Eu morava aqui em Içara e cheguei de madrugada vindo lá da Mãe Luzia a pé, até ali me levaram de carroça. Eu tinha nove filhos pequenos

e fui me apresentar não dava de fugir com os filhos. Até aí a diferença de classe é massacrante.

Aluno: Como o senhor se tornou um líder sindical?

Jorge: Eu não sei se fui um líder sindical, eu fui um militante. Foi uma caminhada que iniciou em 1957; pois até ali eu não tinha consciência de classe, mas tinha espírito de solidariedade e brigava pelos companheiros e me tornei representante dos trabalhadores no sindicato.

Daí me candidatei a Presidente e não deu quorum em 57; daí o Ministério do Trabalho pegou e botou.

Fui aprendendo com as lutas da vida. Eu digo para meus filhos que toda pessoa fica boba quando pensa que é ladina, pequena quando pensa que é grande, pobre quando pensa que é rica. A gente só aprende que não sabe quando começa saber um pouquinho, eu fui aprendendo, levando a sério a luta.

Goretti: O senhor podia falar um pouquinho do que foi o Golpe de 1964 que o senhor cita.

Nivaldo: E também completar que o senhor ia chegando em casa de madrugada eu quero saber como foi o resto.

Jorge: Pois é. Cheguei em casa de madrugada. Aí vieram os filhos, foi quando eu não resisti, quando bati na porta e vieram os nove filhos e alguns se penduraram nas minhas calças, outros maiores na camisa e rodearam e fizeram uma penca em volta de mim, minha sogra estava lá, veio e me abraçou veio a mulher e ficamos todos naquele choreiro. Sabe gente, eu chorei junto. Não resisti, porque depois nós ouvimos no rádio e diziam que a gente ia ser deportado para Cuba, ia para a Ilha das Cobras, ia para Fernando de Noronha.

As rádios aqui divulgavam isto e então a gente pensava que talvez estivesse vendo os filhos pela última vez. Hoje contando a gente até acha engraçado, mas na época o clima era muito pesado.

Aí eu fiquei aquele dia escondido em casa, sem que ninguém soubesse. A noite mandei avisar meus amigos e o Dr. Teles. Então eu mandei avisar que eu estava em casa e aí de noite veio um tenente com eles para me buscar e me levaram para a prisão.

Tu queria, Gorette, que eu contasse mais ou menos o que foi 1964. Pois é, no nosso entendimento na época do governo Goulart, havia uma vontade do Governo de popularizar mais o Governo para que os trabalhadores tivessem mais oportunidades, melhor padrão de vida. Esse era o nosso entendimento e havia muitas lutas e greves. Para os empresários isto era bagunça, a igreja era contra, o sindicato estava iniciando sair da tutela do governo, deixando de ser pelego. Nas eleições de 1959 para a presidência do sindicato era candidato o falecido Parente. Eu vou contar uma história sem querer melindrar ninguém. Nós estávamos numa luta cerrada contra a chapa dos patrões, nós entendíamos a chapa dos patrões, a chapa dos pelegos apoiada pela igreja. Eu estava encostado pelo INPS e tinha uma bodega lá na mineração.

Lá pelas duas horas da tarde o alto-falante da igreja anunciou: Alô, alô! Atenção trabalhadores! Hoje às 20 horas vamos ouvir as palavras do Padre Agenor Marques numa orientação sobre comunismo e sindicalismo. Pensei comigo, é coisa contra nós. A eleição do sindicato era no outro dia. Num instante começou a reunir gente, a turma foi chegando e o que vamos fazer e o que não vamos. Depois de muita conversa resolvemos buscar um outro alto-falante na casa do advogado do sindicato. Eu propus que a gente instalasse o nosso alto-falante e conforme o que eles dissessem nós íamos responder pelo nosso alto-falante. Depois pensamos que podia não dar certo e até ele podia vir até o nosso alto-falante e como sabe falar bem, acabava usando o nosso alto-falante contra nós.

Então combinamos de ir à igreja e dizer que se ele queria rezar uma missa era uma satisfação, mas se ele veio fazer política também era uma satisfação. Só que ele devia fazer política na rua onde todos tinham o direito de aplaudir ou de vaiar.

Arrumamos uns 50 homens e fomos, já com medo que ele por qualquer motivo dissesse que veio rezar missa na Mineração e a chapa tal não deixou. A caminho decidimos ir para a igreja e levar mais gente, encher a igreja e se ele começasse falar contra a luta sindical ninguém dizia uma palavra mas todos saíam da igreja. Assim fizemos. Entupimos a igreja de gente, não cabia mais ninguém. Eu fiquei perto do altar. Eu e mais outro é que pretendíamos dar o início da retirada se fosse necessário.

Aí o padre começou numa linguagem tão convincente que eu já comecei numa tremedeira. Eu me lembro que ele fez uma comparação com o escorpião mais ou menos assim.

Pois era uma vez um escorpião nas proximidades de um rio que queria passar o rio, mas escorpião não sabe nadar. De repente ele viu uma rã e convenceu a rã para passar. A rã disse assim, olha escorpião eu não posso te passar porque tu és venenoso e tu mordes. Não, rã, por favor me passa e eu não vou te moder. E convenceu a rã e começaram a travessia. A rã foi nadando, nadando e o escorpião que é escorpião, começou olhar a carne da rã e lá pelo meio do Rio ele picou a rã e ela foi ao fundo e morreram os dois. Assim, meus caros fiéis, são os comunistas que estão aí dentro da situação do escorpião, estão conversando que são bonzinhos, mas na hora H eles ferroam e liquidam com vocês todos. Então neste momento ele disse, assim como o escorpião são os comunistas da chapa 1. Aí eu, naquele nervoso eu me virei, eu e meu companheiro e nos retiramos. Eu pensei que não ia sair ninguém mas num instante a igreja limpou e o padre parou de falar. Só ficaram algumas pessoas mais amigas do padre, mas uns mais exaltados iam até a porta e diziam: Como é não vai sair, seu pelego?

Daí o Padre falou que quem estava saindo da igreja por estar descontente com as suas palavras podem ir para suas casas e desde já estão perdoados. Quando ele embarcou no carro onde estavam outros padres as mulheres começaram a cantar o nome do nosso candidato; Parente, Parente...

Ele foi abrindo caminho buzinando e quando ele estava saindo disse para nós, "Parente do Diabo" e foi embora. Daí em diante o Padre Agenor não nos atrapalhou mais, hoje é nosso amigo.

E em 64, como eu ia falando, o governo era sensível aos trabalhadores e havia a reação. Em março de 64 eu estava no Rio de Janeiro no comício do dia 13 e quando voltei disse para o pessoal, o governo cai, porque a reação foi enorme. O Ademar de Barros mandou buscar um pedaço da Cruz de Cristo em Jerusalém e fizeram a marcha da família em São Paulo e deu mais gente que no comício. Em 31 de março veio o golpe e nós ensaiamos uma resistência, foi o único lugar que resistiu e daí o exército veio de Blumenau especialmente para a represália e executar as prisões; foram mais de 40 os presos.

Depois vieram períodos muito duros e morreu gente daqui, o Rui de Orleans, o João Batista da Operária e o Arno de Forquilha. Não sei como eu também não morri. Em 75 quando eu fui preso eu estava convicto que eles iam me matar porque o tratamento foi brutal. Eles me levaram de Florianópolis à Curitiba encapuzado e algemado no bagageiro de um carro. A descarga passa por baixo e esquentou tudo; daí eu vi que ia morrer asfixiado e queimado. Começou a queimar os meus braços e eu naquela agonia. Então com os pés tirei os sapatos e botei por baixo e fui equilibrando em cima dos sapatos. Lá o clima de tortura era aterrador. Mas como eu fui preso uns dias, depois confirmei o que os outros tinham dito; mas passei por' apertos.

Eloisa: E como o senhor está vendo esta questão da Crise do Carvão?

Jorge: Eu acho que o carvão tende a parar em Criciúma e no Brasil. É que o nosso carvão em relação com o carvão de outros países ele é muito pobre e até anti-econômico. Não justifica vir carvão da Alemanha, Estados Unidos e chegar aqui mais barato que o nosso. Agora com a liberação das exportações desse livre comércio do Collor, o carvão brasileiro está com os dias contados.

Aluno: Os mineiros possuem uma vida muito arriscada no trabalho, o senhor algum dia já sofreu algum acidente?

Jorge: Não sofri grandes acidentes, mas sofri vários, vamos dizer pequenos. Uma vez quebrei a perna, a vagoneta trancou, muitas vezes caiu pedra pertinho de mim, mas muitos companheiros se machucaram e até morreram e para terminar o meu apelo é que vocês continuem debatendo esta situação de solidariedade; pois ninguém vive sozinho.

Alunos: Obrigado, palmas.

AULA 06/09/90

Nesta aula vão acontecer coisas fundamentais no processo em andamento. Vamos trabalhar um texto que é o resultado do trabalho de todo este item relativo ao carvão. O objetivo que nos propusemos, foi de sistematizar num texto único os vários textos e falas trazidos pelos alunos e também tentar codificar e descodificar situações vivenciadas pelo grupo que permitisse reduzir o tema para o momento seguinte. O texto é resultado da construção coletiva realizada pelos alunos, professores e palestrantes. Em outra proposta pedagógica seria provável que o texto fosse colocado no início para ser estudado e não construído. Como o momento era de escolha do tema seguinte o texto não terá uma leitura corrida, mas constantes paradas e pedidos de opinião e sugestões por parte do grupo de alunos. O próprio texto tem insinuações no sentido de captar a temática geradora do momento seguinte e que representasse um crescente do coletivo menor para o maior, mas onde o elo vivencial com a turma fosse mantido.

Para esgotar a leitura e decidirmos sobre a temática seguinte, usaremos o tempo necessário. Como o texto reproduz o que aconteceu em aula, nós não colocamos aqui por inteiro. Vai em anexo e aqui apenas alguns pontos. Em aula ele foi explorado o suficiente.

Leitura e Comentários do Texto 3

Tisa: Na nossa última conversa nós combinamos estudar alguns assuntos sobre a exploração do carvão. Vamos definir estes assuntos?

Zé: Eu quero saber sobre a utilidade do carvão, no que é que ele é usado.

Tonico: Eu queria saber se os mineiros no passado já enfrentaram outros problemas e também sobre as doenças adquiridas no trabalho das minas.

Maria: Eu sofro de asma, mas não sei se é por causa do clima ou da poluição.

Meri: Eu gosto de ver o trem passar, mas não sei até onde vai e se transporta só carvão.

Eder: E quando começaram a explorar o carvão e como acharam se ele está debaixo da terra.

Tisa: Temos aqui vários assuntos. A gente podia estudar cada um deles, mas não temos nada pronto. Precisamos ir em busca das informações. A Maria falou outro dia do Seu Antônio que é mineiro aposentado.

Tonico: Eu conheço um livro sobre Criciúma que fala sobre o carvão. Às vezes os jornais também trazem alguma coisa.

Tisa: Então a gente pode começar se organizando em equipes. Vamos à procura de livros, revistas, jornais, vamos conversar com mineiros aposentados e com mineiros que ainda estão trabalhando, vamos estudar e depois debater.

Zé: Então é assim que se conhece a história, pegando coisas escritas e entrevistando pessoas que tiveram participação nos fatos?

Tisa: É uma das maneiras quando a história é recente.

Maria: Eu pensava que a História era só coisa do passado, igual à Independência. Agora estou descobrindo que o seu Antônio, o Marinheiro e o seu Jorge fazem a história e porque eu também não posso fazer?

Tisa: Pode sim. Todos juntos podem.

Nivaldo: Alguém quer fazer algum comentário sobre o texto lido até aqui? O que vocês estão achando?

Aluno: Legal.

Aluno: Está bom. Mostra o Zé se interessando bastante em procurar em revistas, jornais.

Nivaldo: E quando aconteceu isto que está escrito?

Aluno: Na nossa aula.

Nivaldo: Quem quer fazer um comentário sobre a última conversa do Zé.

Aluno: Foi assim que a gente começou a história do carvão.

Fabiane: Eu acho importante o que a Maria diz aí. Quer dizer que muitas pessoas pensam que história é o que a gente estuda só sobre o passado, mas para mim é o presente é o futuro, é como a gente está agora, isto aqui é uma história que a gente está fazendo, eu me conheço como estudante.

Nivaldo: Alguém quer comentar mais um pouco?

Aluno: É como a Fabiane disse agora, é que às vezes a história que a gente estuda, as pessoas pensam que é a história dos livros que só aquilo é história, mas o presente, o que a gente está pensando também é história.

Nivaldo: E quando a gente fala dos mineiros, a gente está estudando a vida que eles levam.

Aluno: Muitos pensam que história é só passado porque os livros de História só contam o passado, eles não estão falando do que a gente está vivendo é sempre do que os outros viveram.

Nivaldo: Só que depois que a gente conhece como se vive hoje é bom conhecer como as pessoas viveram em outros tempos para ver as soluções que eles iam achando para os problemas do dia-a-dia deles. Podemos continuar lendo?

Tisa: Então vamos reunir o que cada equipe pesquisou para entender como se formou o carvão e os outros assuntos.

Valda: Eu olhei uma enciclopédia lá em casa que diz que o carvão de hoje eram antigas florestas que primeiro ficaram turfa, depois pelas movimentações da Terra, do calor e com o passar do tempo se fossilizaram, se transformaram em carvão. Dizia que já faz mais de 250.000.000 de anos.

Eder: Eu também li que quanto mais antigo o carvão melhor é a qualidade.

Tisa: O carvão retirado das minas depende de como é formado. As florestas eram densas, e úmidas, o clima quente, muita água e lama onde as plantas cresciam. Quanto mais densa a floresta e quanto mais tempo durou, mais a camada de carvão é espessa.

Zé: E demorou muito para se formar?

Valda: Milhares de anos. As plantas velhas morriam e caíam no chão mas não apodreciam pela falta de oxigênio e o excesso de carbono, por isto tornou-se fósfil.

Meri: Então, como foi parar no fundo da terra se antes estava na superfície?

Tonico: Eu tenho uma opinião. É que os banhados são lugares mais baixos que depois foram enterrados por outros materiais trazidos pelas águas e pelos ventos. Tem lugar que ele é bem fundo.

Tisa: Vocês estão com a razão. É por isto que entre uma camada e outra tem material que não se aproveita, são os rejeitos.

Nivaldo: Vamos dar uma parada. Vocês se lembram da nossa visita à mina modelo? Lá eu chamei a atenção disto. Vocês viram que tinha uma camada bem preta e em cima e embaixo, tudo misturado.

Aluno: O senhor ainda mostrou certinho, eu entendi.

Zé: Como foi que acharam, quando começaram extrair.

Eder: Em Santa Catarina a descoberta do carvão foi em dois lugares diferentes. O primeiro foi na região de Lauro Müller, lá pela metade

do século passado. Os tropeiros ao fazer uma fogueira para fazer comida perceberam as pedras queimando. Eu não sei é de onde vinham estes tropeiros.

Tisa: Eram condutores, transportadores de tropas de gado. Podiam ir do Rio Grande para São Paulo e Minas ou podiam vir de cima da serra para Laguna ou Araranguá ou outros lugares. Daí que vem o arroz tropeiro era a comida feita por eles, carne e arroz. E em Criciúma quem achou?

Eder: Em Criciúma foi o senhor Giácomo Sônego. Foi assim: Ele escondeu duas mulas no mato para fugir dos federalistas e para dar água para as mulas cavou uma fonte. No ano seguinte roçou o mato e ao queimar viu que a terra queimava também, então viu que se tratava de carvão. Os federalistas eram o pessoal do Sul que eram contra Floriano Peixoto.

Meri: Eu pesquisei que para o transporte do carvão de Lauro Müller construíram o primeiro trecho de estrada de ferro em 1881 e foram os ingleses. Depois em 1917 construíram de Tubarão a Araranguá, mas o trecho mais importante era o que levava o carvão de Criciúma para Laguna e Imbituba. O transporte do carvão exigiu a construção da estrada de ferro.

Tisa: É que o carvão não tinha e não teve uso aqui na região. Precisavam transportar para os portos. No começo era levado até Pedras Grandes em carro de boi e dali até Laguna em lanchas pelo rio Tubarão. Demorou mais de 2 meses para completar a carga de um navio e desistiram, partindo então para a construção da estrada de ferro.

Zé: Então as jazidas de carvão exigiram a construção da ferrovia e depois a ferrovia acelerou a produção de carvão.

Tonico: E a ferrovia também transportava coisas?

Meri: Pelo que eu pesquisei e pelo que o meu tio me falou, tinha o trem só de carvão que ia até as minas ou proximidades e tinha o

trem de passageiro com horário de saída e chegada e que ia de Araranguá até Imbituba diariamente. Neste percurso também trafegava o trem com carga variada.

Eder: E o que é que transportava?

Meri: Farinha, animais, madeira, banha.

Tisa: A região de Araranguá criava muitos suínos porque as terras eram boas para milho e batata. A madeira vinha da serra e a farinha vinha de toda região litorânea desde Sombrio, Araranguá e daqui.

Tonico: Por que terminou o trem de passageiro e os engenhos de farinha quase não existem mais?

Tisa: Foi com a construção da BR-101, foi um momento de grandes mudanças em toda a economia do país.

Tonico: E nós vamos estudar estas mudanças?

Tisa: A gente é que está construindo o programa, é uma questão de querer.

Eder: E como construíram a estrada de ferro, já existia máquinas e tratores?

Meri: Não existia, era tudo na pá e na picareta, tudo no braço. Muitos trabalhadores da estrada de ferro depois foram trabalhar nas minas.

Zé: Eu ainda tenho umas coisas sobre o uso do carvão e a sua utilidade para dizer.

Tisa: Então podes falar.

Zé: O uso do carvão começou ter grande importância na Inglaterra para as locomotivas e siderurgia. Hoje em todo mundo é usado para a produção de ferro e aço, nas termelétricas no aquecimento doméstico e industrial.

Tisa: Nós convidamos o Senhor Jorge para conversar com a gente. Ele foi mineiro e líder sindical.

Jorge: Eu me considero como uma pedra quadrada que foi perdendo as pontas com o tempo, de tanto bater aqui e ali. Só tenho o 3º ano primário e comecei trabalhar com 17 anos.

Meri: E como o senhor entrou na luta sindical?

Jorge: É que o sindicato era pelego, eleito com a ajuda dos patrões e não defendiam o interesse dos trabalhadores nossa luta foi por melhores condições de trabalho e melhores salários.

Tonico: E qual foi o momento mais difícil de sua vida?

Jorge: Foi em 1964 quando fui perseguido e preso, depois de me esconder uma semana.

Tonico: Tudo que a gente aprendeu até aqui foi bom, mas como é que a gente vai adiante?

O senhor Jorge até falou que quem sabe pouco, pensa que sabe muito. Eu fiquei curioso de saber um pouco da história de Içara. Os imigrantes, as transformações havidas com a BR-101. Tem outros pontos que a gente podia definir e estudar, mas dentro de uma seqüência.

AULA DE 13/09/90

Eloisa: Eu gostaria que vocês prestassem bastante atenção na última parte do texto que nós lemos.

Vamos discutir um pouco para depois tomarmos uma decisão. É aquela falação do Tônico, ali, a última. Isto disse alguma coisa para vocês?

Aluno: Eu achava bom a gente estudar agora sobre Içara, os imigrantes assim como diz o Tônico, acho que ele está falando pela maioria aqui.

Nivaldo: Na decisão do próximo assunto eu gostaria de dizer como eu penso que deve ser de tal modo que tenha seqüência e as coisas vão ficando sempre mais amplas.

Nós começamos do ponto menor que era a questão dos mineiros na CSN, um ponto, uma história de um grupo. Daí nós alargamos um pouco mais para toda história do carvão na nossa região que a gente dividiu em vários assuntos, a próxima etapa deve ampliar ainda mais nosso campo de conhecimento com algo relacionado aos primeiros, mas que alargue ainda mais os horizontes. Ver as mudanças produzidas pela BR-101 podia ser interessante.

Aluno: Eu queria saber sobre o município.

Aluno: Eu acharia melhor pegar um assunto a nível nacional.

Aluno: Sobre Içara.

Aluno: Pegar jornal de novo.

Eloisa: Já teve momento que foi proposto estudar a origem do povoamento, da colonização, será que isto já morreu?

Aluno: Era melhor a gente estudar uma coisa que não ficasse só na região.

Goretti: E se a gente se reunisse em equipe para tentar amadurecer um pouco mais, tentando ler a nossa realidade do município e dali a gente alargava mais. Vocês podiam conversar entre vocês e escrever a sugestão no papel.

Aluno: Então vamos.

Eloisa: Vocês formam grupos, discutam e escrevam as sugestões e dêem para nós e a gente decide na próxima aula.

AULA DE 01/11/90

Eloisa: Na aula de hoje nós vamos fazer o seguinte: Lembrem da aula passada que a gente tinha falado sobre os assuntos, que vocês iam sugerir para dar continuidade ao nosso estudo, lembram? Olha aqui nos papéis que vocês entregaram, tem.

- Os imigrantes.
- História de Içara.
- Importância da fumicultura.
- Sobre a BR-101.
- Industrialização de Içara.

Então estes foram os assuntos que vocês propuseram e então a gente vai começar por um e qual seria o primeiro?

Alunos: Os imigrantes.

Eloisa: Os imigrantes, seria o estudo dos primeiros habitantes e colonizadores de Içara, foi esta a sugestão?

Aluno: Foi.

Eloisa: Alguém já conseguiu trazer alguma coisa para hoje?

Aluno: Nós tínhamos trazido uma foto bem antiga. Os primeiros habitantes de Içara foram os italianos. Eles chegaram em Criciúma; daí se deslocaram para diversos lugares e chegaram em Içara. Entre os primeiros italianos chegados em Içara estão as famílias Rovaris, Menegari, Lodetti, Bonomo, Piazzole, Manenti, Valvassori. Uns se fixaram por aqui onde hoje é Içara; outros foram para o interior onde era tudo mata.

Eloisa: Alguém queria fazer mais algum acréscimo?

Aluno: A gente podia trazer objetos de uso antigo como máquina de costura, aquele aparelho de tirar a semente do algodão.

Eloisa: O que vocês acham de saber um pouco das origens de vocês, por que os avós de vocês vieram para cá, estudar um pouco qual a ascendência de vocês. E também por que vieram, como vieram.

Marilda: Eu acho legal. Porque eu não sei; por parte do meu padrasto se são italianos por parte da minha mãe não sei nada.

Eloisa: Em Içara não tem só italianos, tem de outras nacionalidades.

Nivaldo: Nós podíamos agora ler mais uma conversa do Tônico, Zé, Maria e partir dali, é bem pequeno.

Vamos ler então.

Tônico: Vocês já observaram com atenção os sobrenomes dos nossos colegas de turma? Observaram a cor dos cabelos, dos olhos e da pele? Os sobrenomes são Pizzeti, Colonetti, Silva, Sartor... os cabelos castanhos, os olhos escuros, claros.

Nivaldo: Vamos pegar a chamada e ver?

Eloisa: Aqui pela chamada. Sartor, Colonetti, Souza, Martinhago, Valenti, Martins, Paes, Bressan, Silva, Rosso, Ribeiro, Vieira, Cardoso, Pereira, Figueiredo, Guetner, Silveira, Alvez, Barros, Fernandes, Zanolli, Zanatta, Feliciano, Darós, Dagostin.

Nivaldo: Vocês observaram quem tem olhos azuis.

Aluno: Eu.

Nivaldo: Olhos verdes.

Aluno: Eu. Eu e a professora.

Maria: A gente vê mas não dá muita importância em associar sobrenome, cor de cabelo e de olhos com a origem da pessoa.

Zé: Seria interessante se a gente soubesse de onde vieram os italianos, para onde foram no começo, o que faziam e assim para os brasileiros, poloneses, etc.

Tisa: Quem sabe cada um pesquisa e escreve a história de sua família, de suas origens? Içara foi construída pelos avós de muitos de vocês, está sendo construída pelos pais de vocês e por vocês. Podíamos então tentar entender como a história de Içara e região foi e está sendo feita por pessoas bem próximas a nós.

Nivaldo: Vocês certamente tem observado que aqui na sala tem descendente de vários países ou etnias.

É importante que a gente pense que o brasileiro de hoje é descendente de vários países e continentes. Aqui na turma vários tipos de sobrenome, uns italianos, portugueses, brasileiros. A idéia que nós temos depois de conversar entre nós professores é que nós não estudamos a história de Içara como simplesmente uma coisa que aconteceu com os outros há muito tempo, mas gostaríamos de estudar a história de Içara a partir das origens de vocês. Para isto nós reunimos vocês por grupo de origem.

Os italianos formariam um grupo, os poloneses, portugueses outros grupos e cada um iria buscar suas origens e as mudanças ocorridas até hoje.

Você que é de família Zanatta ou você que é da família Valvassori seria interessante estudar de que lugar vieram da Itália, onde foram morar aqui quando chegaram, o que faziam e o que fazem hoje. A mesma coisa se faria com as outras famílias. Pelas histórias dos nossos avós, pais e de nós mesmos, nós teríamos um pouco da história de Içara. Seria importante enquanto se estudar a vida dos avós, pais e nossa, procurar identificar as mudanças de uma geração para outra.

Aluno: E os índios são aqui do Brasil mesmo, não são?

Nivaldo: São.

Aluna: O bisavô por parte da minha mãe é descendente de índio.

Nivaldo: Se tivermos alguns descendentes de índios aqui na sala, eles também vão contar a história deles.

Aluno: O meu bisavô já viveu com os índios.

Nivaldo: E tu tens alguém que saiba contar esta história?

Aluno: Eu acho que minha avó sabe.

Nivaldo: Para cada história precisamos pesquisar, entrevistar os pais, os avós ou parentes que saibam de alguma coisa e depois reunir tudo. A história que é passada para nós vai aparecer contada pelos pais, pelos avós de vocês, porque para eles aquilo foi presente, foi a vida deles.

Eloisa: Então vamos separar por grupos.

Quem é brasileiro? Quem é italiano, polonês?

Vocês formam os grupos e depois se dividam para cada um saber o que vai fazer, quem vai entrevistar, quem vai procurar em livros.

AULA 08/11/90

Goretti: Então vamos ver o que os grupos conseguiram trazer para a gente iniciar.

Aluno: Nós trouxemos uma máquina de costura manual.

Goretti: E de quem era?

Aluna: Essa máquina pertencia à minha avó. Ela era criada por uma tia, então ficou para ela que deu para minha mãe.

Goretti: E esta outra engenhoca?

Aluna: É uma máquina toda de madeira que serve para tirar a semente do algodão. Eu sei tudo como era que funcionava. Depois que colhiam o algodão eles botavam o algodão aqui e em duas pessoas iam tocando as manivelas.

A semente não passa nestes cilindros e vai caindo aqui e do outro lado passa o algodão. Depois continuavam preparando o algodão até transformar em fios e panos.

Goretti: Tem mais alguma coisa, ou vamos para um grupo com a história da sua família.

Patrícia: A família Valvassori veio da Itália representada pelos meus bisavós e avós que tinham 12 anos de idade. Vieram ficar na Primeira Linha, em Sangão, que naquele tempo era só mato. O meu bisavô se chamava Donato Valvassori, era agricultor e possuía 100 hectares de terra. Só ficou com uns 4 hectares. Ele foi um dos fundadores de Içara e também ajudou a fazer a igreja antiga que agora é a casa

da cultura. O meu bisavô casou-se com Laura Valvassori e tiveram muitos filhos, um deles é meu avô que com a minha avó tiveram 6 filhos, um deles meu pai.

Atualmente trabalham em várias atividades como professor, contador, estofador; um é o prefeito atual.

Quanto às roupas da época. Eram feitas em casa, de algodão e de lã. O algodão era plantado e depois de colhido e tirado o caroço era batido em cima de uma almofada para ficar macio com duas taquaras. Depois fiavam, pintavam e teciam. Para costurar usavam máquina de costura manual.

Quanto ao transporte e costumes.

Quando meu bisavô veio da Itália, veio de navio e o transporte aqui era carro de boi, cavalo, charrete e trem. As festas eram feitas no domingo pela manhã. As pessoas se reuniam e cantavam músicas italianas, as comidas eram grande quantidade de macarrão caseiro que a mona fazia, polenta, galinha ensopada que era feita em grandes caldeirões de ferro. Guardavam a comida bem salgada, carne, salame.

Hoje é tudo diferente, a roupa é comprada nas lojas, a comida é comprada no supermercado, o transporte em ônibus, carro e caminhão e as festas não são mais do mesmo jeito. Hoje é tudo mais moderno. As máquinas fazem tudo é só apertar os botões, antes era manual.

Catiusa: A minha avó falou que elas para casar tinham que saber fazer roupa para os maridos e os filhos. Era bem difícil, passaram muito trabalho.

Goretti: E por que será que hoje não fazem mais todas essas coisas?

Catiusa: É que hoje sai mais em conta trabalhar fora e comprar o produto da indústria do que ficar em casa produzindo estas coisas. A vida era mais devagar.

Nivaldo: É importante o que a Catiusa coloca. A vida era mais devagar. Os meios de transportes eram mais lentos, as distâncias eram percorridas precisando de muito tempo. As roupas feitas artesanalmente demoravam muito mais tempo para fazer.

O homem com a técnica que ele produz passa também a ser influenciado, passa a ser apressado, a ter horário a correr atrás de muitas coisas. Andando a pé ou de carroça as pessoas não podiam ter mais pressa do que as condições oferecidas por estes meios de transporte e achavam natural fazer 5 km em uma hora.

Quem é o próximo que quer expor o que pesquisou?

Angelita: Os imigrantes da minha família vieram da Itália em busca de terra para trabalhar na lavoura. Plantavam milho, feijão, arroz, batata, uva, abóbora e verduras.

As festas da igreja eram animadas por eles mesmos que cantavam música italiana; tinha a reza do terço. As roupas é o que já foi dito aqui. Para namorar tinha que ser com italianos porque não gostavam que casassem com brasileiro. O namoro era ficar um do lado do outro sem beijar, porque o pai ou a mãe cuidava. Não existiam eletrodomésticos. A carne era salgada e seca. Os mantimentos, como, feijão, farinha, eram guardados em saco ou caixões. O milho era empilhado num paiol.

Fabiane: O avô do meu pai veio da Alemanha e a minha bisavó paterna veio de Portugal.

Por parte da mãe, o avô veio de Portugal e a avó era índia brasileira. No começo eles foram para o Rio Grande do Sul. Eram agricultores. As festas de igreja tinham novena, jogos, churrasco, trovas e banda de música. Roupas e transporte já foi falado. As compras era só de ferramenta e do que não produziam, era feita num armazém que comprava também produtos deles. As escolas eram distantes e muitos alunos escreviam numa lousa que é uma miniatura de quadro onde se escreve e apaga. Para escrever à tinta tinha uma pena fixa numa madeira.

Precisava molhar a pena no tinteiro. Depois vieram as canetas que se enchia de tinta, era diferente das esferográficas de hoje.

Agora vem o lado da mãe. Os avós da minha mãe eram de origem brasileira de origem índia, lá em Santa Cruz do Sul. Tinham uma fazenda, mas venderam. As roupas, festas e o transporte e namoro eram como já foi falado aqui.

Tem a história da minha tataravó que era índia e foi pega em uma caçada no mato. Era uma menina e foi pega com cachorro de caça. Depois casou com um da família e foi bisavó do pai. Ela se perdeu da tribo; por isto que pegaram.

Goretti: A Fabiane tem uns traços diferentes, notaram?

Fabiane: Tem alemão, castelhano, português e índio.

Nivaldo: Quanto mais as raças se misturam mais as pessoas são resistentes, fortes e bonitas.

Fabiane: As minhas colegas de equipe também tem ascendentes indígenas que viveram na região de Urussanga e aqui no litoral.

Nivaldo: E por que não existe mais índios aqui na nossa região?

Catiusa: Eu entendi de um livro que eu li que os homens brancos daquela época eram muito rudes, quem sabe até porque não entendiam por que eles matavam os índios. Uma vez um homem matou mais de 100 índios em Nova Veneza. Os imigrantes pagaram estes matadores para se livrar dos índios e ficar com a terra.

Anameire: Eu li em outro livro sobre os bandeirantes que prendiam os índios para vender como escravos, mas para prender matavam muitos e os escravos também morriam em seguida.

Nivaldo: O que vocês colocam são dois momentos diferentes.

Os bandeirantes caçavam as tribos do Sul e do interior do Brasil a partir de São Paulo e foi mais no século 17 e um pouco no século 18.

Aqui na região foi na época da migração italiana e alemã, portanto de 1850 até 1920 mais ou menos. Mas o extermínio do índio vem desde a época do descobrimento com guerras de extermínio, contágio por doença e escravização.

Marilda: Eu ainda queria falar da maneira que o pessoal antigo tinha para cuidar da saúde.

Eles tinham que resolver os problemas em casa com remédios de ervas e simpatias. No início aqui não tinha hospital, só em Laguna e eram 2 ou 3 dias para levar um doente.

Goretti: E os poloneses e alemães?

Andrei: Eu fui falar com a minha avó, mas ela está doente, vou tentar depois que ela melhorar.

Goretti: E tu Gilvânia?

Gilvânia: É tudo parecido com o que o pessoal falou aqui, eu entrego por escrito. Mas as origens lá na Polônia, eu não consegui.

Goretti: E o que vocês conseguiram sobre a situação que estavam passando esses países da Europa de onde vinham os imigrantes e o que eles procuravam aqui no Brasil?

Patrícia: Era porque estavam ocorrendo guerras na Itália e a população mais pobre passava por muitas necessidades e tinha notícia de que no Brasil eles ganhariam terra.

Marilda: Eu tirei de um livro isto aqui escrito por um padre que morou em Urussanga por muitos anos, ele diz o seguinte:

"Naqueles tempos a Itália nossa, passava uma crise dolorosa. Os partidos revolucionários perturbavam a Península, impostos e taxas atingiam sem remissão, a agricultura era mesurada ou mantida por mandatários expoliadores, o pobre lavrador flagelado pela "pelagra" (subnutrição) era incapaz de sustentar e alimentar sua família. (...) Desciam das altas montanhas do Cadore e unidos aos das províncias

de Beluno, Treviso, Vicenza, Údine, Pádua, Mântua e Verona, dispunham-se a partir para o Brasil. Coloram à venda haveres e vencido o natural receio de atravessar os mares, estavam prontos para a partida.

Depois de uma última saudação à aldeia que os tinha visto nascer, não sem um aperto no coração ao pensar que nunca mais a veriam, saudados mais uma vez parentes e amigos, deram o extremo adeus à pátria querida. De Canelliano e Milão prosseguiram para Turim e Modane, onde chegaram na aurora do dia 29.

Pararam dois dias nesta cidade e partiram, passando por Lion e Paris, para o Havre, local de embarque. O transatlântico francês, "San Martino" aguardava-os, e amontoados da melhor maneira, carregou-os, por Lisboa, Pernambuco, até o Rio de Janeiro. A viagem até esta cidade foi muito feliz e levou 27 dias, chegaram no dia 29 de abril. Sem tocar terra foram transferidos para outro barco, já pronto; este, tocando Santos, levou a Desterro capital do Estado de Santa Catarina. Depois foram transportados ao continente, via Laguna, em pequenos barcos à vela. De Laguna à Tubarão foram transportados por velhas e grandes barcaças. Depois de três dias de caminho a pé, por montes e vales, em plena floresta virgem, chegaram ao destino em fim de maio." ¹

Goretti: O que tu entendeste Marilda?

Marilda: Eu entendi que na época a Itália estava passando por uma crise. Então eles para sobreviver vieram para cá e na viagem passaram por várias cidades na Europa antes de pegar o navio e depois vieram para cá.

Nós sabemos que o Rio Grande do sul, São Paulo e outros lugares de Santa Catarina também receberam muitos italianos.

1. MARZANO, Luigi. Colonos e missionários italianos nas florestas do Brasil. (P. 54).

Nivaldo: Olhando no mapa aqui vocês podem ver que as cidades citadas são todas do Norte da Itália. Os imigrantes da nossa região são todos do Norte da Itália, certamente porque a situação ali era mais difícil. A maneira de conseguir imigrantes era mais ou menos assim.

O Governo brasileiro mandava agentes para a Europa, Itália principalmente. Estes agentes falavam com os padres para anunciar nas missas de domingo que o Governo brasileiro estava dando terra. Quem queria, dava o nome e quando tinha um número razoável era marcada a data e o pessoal vendia suas coisas e carregava a mudança.

Muitas promessas depois não eram cumpridas e os imigrantes tinham que se virar nas florestas com poucos recursos. Mas porque as pessoas mudam de lugar? Não é na esperança de encontrar um lugar melhor para viver? Vocês se lembram da história do Giovani que a família dele se mudou várias vezes?

A Marilda, a Catiusa tem experiência de mudanças e isto acontece porque as pessoas buscam o que pensam e acreditam ser melhor, assim os imigrantes também procuravam aqui coisa melhor ou ao menos fugir do pior e o que eles achavam ser o pior eram os impostos e taxas que produziam a fome.

Daí vieram para Urussanga, Azambuja, Criciúma, Içara, Caxias do Sul, Garibaldi, São Paulo.

André: O Brasil oferecia atrativos para estes imigrantes?

Goretti: O imigrante queria terra e trabalho. O Brasil tinha terras vazias no Sul e trabalho nos cafezais. Fazia a propaganda que tudo aqui era uma maravilha; depois que o imigrante estava aqui não tinha mais jeito de voltar. Muitos se revoltavam pelo não-cumprimento das promessas, mas depois se conformavam e levavam a vida em frente.

Agora nós estamos chegando no final do ano e precisamos terminar por aqui. Se não fosse as duas greves nós teríamos que desenvolver outro tópico de ensino mas não vai dar. Para nossa próxima aula, que vai ser

a última, nós estamos convidando vocês todos para uma avaliação da nossa caminhada, da nossa experiência. Peço que cada um escreva o que achou, mesmo os que falaram pouco. Aqui em sala de aula, depois nós vamos comentar o que cada um achou, está combinado?

AVALIAÇÃO 7ª A

Eloisa: Nós gostaríamos de saber o que vocês pensam sinceramente como foram as aulas do jeito que elas foram desenvolvidas neste ano. Se vocês gostaram, se foi melhor do que nos anos anteriores, se vocês acham que aprenderam, se acham que construíram alguma coisa apesar das paradas das aulas. Quem gostaria de dizer alguma coisa.

Fabiana: Eu gostaria. Todas as aulas são iguais. Você estuda, faz prova e aqui as aulas foram diferentes. A gente participava, fazia pesquisa não era monótona, era bem diferente.

Eloisa: E quanto aos conteúdos, foram melhores do jeito que foi dado?

Fabiana: Eu achei que foi melhor porque a história é sempre a mesma coisa e assim a gente aprendeu coisas mais perto de nós. Só achei que o assunto dos mineiros foi meio comprido, mas acabou ficando bom porque aprendi uma porção de coisas que não sabia.

Eloisa: E quanto aos assuntos estudados e construídos junto, você acha que vai esquecer rapidamente ou isto você vai se lembrar por muito tempo.

Fabiana: Acho difícil esquecer por que aqueles personagens de Maria, Tônico e Zé ajudaram até a gente se identificar com um deles.

Catiusa: Achei legal porque antes era tudo do livro e a gente nem sabia com certeza se aquilo era verdadeiro ou não. E como nós fizemos o jornal, as pessoas vinham aqui, ficou uma coisa assim mais viva.

Eloisa: E sobre a história dos imigrantes?

Catiusa: Eu nunca tinha pensado sobre a minha origem e agora eu me interessei mais.

Fabiana: Eu também não me interessava sobre a minha origem e acabei me interessando e agora eu sei.

Nivaldo: E qual a importância de a gente saber a nossa origem?

Fabiana: Fica legal a gente saber, a gente fica gostando mais. Eu fiquei contente de saber a minha origem e saber que tenho sangue de índio.

Nivaldo: No começo parece que você se parecia com a Maria do texto, desligada, copiando matéria e depois você foi uma das que mais participaram, o que mudou em você?

Fabiana: Eu achei legal, interessante e passei a me interessar.

Luciano: Eu gostei por que tanta coisa bem perto a gente não sabia, eu sabia que era italiano mas não sabia como era a vida deles lá na Itália e aqui, no começo.

Eloisa: Vocês gostariam de continuar no ano que vem deste jeito ou como era antes?

Luciano: Gostaria que fosse assim.

Moacir: Do outro jeito a gente esquecia facilmente.

Aluno: Eu gostei deste ano porque no ano passado o professor passava matéria, dava questionário e marcava prova e eu este ano não me lembro, de nada e deste ano eu me lembro, eu sei.

Giovani: Eu gostei das aulas, mas se trocar de professor e ele perguntar assunto que era do programa? Porque tem professor que é grosso.

Nivaldo: Giovani, mais importante do que saber repetir, é importante saber distinguir e você já sabe que existe professor que é grosso, daqui a pouco você saberá distinguir o político sério do não-sério e isto para nós é o que é o aprendizado da história, uma coisa que serve para a vida.

Aluno: Este ano foi bem vivo, com passeio, visita.

Aluno: Gostei. Do ano passado não me lembro nada.

Jair: Eu gostei, no ano passado era uma bagunça, cola, só no livro, só no livro e isto fica morto.

Aluno: Este ano o importante é que a gente pesquisou, ficou sabendo das origens.

Nivaldo: Vocês ficaram mais solidários entre vocês com a lição dos mineiros?

Catiusa: Não me liguei neste ponto.

Quem mudou muito foi a Bia.

Fabiane: Quem disse que eu mudei foi a mãe, eu levei os papéis com as histórias e li para ela e ela disse que os professores me conheciam porque eu era igual a Maria, mas que as aulas de história estavam me fazendo muito bem porque eu estava mudando.

Aluna: A Bia mudou mesmo. Ela era muito ela, era difícil ser amiga dela e agora todos querem ser amigas dela.

Eloisa: Eu notei foi uma grande transformação da turma enquanto grupo isto é bem visível, individualmente a Fabiane foi quem mais me chamou a atenção, senão as coisas aconteceram muito mais a nível de grupo.

AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES

Goretti: Esta avaliação final o que eu observei foi firmeza por parte deles no escrever porque antes a gente pegou aquelas questões sobre a intenção de estudar história de forma diferente começando pelo que nos rodeia e a reação deles no início foi talvez meio mecânica pela procura do novo, talvez até influenciado por nós, pelo nosso otimismo, mas o que eu observo agora depois da experiência vivida o que escreveram agora é alguma coisa mais concreta. Todos dão um conceito de história, nenhum igual. E no início do ano todos que deram algum conceito, foi conceito tirado do livro como a definição de que a "história estuda o passado da humanidade e seu relacionamento com o presente".

Respostas assim mecânicas onde escreviam sem saber o verdadeiro significado do que estavam escrevendo.

O que eu acho mais importante é que em nenhum momento ao final eles repetem um conceito de história que não tenha significado para eles, em nenhum momento repetem conceitos livrêscos e sim do domínio deles. Tem aluno que diz que "a história chegou mais perto de mim" o que no meu entendimento quer dizer que aquilo que ele aprendeu é concreto passou a ser a vivência deles. Outro que diz que conseguiu aprender sobre "nós mesmos" e antes as coisas eram distantes e desligadas do contexto em que viviam. Aulas flexíveis no sentido de que não era um esquema pronto, as aulas não eram um discorrer trazido pronto, se adaptava às contribuições deles. Não cumpria um roteiro, um script. Outro que diz que estudaram para vida e não para a prova e que as

aulas foram práticas isto é úteis para entender o dia-a-dia. A gente, diz outro aluno, passou a entender e não só saber para repetir no momento de prova e depois esquecer. Algo marcante foi o aluno dizer, que adorou história neste ano, aluno que ia ao encontro da gente quando nos dirigíamos para a sala de aula ou ficavam contentes quando íamos substituir outro professor com as aulas de história. Estas coisas deixam a gente feliz.

Aluno que diz ser importante prestar atenção para se ligar no que o professor diz.

Nivaldo: No processo dialógico me parece ser um ponto primordial. A locação, a fala, precisa da interlocução, precisam professor e alunos dialogarem sobre o objeto de conhecimento em questão e a atenção, o ligar-se ao locutor para ser interlocutor é básico, acho a percepção deste aluno de grande importância.

Goretti: Eu entendi como um resultado já do trabalho.

Eloisa: Eu desde o início abracei esta proposta porque senti da maior importância e acreditava nos resultados. Não podia prever o resultado, mas acreditava que eles viriam. Quando iniciamos apesar dos altos e baixos e das titubeadas, eu sempre acreditei e não senti dificuldade em participar porque não me preocupava com os resultados imediatos, mas com o que viria com o tempo, com as pessoas se descobrindo inclusive a gente. Eu tive que parar para analisar, para evitar fazer a coisa mecânica. Vimos também que nas duas turmas aconteceram mudanças diferentes. A 7ª B as mudanças foram com a turma toda do silêncio para a fala sem destaque individual, já na 7ª A um grupo que mais participava manteve o ritmo e alguns mudaram profundamente como a Fabiane, a Cynara. Mesmo a Gilvania sempre desligada se reconheceu como desligada e o reconhecer-se como tal é o início para se transformar. O Giovani que não falava muito, no final levantou até a questão que tem professor grosso que faz questão de perguntar o que o aluno não sabe.

Nivaldo: E vocês o que foi que mais tocou?

Eloisa: Para mim o mais importante é que, depois que a gente viveu esta experiência, não tem mais como voltar ao tradicional. Com outras turmas pode ser que não faça tudo que fizemos durante a experiência, mas esta forma de pensar e agir passou a fazer parte do meu ser, não tem mais jeito de voltar ao que era antes, ficou uma coisa natural, como que espontânea este fazer.

Goretti: Ficou bem claro que cada turma tem sua característica, seus temas e que não dá para repetir, com cada turma é um caminho.

Com cada turma é uma história nova. Nós vimos a diferença entre as duas turmas. Cada turma é independente da outra mesmo da mesma série, da mesma escola. A 7ª A era mais rápida e queria novidade sempre e a 7ª B era mais calma e ia até mais fundo e daí as mudanças serem mais coletivas.

Eloisa: Considerando aulas de 35 minutos 2 greves e com falta de professores, acho que conseguimos realizar muita coisa. E tinha também o ano eleitoral na escola com a campanha para eleição de diretor, tudo isto envolve.

Acho também que sem a preocupação de estar trabalhando para que o resultado seja transformado em dissertação, vai deixar a gente nos próximos anos bem mais solto. É que fazendo parte de um projeto parece que tem que dar certo.

Nivaldo: Vocês se lembram que o Diretor um dia comentou que os outros alunos andaram perguntando porque só duas turmas tinham aulas bem diferentes e por que eles não tinham? Isto quer dizer que o nosso tipo de aula era comentado fora, pelos corredores despertando algum tipo de curiosidade.

E a avaliação no sentido das notas que foram dadas?

Eloisa: Foi o mais difícil em todo o processo, porque, quando a gente dá uma prova cobrando a repetição do que o aluno aprendeu do que o professor falou, é fácil é só constatar, errou, acertou, acertou, errou e pronto. Eu levei em conta o que ele produziu, o que ele mudou até enquanto gente enquanto demonstra que se descobriu. Aluno que escreve que a turma conseguiu estudar uma história diferente, ter esta noção, saber situar aulas de um e de outro jeito, já é um ponto importante, pois percebe que os alunos e professores fazem o tipo de aula e que as aulas não têm que necessariamente serem sempre de um modo pré-determinado.

Nivaldo: Será que a dificuldade em avaliar não está ainda na separação da avaliação do processo como um todo? Durante o processo a coisa é bem mais coletiva, a escolha dos temas, a produção e na hora de dar a nota a decisão é do professor que às vezes usa deste instrumento para manter a sua posição de professor. Então seria lógico que a decisão da nota, a avaliação, fosse coerente com o processo, tivesse a participação dos envolvidos. Senão a gente abre uma série de perspectivas novas em todo o processo, mas rompe a coerência no momento da avaliação.

E pelo visto vocês estão contentes de ter participado, embora tenham padecido um pouco.

Goretti: Para a gente foi uma oportunidade de participar de uma experiência que, sem um desafio de fora pelos nossos próprios pés, teria sido difícil acontecer. Para nós aqui foi gratificante ter tido esta oportunidade de tentar fazer algo de novo como professora.

Nivaldo: Para mim o último encontro com os alunos foi muito gratificante porque eles queriam que a gente continuasse com eles, eles deram inúmeras manifestações de apreço pelo nosso trabalho, nossa presença e a gente também precisa destas coisas boas como injeção de ânimo, porque na tentativa de fazer qualquer coisa nova os obstáculos são em muito maior quantidade que as condições favoráveis.

TEORIZAÇÃO

O grande desafio colocado à nossa frente no decorrer de todo o trabalho foi o de trazer as diretrizes da Pedagogia Dialógica para o ensino da História que queríamos praticar.

Os princípios da Pedagogia Freireana estão explicitadas nas obras de seu autor. No Brasil, no entanto, alcançou maior divulgação o chamado "Método Paulo Freire".

Na década de 60 a partir das experiências da Alfabetização no Nordeste, o processo de alfabetização de adultos desenvolvido por Paulo Freire provocou sucessivamente curiosidade, admiração e ira. Curiosidade pelo conteúdo inovador, admiração pela eficiência e rapidez em alfabetizar e ira pelos resultados políticos obtidos. Neste contexto a USAID que financiou a etapa de Angicos, via Aliança para o Progresso, não só suspendeu futuros financiamentos, mas advertiu para os perigos que tal alfabetização representava.¹

A presença do próprio Presidente João Goulart no encerramento do projeto de Angicos mostra a repercussão que a experiência obteve. Em seguida a Prefeitura de Natal faz a experiência "De Pé no Chão também se aprende a ler".²

Paulo Freire é então convidado no Governo Goulart, a chefiar no MEC, O Plano Nacional de Alfabetização de Adultos. Criam-se pelo Brasil inteiro milhares de círculos de cultura.

1. GUIMARÃES, Sergio. Aprendendo com a própria história. p. 29.

2. GOES, Moacyr. De Pé no Chão também se aprende a ler.

E o resto nós conhecemos, tudo foi violentamente interrompido pelo Golpe de 64 e o próprio Paulo Freire foi preso e acusado de ser autor de um método de alfabetização subversivo.

Perseguido, Paulo Freire vai para o exílio, Bolívia, Chile, Suíça.

No Chile durante alguns anos encontra junto com muitos outros exilados trabalho e condições para escrever. Vive algum tempo nos Estados Unidos e depois fixa seu exílio em Genebra de onde colabora com vários países da África e América Latina.

Sem dúvida o laboratório onde Paulo Freire elaborou e experimentou sua teoria foi no Nordeste. Foi certamente aí que estudou, pesquisou o que apresentaria em 1967 na Pedagogia do Oprimido, completado sucessivamente no conjunto de suas obras.

O estudo da Pedagogia Freiriana apontava para algo muito além de um método de Alfabetização de Adultos. Apontava para um sistema geral de educação para uma Pedagogia. Mas, como trabalhar na especificidade do ensino da História partindo dos princípios que regem a Pedagogia Dialógica?

Foram questões deste teor que fizemos no decorrer da elaboração do projeto de pesquisa e foram respostas para estas perguntas que procuramos na experiência levada a efeito em sala de aula.

Algumas aproximações que queríamos fazer entre o Pensamento Pedagógico Freireano e o ensino da História já tinham indicações na própria obra de Paulo Freire que constantemente faz referência a História e à historicidade do homem.

"Na verdade diferentemente dos outros animais que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Tem consciência de sua inconclusão".

(Freire, 1978:77.)

A historicidade não está na relevância dos fatos, mas na capacidade que só o homem tem de se saber inconcluso e de construir o próprio mundo. A História que queríamos ensinar-aprender, era a história que se identifica

com a própria construção da existência no cotidiano dos homens. É no cotidiano que o homem vai se construindo, se completando. É no cotidiano que o homem vive e acha as formas de modificar sua existência.

Os homens desde que são homens estão constantemente conquistando e transformando o mundo e sendo transformados por ele.

Mudar o mundo, no sentido de mudar as relações dos homens entre si e dos homens com a natureza é fazer história.

Os fatos, enquanto fatos, têm suas existências no cotidiano, depois passam a ter sua existência enquanto lembrança, enquanto memórias.

De forma semelhante ao que acontecia com o alfabetizando de Angicos, que no processo de alfabetização transformava os objetos em palavras e as palavras em novas representações da sua existência, precisávamos fazer das histórias individuais e coletivas os objetos de nosso conhecimento a partir dos quais construiríamos outros conhecimentos. As nossas histórias e as histórias com as quais nos iríamos envolver, educandos e educadores, seriam os conteúdos sobre os quais iríamos estabelecer nossas locuções e interlocuções, portanto nossos diálogos. O ponto de partida básico que acompanhou todo o processo foi a preocupação de não separar história, enquanto a própria vida, da história tornada conhecimento sobre esta mesma vida, portanto do ensino da História. Tínhamos também consciência do quanto o estudo da História é pautado no resgate das memórias, portanto no estudo e na reconstituição do passado.

Buscávamos uma pedagogia que não tratasse o passado como coisa morta, mas como algo que, se passado em relação a nós, foi presente e vida em relação aos sujeitos construtores de outras existências em outros tempos e outros lugares. Víamos na pedagogia dialógica a possibilidade de concretizar-se um ensinar-aprender que fosse uma compreensão e ao mesmo tempo uma construção da própria existência.

"A concepção e a prática bancárias, imobilistas, fixistas terminam por desconhecer os homens como seres históricos enquanto a problematizadora parte exatamente do caráter histórico e da historicidade dos homens. Por isto mesmo é que os reconhece como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos, e em e com a realidade que sendo histórica também é igualmente inacabada".

"... A educação problematizadora, é futuridade revolucionária. Daí que seja profética e, como tal, esperançosa. Daí que corresponde à conciliação dos homens como seres históricos e à sua historicidade. Daí que se identifique com eles como seres mais além de si, olham para frente; como seres a quem o individualismo ameaça de morte: para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sendo, para melhor construir o futuro".
(Freire, 1978:83.)

A dialogicidade por partir dos temas geradores, portanto do significativo existencial, para a construção do conhecimento satisfazia a exigência de trabalhar na escola a História enquanto vida, e a vida, a existência como sendo a história viva. Neste contexto incluíamos também o estudo das memórias. As memórias não podiam receber um tratamento de coisa morta, mumificada. As memórias na prática da educação tradicional são apresentadas de forma fragmentada e às vezes tendenciosa. Isto porque procura a exaltação de heróis individuais e de fatos e feitos que resultam na manutenção dos poderosos no poder e na preservação do status quo; pelo conhecimento da exploração e opressão presentes será necessário resgatar as tentativas de libertação do passado. As memórias passadas passam a ser analisadas à luz da sociedade presente.

Por aí, percebemos a existência da memória dos vencidos e dos vencedores.

Para Werneck da Silva, a memória histórica é uma operação acadêmica sobre as memórias coletivas. As memórias coletivas são os fragmentos remanescentes entre os que presenciaram como sujeitos ou espectadores dos fatos. O compromisso do historiador aparece, pois,

no trabalho que ele reconstitui, na memória histórica que elabora a partir das memórias coletivas. Assim, sobre um mesmo fato ou sobre uma mesma memória coletiva podemos ter duas memórias históricas.

"Das mesmas memórias coletivas, constatada podem portanto, ser produzidas divergentes memórias históricas. Vejamos, por exemplo, as memórias sociais sobre os conflitos agrários nordestinos. Manoel Correia de Andrade as analisa mais a esquerda... Gilberto Freire as explica de outra forma mais a direita". (Werneck da Silva, 1985:8).

O mesmo autor também deixa muito clara a distinção entre memória e história enquanto afirma:

"Não há, dialéticamente falando pelo menos, uma história que não seja, a um tempo, de dominados e dominadores, de vencidos e vencedores. Mas o mesmo não se pode dizer das memórias coletivas dos dominados, expropriados pelos dominadores ou por eles reduzidos ao silêncio". (Werneck da Silva 1985:8).

Silva ainda chama a atenção para a preocupação das elites de fazer esquecer certos fatos históricos em que os oprimidos lutaram contra as estruturas opressoras do sistema. Às vezes até com a alegação de não criar animosidade ou espírito revanchista.

"É uma ilusão sempre nutrida pelos vencedores ou dominadores aquela de pensar que conseguirão apropriar-se por inteiro da memória coletiva dos vencidos, ou dominados ou silenciá-los totalmente".

(Werneck da Silva, 1985:9).

Para nós se punha o desafio de trabalhar a história enquanto vida e construção da existência e, ao mesmo tempo, resgatar a memória dos vencidos, mas mantendo, ao estudar o passado, as memórias, a relação com a existência partindo sempre do existencial como tema gerador e estabelecendo elos constantes entre o existencial nosso e o existencial de outros, mas sempre como algo que nos diz respeito, como ponto necessário para melhor entender nosso presente.

O desenvolvimento de temas geradores permitiu que passássemos de histórias individuais às histórias coletivas sem perder a relação de uma com outra, tornando o universo do conhecimento mais amplo.

Foi assim que da problemática da CSN com a demissão dos mineiros, estudamos a situação de uma empresa mineradora estatal que foi o tema gerador detectado naquele momento e para aquela turma. Ao ampliarmos para a história do carvão, utilidade, problemas, transportes, rejeito e ambiente, não perdíamos de vista a descoberta de temas geradores mais amplos nem o ponto de onde tínhamos partido. A passagem de um estágio menos amplo para um mais abrangente foi mais difícil.

Alguns alunos ao encerrar o primeiro tópico queriam começar outro tema a partir do singular, do cotidiano, encontrados igualmente em reportagens de jornal. Precisamos colocar em discussão as limitações de um contínuo começar de um caso singular. Era preciso a partir de um elemento singular, ampliar do local para o regional, daí para o estadual até o nacional e o mundial.

O recomeçar do cotidiano e do singular, sem ampliar sua dimensão, pode bitolar e reduzir a visão de mundo do aluno a horizontes muito limitados como apenas seu bairro, a sua cidade ou a uma situação quase pessoal ou de pequenos grupos. Não era isto que se queria com o desenvolvimento de temas geradores.

Trabalhar temas significativos, temas geradores é uma questão de ir construindo o saber e com prazer, indo das coisas mais próximas para as mais distantes, do mais simples para o mais complexo. O que se quer é conseguir cidadãos do mundo e não apenas do bairro. Para todos nós o mundo começa pela casa, rua, bairro, mas não pára por aí.

Não se deseja um cidadão que só conheça o bairro. Deseja-se um cidadão que seja cidadão do mundo. Não se quer um cidadão apenas leitor de jornal, mas que pelas leituras de jornais seja leitor do mundo. Pelo conhecimento do bairro e pela compreensão de reportagens, o aluno deve compreender o

quanto a sua história está relacionada com a história de outros homens do tempo presente e de outros tempos, com o lugar próximo e com os lugares distantes.

Foi muito importante e até surpreendente, quando ao estudar a vinda dos imigrantes para Içara, eles encontraram na história da imigração as raízes da história das famílias deles. Identificaram uma série de costumes, hábitos e tipos de vida como sendo a história e a vida dos familiares deles ainda vivos ou que estavam na lembrança.

As origens deles, as cidades italianas de onde os ancestrais deles tinham vindo, embora longe no tempo e no espaço, passou a fazer parte da vida e do mundo deles.

Momentos muito ricos, mas dos mais difíceis da nossa experiência foram aqueles em que tentávamos fazer a passagem dos temas locais e individuais para temas mais abrangentes e coletivos. A tentativa de superação de um nível era feita mediante a discussão de uma situação codificada. Nós o fizemos, pelo estudo e discussão do primeiro texto codificador. Foi também pela elaboração e estudo do texto codificador que ficou mais claro o alcance da codificação enquanto tentativa de captar, pela mensagem codificada, o nível de consciência e de interesse dos alunos diante do objeto de conhecimento proposto para se dialogar sobre ele. A situação, a atitude dos alunos perante o objeto de conhecimento proposto, no caso a maneira como os alunos viam a demissão em massa dos empregados da CSN é que precisava ser codificada. À primeira vista nos parecia que era o objeto de conhecimento que tinha que ser codificado. Surgiu então a idéia dos personagens e dos textos em forma de histórias.

A codificação, como de resto, todo o processo da Pedagogia Dialógica, não é um esquema, um modelo que se aplica mecanicamente e numa certa seqüência. Os diversos itens estão simultaneamente presente em todo o processo, mesmo quando um elemento esteja mais evidenciado.

FAZENDO INVESTIGAÇÃO TEMÁTICA

Quando o ano letivo começou chegou a hora de colocar em prática a experiência em sala de aula.

O início parecia claro. Era preciso começar fazendo investigação temática para termos os temas geradores da turma. Tínhamos convicção de que eles aflorariam logo nas primeiras aulas. Era março de 1990, rescaldo de uma campanha presidencial que sacudiu o país. Vivia-se o impacto das primeiras medidas do governo: congelamento, confisco, fechamento de estatais, falta de dinheiro, indústrias paradas.

Entre comentários diversos, os alunos se envolviam com a temática da mudança. Parecia que tudo ia mudar. A idéia que passou a permear nossas discussões era a de mudança. Era preciso mudar. Mudar para dar oportunidade de trabalho, de salário condizente, de acesso à terra. Mudar para acabar com os marajás, os parasitas, os corruptos. Ficamos animados com a temática; pois, afinal a história é feita de mudanças, de transformações na sociedade. Acreditamos até que podíamos fazer um ajuste com o programa da 7ª série. Seria menos conflituoso diante das exigências oficiais do colégio. Pensamos acoplar o tema gerador MUDANÇA ao programa. O tema gerador passaria a estar sempre presente ao desenvolver os conteúdos do programa. O programa seria o oficial permeado pela temática que despertou o interesse da turma. Para a 7ª série seria facilitado, porque iniciava com a Independência do Brasil. Entendido desta forma, tudo parecia estar indo bem. Os alunos eram ativos, participavam, escreveram e falaram que queriam uma história diferente. Quando pedimos aos alunos que falassem sobre as razões da Independência,

eles trouxeram anotações sobre a independência da América Espanhola, a vinda da Família Real, a Revolução Francesa e os Movimentos Nativistas. A partir daí começaram as dificuldades. Percebemos que se tratava de cópias e, para surpresa nossa, de cópias que eram lidas sem serem minimamente entendidas. Eram lidas quase como uma recitação. Surge o nosso segundo equívoco: se eles não entendiam muito bem o que estava escrito, precisava dar uma explicadazinha. Explicações que se transformaram logo em longas exposições. Explicações, talvez, até brilhantes, porque nós nos preparávamos. Porém, depois da segunda aula neste ritmo paramos. Paramos, porque o aluno, mesmo tendo participado da aula, não recordava de nada da aula anterior e muito menos estabelecia o nexos que queríamos imprimir entre uma aula e outra. Paramos, porque eles nos disseram que tudo aquilo estava distante deles. A mudança podia ser perfeitamente tema gerador muito rico, mas em outras circunstâncias, não naquela e muito menos como acessório a um programa previamente estabelecido. Havíamos caído na educação bancária, embora cheia de disfarces. Levei o problema à discussão do grupo de colegas e juntamente com a professora orientadora que ponderou sobre a necessidade de estudar melhor a questão dos temas geradores, para a correção do equívoco que não era dos pequenos. Discutimos, nós professores, sobre o andamento das aulas e reconhecemos a necessidade de recomeçar partindo da investigação temática e dos temas geradores sem nos preocuparmos com o programa oficial. Levamos também a discussão para a sala de aula e pedimos que os alunos dissessem francamente o que estavam achando das aulas. O importante foi que já havíamos criado um clima para que os alunos falassem abertamente o que pensavam diante dos colegas e professores. Falaram que queriam participar e que as aulas fossem como tínhamos proposto no início. Alertavam que nós valorizávamos a participação de alguns alunos, mais desinibidos enquanto outros ficavam esquecidos. Assim logo estes mais esquecidos não mais estariam interessados nas aulas. Eles diziam o que pensavam referindo-se a uma determinada situação de tal forma que não precisava citar o professor,

pois, as observações tinham o endereço certo.

Precisou uma boa dose de humildade para assimilar estas críticas que eram absolutamente procedentes. Nós até estávamos contentes com as aulas que estávamos ministrando. Nestes momentos é que o professor autoritário cala o aluno e fala sozinho, quando não aceita repensar sua relação com o aluno e com o objeto de conhecimento. É aí, como diz Paulo Freire, que se distingue o professor dialógico do professor bancário.

"Daí também que o conteúdo programático para a ação que é de ambos, não possa ser de exclusiva eleição daqueles mas deles e do povo." (Freire 1978:87)

A segunda tentativa de captar os temas geradores, portanto a segunda investigação temática, foi feita levando jornais locais para eles olharem os títulos, lerem o que chamasse a atenção e escolhem uma reportagem, e, a partir dela, fizessem uma síntese do conteúdo e colocassem por escrito a justificativa da escolha. Vários temas apareceram. Com uma frequência maior e com interesse mais acentuado a notícia do fechamento da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) e a demissão sumária de 1500 mineiros, os quais no revezamento do turno da manhã receberam a notícia que não deviam bater o cartão-ponto e sim assinar o aviso prévio. Alguns alunos tinham os pais naquela situação, outros são filhos de mineiros de outras minas ou têm parentes mineiros. Enfim, a região respira o ambiente da mineração. Todos de alguma forma têm envolvimento com a extração do carvão.

Foi na abordagem da temática do fechamento da CSN que nos convecemos que ali estava um tema gerador. Os alunos contribuíam com observações, faziam análises sobre as minas particulares e estatais, traziam para a sala de aula o que ouviam em casa sobre as condições de trabalho de mineiro, o que observavam nas áreas mineradas e ao mesmo tempo perguntavam sobre outras coisas relacionadas com o carvão.

Se as palavras geradoras no processo de alfabetização de adultos eram geradoras pela capacidade de produzir, de gerar outras palavras, ficou

evidente aqui que o tema gerador proporciona uma discussão ampla sobre o tema em si e que se interliga com outros temas mais amplos. A temática do fechamento da CSN tinha grande importância pelos problemas sociais que criava, mas assumia importância especial para nós, enquanto tema gerador, porque provocava a discussão e a reflexão sobre muitas outras questões, como: a política econômica do governo que assumia, a questão das estatais, a história da descoberta e o aproveitamento do carvão, a questão ambiental, a trajetória de luta dos mineiros e a ligação com esta atividade. Para nós, era o tipo de história que procurávamos entender. História viva e História enquanto conhecimento sistematizado, que também procurávamos construir enquanto professores de História.

O estudo da História enquanto vida, enquanto construção da própria existência, leva a uma reflexão sobre a dimensão do cotidiano. A reflexão sobre o cotidiano mexe a fundo com as pessoas e desperta grande interesse. O cotidiano está intimamente ligado à existência de cada um. Há um posicionamento diferente perante as coisas do dia-a-dia e as coisas distantes, não há dúvida. Este posicionamento nem sempre é de quem aceita e gosta do seu cotidiano. Na fase inicial dos nossos encontros a professora Luzia falava que muitos dos seus alunos não gostavam que lhes perguntassem onde moravam, o que fazem os pais, como é sua casa, seu bairro e outros componentes do dia-a-dia. É que ao dizer isto em frente aos colegas, estão-se expondo ao risco do desprezo, pois morando em bairros-problemas já estão estigmatizados. Dizer que mora em tal bairro, é dizer que, mora em barraco, que os pais são marginais, desempregados, que as mães levam vida promíscua. Não gostam de falar sobre o dia-a-dia, porque não gostam da vida que levam e no íntimo gostariam de ter outro tipo de vida. Preferem não falar, ou então inventam e disfarçam assim a própria condição de pobreza e miséria. É mais fácil esconder do que superar. Ao negar a própria situação, eles descrevem muitas vezes a situação que gostariam de ter como se fosse a condição real. Uma aluna que roubava caneta, penal e outros objetos das

colegas, dizia que uma irmã dela tinha trazido do Paraguai, dizia ainda que na sua casa tinha telefone, TV em cores, vídeo-cassete e som de primeira qualidade, mas nada se confirmava.

Nas turmas com quem trabalhamos, notamos só no final a desenvoltura dos alunos ao falarem do emprego do pai e da vida da família deles, o que no início era superficial, cheio de reservas e precauções naturais. Era uma questão de ser conceituado pelos colegas, pelo que as pessoas têm. Existe todo um estereótipo e uma valorização que se manifesta pelo bairro onde mora, pela profissão do pai e até mesmo pelo sobrenome.

Daí toda a dificuldade da investigação temática. Os temas geradores reais não emergem espontaneamente. Os problemas vividos por eles são tratados como se não fossem deles. Os problemas mais sérios tomam uma forma impessoal.

Na sétima série B, no início, notamos a dificuldade da fala em grupo. As falas eram impessoais e mesmo assim provocavam risos e deboches pelo sotaque italiano de menino do interior, pelo erro de concordância gramatical e pela "bola fora". Nós professores não repreendemos nunca os que riam. Não ríamos, mas procurávamos valorizar a colocação feita, retomar a idéia, pedir para repetir e dizer que aquilo era importante. Aos poucos acabaram os risos e as falas foram se soltando. Soubemos, no decorrer do ano, que muitos alunos tinham problemas de família. Era mais fácil falar aquele aluno, que ao contar seu cotidiano, provoca uma certa admiração na turma. Surge outra dificuldade: a de trabalhar a aceitação e o conformismo. Aceitação como elemento que permite o reconhecimento objetivo da própria situação e das causas que a produziram, pode levar à superação pela busca de soluções. O conformismo aceita passivamente, se conforma e procura esconder a situação real, fazendo com que, no íntimo da pessoa, vigore uma consciência fatalista. As pessoas neste nível de consciência não gostam de discutir a própria situação concreta, porque "sofrida já basta a vida". É melhor para eles falar de coisas alegres, assistir a novelas com gente bonita e rica, assistir a futebol.

A realidade que precisa ser conhecida, para, a partir daí, ser superada, passa a ser negada e escondida. Há uma tentativa constante de viver de aparências.

O problema das demissões da CSN, levantado como tema gerador, era tema gerador enquanto fazia parte da vida daquele grupo de alunos. Existiam outros temas geradores, mas para a especificidade do ensino da História, este se apresentava como o mais rico e apropriado para o momento. Filhos e parentes de mineiros estavam na sala de aula. Muitos vizinhos dos alunos estavam desempregados, eram mineiros aposentados, eram mineiros doentes de pneumoconiose. Carvão, mina, mineiros, poluição e pirita são realidades que permeiam o dia-a-dia das pessoas de toda a região. Desta vivência precisávamos construir um saber, partindo do que eles já sabiam.

Alguém menos avisado pode pensar: para que estudar o que já se sabe? O conhecer não pode ser uma contemplação do que existe, uma atividade estática. O conhecimento deve ser tão dinâmico quanto a coisa conhecida, daí que conhecer é transformar o mundo.

Na perspectiva da Educação Libertadora, o cotidiano com seus temas geradores não tem sua razão de ser por si só. A razão e a vantagem de assim encaminhar o ensino da História é mostrar a necessidade que se tem de distanciar-se do objeto de conhecimento, ao qual muitas vezes se está aderido, para ver melhor.

O cotidiano dos indivíduos não é um cotidiano individual. Numa visão de totalidade, as experiências individuais só são individuais porque realizadas por indivíduos, porém assumem, no próprio ato de experimentá-las, uma dimensão coletiva, social. Pensar o cotidiano implica pensar a dimensão histórica feita de hoje, de ontem e de amanhã. O amanhã é a utopia, o sonho viável. O ontem é a memória, fonte de lições. O presente é o aqui e o agora, o mundo em construção.

O vínculo com o existencial é que alimenta os temas geradores e não

se pode perder ao passar das histórias mais restritas a outras mais amplas. A questão do fechamento da CSN está inserida na política de privatização do atual governo. É um fato singular, enquanto fechamento de uma empresa numa data determinada, mas liga-se a todo um contexto da economia regional, nacional e à vida de milhares de pessoas. Importante, como tema gerador, é o fato de não ser fechado em si, mas aberto a outras temáticas, gerador de outros temas, puxador de outras discussões.

Foi assim que a demissão em massa e arbitrária de uma mina gerou o debate em torno das estatais, entre outros, no sistema capitalista periférico como o nosso.

As estatais, criadas para impulsionar o desenvolvimento da indústria de base num país carente de capitais privados, tornaram-se, ao longo do tempo, verdadeiras fontes de clientelismo e favoritismo político. A coisa pública foi colocada a serviço do interesse político-partidário, das amizades, ficando para o operário, o "casca grossa", como afirmou o mineiro Antônio Sebastião dos Santos, o desemprego e a falta de perspectiva.

A estatal poderia ser viável, se dirigida pelos próprios trabalhadores em forma de cooperativa ou auto-gestão. Ficou esclarecido que a inviabilidade da CSN como de resto de muitas outras estatais é o excesso de burocratas, de capatazes, de encarregados e de engenheiros. O excedente é exatamente o número de pessoas empregadas em função do clientelismo e dos favores dele decorrentes.

No decorrer da experiência ficou evidenciado o vínculo que deve existir entre os vários temas geradores. A redução temática, os temas que se tornam o novo programa a partir dos temas geradores, tem uma ligação íntima entre um e outro tema. Estes temas se tornam mais complexos quanto ao nível de informações e quanto a abrangência. A problemática da CSN exigia logicamente um estudo de toda a história da exploração do carvão. Carvão que é ligado ao homem que o arranca do chão, e ligado à região como um todo. Isto permitiu

um posicionamento dos alunos quanto às vantagens econômicas, à degradação ambiental, aos problemas de saúde e maior clareza sobre quem ganhou e quem perdeu com esta atividade extrativa. Estes temas foram reduzidos de uma temática mais geral. Um fato, até certo ponto curioso, ao estudar os temas ligados às pessoas envolvidas foi o desejo de conhecer melhor suas origens, resgatar as memórias das próprias famílias, enfim uma busca da própria identidade, as histórias das origens das famílias. Os alunos mostravam seus cadernos, dizendo que era um livro da história da família deles. Sem necessidade de exaltação individual ou coletiva, é extremamente salutar a busca da própria identidade e o gostar da própria história.

A perda da identidade é alienante e marginalizadora, enquanto a afirmação da própria identidade é condição para relações sadias com outras pessoas ou grupos.

Não fosse o prejuízo no ano letivo, reduzido quase à metade por causa da greve dos professores e dos feriados e outros temas geradores teriam sido desenvolvidos.

Um dos temas que emergiu com frequência foi a mudança na economia do município após a construção da BR 101. Mais de uma vez foi citado o caminhão substituindo o trem, o ônibus fazendo o mesmo papel para os passageiros, o cultivo do fumo substituindo o da mandioca, a cerâmica sendo introduzida, enfim toda uma complexidade de coisas mais ou menos visíveis, mas que precisam ser melhor entendidas. Isto certamente levaria a um estudo da década de 60 com os governos desenvolvimentista e populista e mesmo de aspectos do regime militar.

Dentro da Redução Temática inúmeros outros temas foram-se apresentando no decorrer do trabalho e que precisariam ser codificados e decodificados na medida em que fôssemos avançando e aprofundando outras questões. Cito aqui apenas alguns:

- A questão das estatais no Brasil, situando-as no contexto em que

foram criadas e como se tornaram com o discurso modernizante o bode espiatório da ineficiência de governos corruptos e clientelistas.

- O discurso modernizante na realidade do terceiro mundo e o distanciamento cada vez maior entre a modernidade apregoada e a vida real da maioria da população.

- A década de 60 com questões levantadas pelo senhor Jorge Feliciano na palestra proferida aos alunos como a democratização do Estado, as conquistas e os avanços populares no governo João Goulart.

- O mecanismo de controle dos sindicatos via Ministério do Trabalho e os sindicatos-pelêgos.

- A posição da igreja diante de qualquer tipo de mudança, assumindo mesmo a ideologia decorrente da guerra fria com um discurso anticomunista.

- A diferença entre os perseguidos políticos, uns podendo fugir do país e se livrar da prisão certa, outros sendo operários com famílias numerosas e poucos recursos que garantissem a sobrevivência deles no exterior, tinham que se apresentar às "autoridades", mesmo sabendo o que os esperava.

A militância como fator de aprendizado. Ficou muito claro o aprendizado construído nas lutas dos trabalhadores.

Haveria inúmeras outras situações e fatos a serem desenvolvidos, todos surgidos a partir da discussão de uma temática inicial.

Quando passamos a tratar da luta dos mineiros da CSN, que tinham sido demitidos, pensamos que o nível de informação a respeito seria mais completo, se levássemos para conversar com os alunos um mineiro que, no passado, tivesse sido participante de outras lutas. Isto também aproximaria o aluno de um militante sindical.

Muitas vezes os meios de comunicação passam a idéia de que a greve é bagunça, as passeatas são violentas e que portanto o operário é violento e desordeiro. Com a ida do Marinheiro e do Ulisses falando do que estavam

fazendo pela conquista de um emprego, deixaram claro a justeza daquela e de outras lutas. Foi um contato direto com homens de mãos calejadas, de uma linguagem sem enfeites e de palavras tiradas do vocabulário de quem vive o que fala. Foi uma lição concreta muito forte para todos nós, alunos e professores. Tão forte e excitante foi também a ida do senhor Jorge Feliciano. Líder sindical, preso político, mineiro aos 17 anos, o qual deu um testemunho de luta ao falar das coisas que fez e dos fatos de que participou produzindo entre os que o ouviam um sentimento de respeito e admiração. As palestras proferidas por quem fazia a história no dia-a-dia ilustraram muito bem como o homem é o sujeito e o autor da história.

Na convicção de que o conhecimento se constrói sobretudo com o contato direto dos sujeitos com o objeto de conhecimento, fizemos uma visita a uma galeria de mina desativada e a um depósito de rejeito de carvão. Falar de montes de rejeitos de carvão é diferente de escalá-los. Falar como é uma galeria de mina é diferente de circular por ela, o impacto é outro.

O PAPEL DA CODIFICAÇÃO

A codificação foi, na nossa experiência, o momento mais difícil. Sabíamos que a codificação era uma representação de uma situação existencial, mas a escolha do instrumento codificador nas aulas de História não foi fácil. Os que imaginávamos, gravuras, fotos, textos, pareciam adequados, mas como produzir, onde buscar? Foi quando pensamos em criar personagens que representassem três níveis de consciência possíveis entre a turma: um nível de apatia e indiferença diante da luta dos mineiros (Maria), um outro de curiosidade, mas com informações superficiais e com noções fragmentadas dos fatos (Zé); uma terceira com informações sólidas e uma visão mais inteira dos fatos (Tônico).

O efeito na turma foi muito positivo e eles se identificaram com o pensamento de um ou outro personagem. A percepção que cada um passou a ter de si, tornou-se, sem dúvida, desafiador enquanto os alunos passaram a se objetivar. Eu sou igual à Maria, igual ao Zé, igual ao Tônico, isto pela posição que cada um assumia diante da situação concreta.

"É lícito esperar que os indivíduos passem a comportar-se em face de sua realidade objetiva da mesma forma, do que resulta que deixe de ser ela um beco sem saída para ser o que em verdade é: um desafio ao qual os homens tem que responder."

(Freire, 78:115)

A codificação tem pois muito a ver com o conceito de situação-limite e ato-limite em Freire e em Vieira Pinto. O reconhecimento das situações-limites deve gerar os atos-limites próprios a sua superação sob pena de

se criar contínuos impasses.

A percepção objetivada do nível de consciência em relação à realidade que se objetiva, deve apontar para soluções e não se tornar um fator de insatisfação e infelicidade. O oprimido, enquanto tiver a consciência ingênua e aderida, portanto, em sua alienação, acha normal e natural a sua situação de pobreza e exploração. O conhecimento da situação de oprimido sem a perspectiva de superar a condição de opressão é mais penosa para quem a vive do que a situação de alienado. O alienado é fatalista, mistifica, vive tranqüilo na sua alienação e opressão. Ao codificar a situação dos alunos, também nos deparávamos diante de situações em que era testado o nosso nível de percepção perante uma situação dada. O dar-se conta das incoerências, o perceber-se despreparado, o achar-se tradicional, sem querer sê-lo, decorreu de questões postas que representavam uma situação codificada. Em uma conversa onde era descrita uma situação vivida e onde sentíamos que aquela situação nos dizia respeito, estávamos codificando e descodificando uma situação real e própria. O momento mais denso neste sentido foi quando nos demos conta que ensinar Independência do jeito que estávamos fazendo, não era a prática da educação dialógica. Ao analisarmos uma situação vivida permitiu vermo-nos à distância.

No momento de produzir um texto codificador nos surpreendíamos como professores pouco criativos e verificamos que nós professores somos muito mais hábeis para repetir do que para criar, e, contribuimos para que o aluno se forme à nossa imagem e semelhança.

Como professor pesquisador, eu tinha ainda que me vigiar para, numa atitude de quem tinha sido professor das duas colegas, não passasse a agir como quem sabe mais e assim passasse a impor os próprios pontos de vista. Ao mesmo tempo, seria uma atitude artificial negar a condição de pesquisador, negar e abdicar a condição de autor de um projeto de pesquisa e a condição de quem ficara dois semestres aprofundando a teoria dialógica.

Quando havia discordância entre nós professores, dialogávamos ponderando as razões, reportando-nos aos escritos de Paulo Freire, como aconteceu numa divergência mais séria sobre o dirigismo ou não do professor dialógico e como não se pode abrir mão do dirigismo e ao mesmo tempo não se deve confundir dirigismo com autoritarismo.

Talvez aqui seja o lugar para falar do conflito entre dirigismo, espontaneísmo e autoritarismo. Se aceitássemos o espontaneísmo, voltaríamos às reportagens após desenvolver cada um dos temas. Quando demos por concluído o assunto relativo à CSN, os alunos manifestaram o desejo de iniciar outro tema voltando às reportagens dos jornais. Foi aí que houve uma divergência bastante séria entre nós professores na análise que fizemos depois da aula. No entender principalmente da Eloisa não devíamos contrariar os alunos, devíamos ir sempre ao encontro das solicitações deles. Isto equivalia a ser democrático e ir de encontro aos temas geradores. Para mim, o educador dialógico tem suas opções políticas e não deve abrir mão delas. No fundo o educador dialógico gostaria que outros também tivessem a sua opção, e trabalha neste sentido, respeitando no entanto o direito de o outro ter uma opção diferente. Não faz proselitismo, mas educa para a libertação. Foi necessário estudar o "Medo e Ousadia" em que Paulo Freire e Ira Shor discutem a questão. O espontaneísmo esconde o descompromisso e a imposição é o autoritarismo.

Para mim estava claro que não se podia permanentemente voltar a temas singulares sob pena de cair na mera descrição do cotidiano. Quando isto acontece, como estava para acontecer na nossa experiência, temos que dirigir o estudo para temas geradores que ampliem o tema gerador inicial. O objetivo, o ponto de onde se parte é que se quer um homem cidadão do mundo e para isto o professor deve procurar manter um vínculo entre temas que se vão ampliando do individual ao coletivo. A volta permanente aos temas surgidos em jornais, se não forem ligados aos temas mundiais, pode limitar a visão do aluno ao bairro, a um problema local e portanto a um fragmento. O que

a Educação Libertadora quer é um homem que leia criticamente os jornais e que pela leitura dos jornais faça uma leitura crítica do mundo. A descodificação acontecia em todo o processo de discussão, mas o momento privilegiado era ao fazermos a leitura dos textos por nós elaborados e pela solicitação de que os alunos se posicionassem perante a situação apresentada. Perguntávamos o que achavam do texto, quem pensava como o Tônico, como a Maria ou como o Zé. Eles se identificavam normalmente com uma das posições sendo que as propostas do Tônico é que contavam com a maioria. Escutamos colocações como estas: "A história traz as dúvidas da nossa turma", "fulano diz que é igual o Tônico, mas ele é mais parecido com o Zé"; ou "a Bia representa a Maria, certinho". Ao se identificar com o Tônico eles se identificavam com a luta dos mineiros, ao se identificarem com a Maria eles se identificavam com a indiferença em relação às lutas. Isto gerava debates acalorados entre um e outro grupo. Com isto eles não só recebiam informações do texto, mas distinguiam as posições políticas dos personagens criados e debatiam estas posições manifestando-se a favor ou contra uma delas. O grupinho que ficava de fora foi comparado num certo momento com os mineiros que ficam em casa, enquanto os companheiros iam a luta. Alguns destes alunos falaram no final coisas bem interessantes sobre as aulas, sobre os tipos de professor, o que levou a pensar que mesmo no silêncio, mesmo um tanto à margem eles não estavam alheios, faltou foi romper o silêncio, faltou talvez romper aquela barreira criada pela ordem tantas vezes repetida em outras oportunidades de fazer silêncio, de ficar quieto de apenas ouvir. Talvez com o tempo trocassem o silêncio pela fala.

Ao descodificar os textos nós percebíamos ao mesmo tempo o posicionamento deles perante a situação codificada e provocávamos também uma decisão sobre os temas de estudo que viriam a seguir. Enquanto estudávamos a CSN, íamos registrando aqueles pontos que eles questionavam os temas que, sem um entendimento melhor, deixavam uma visão fragmentada. No texto codificador a falação do Tônico continha uma posição mais avançada. Perguntávamos quem

concordava com a posição de Tônico. Normalmente esta técnica deu certo e procedíamos assim para avançarmos nos temas. Houve apenas uma inversão na ordem de estudo entre a história dos imigrantes e as mudanças ocorridas pela construção da BR 101. A história da imigração foi priorizada e até é compreensível pelos elos de ligação entre eles e seus antepassados.

SUPERAÇÃO DO ENSINO TRADICIONAL DE HISTÓRIA

O termo tradicional aqui não tem sentido pejorativo e sim o significado de transmissão, de levar adiante a coisa como ela está. Pressupõe a idéia de uma coisa pronta que vai ser transmitida porque não carece de mais nenhum acréscimo. Deriva de uma concepção metafísica de mundo e de valores com modelos transcendentais a serem copiados e imitados: É conservador no sentido que os valores, sendo eternos, não mudam nem sofrem reparos. A perfeição é um dado e não um dando-se.

Esta visão de mundo inspira um tipo de educação voltada não para a criação, mas para a repetição. Daí um ensino abstrato, um ensino para desenvolver as aptidões da memória. Estas idéias, estes pressupostos são importantes porque no ensino da História terão sua aplicação direta. Nesta concepção a História tem um roteiro. Seus atores e autores são predestinados a cumprir grandes tarefas, ficando as manifestações de descontentamento e de revolta da população pobre como simples motins e quebras da ordem. Cabanagem, Canudos, Contestado são casos típicos da nossa História. São exemplos não só de como os governantes e o poder estabelecido tratam estas manifestações enquanto se deram, mas são exemplos também quanto ao enfoque dado no ensino destas memórias, onde se procura ignorar os fatos ou tratá-los como fatos sem importância.

As práticas educativas tradicionais que impõem um tipo de memória a ser transmitida como verdades prontas, permeiam o dia-a-dia de professores e de alunos. Os alunos se sentem seguros com o uso de um livro texto para ter onde estudar. Estudar quase sempre quer dizer adquirir a capacidade

de repetir o que está no livro. Nossos alunos queriam no início, um texto, um livro para estudar, alguma coisa onde eles se pudessem basear. Conseguimos encaminhar esta necessidade para que vissem nos livros fontes imprescindíveis de informações e não um manual para ser recitado. Os textos que produzimos, não eram apresentados ao introduzir a temática e sim ao final e continham as contribuições deles e eram para ser discutidos e não memorizados.

O livro de História, seja ele didático ou informativo, foi sempre apresentado como uma fonte de informação necessária a construção do conhecimento que se procurava.

Procuramos evitar sim uma única fonte e incentivávamos a consulta diversificada. Quando o assunto era recente incentivamos recorrer a depoimentos de pessoas que participaram dos fatos e a consulta a jornais e revistas. A frequência à biblioteca substituiu o uso exclusivo do livro didático.

Ao refletir junto com as participantes, no início dos debates sobre a História que se ensina e analisar os pontos que já gostaríamos de ter superado, surgiu a idéia de que a superação do tradicional estava na descoberta de estratégias de ensino. Consistia em fazer a aula mais gostosa, menos conservadora. Seria facilitar a tarefa do professor de ensinar e do aluno de aprender, mas a relação ensinar-aprender não era a preocupação principal. Só a introdução de estratégias não supera o ensino tradicional de História. A superação não se dá só pela mudança das grades curriculares e portanto na mudança dos conteúdos e de estratégias. Neste nível as coisas caminham ainda na substituição do resgate das memórias. A história tradicional trabalha a memória oficial, portanto, dos vencedores e a História de "conteúdos críticos" resgata a história dos vencidos contextualizando os fatos. Se ficar só neste nível haverá a substituição de um manual por outro. Não raro na prática escolar repetem-se os "textos críticos" como se repetiam Textos Tradicionais. A repetição é a característica fundamental do tradicional não importando o conteúdo repetido. O que supera o tradicional é uma atitude

crítica do educando e dos educadores perante o objeto de conhecimento. A criticidade não está no texto ou no discurso e sim na atitude dos sujeitos cognoscentes perante os objetos cognoscíveis e exige a superação da dicotomia entre conteúdo e forma. Esta superação não é um dado, uma conquista, mas um dando-se enquanto o próprio exercício da pedagogia dialógica vai adquirindo identificação com a História Dialógica. Neste sentido o ato de aprender História não é um ato de assimilar verdades alheias à realidade deles ou a eles, mas uma compreensão do objeto de conhecimento que permita fazer com que o conhecimento construído sobre história seja o pronunciar a própria história enquanto passam a ter um entendimento de que não são só os outros que fazem a história, nem a História é feita individualmente ou de forma isolada, mas o que uns fazem repercute na vida de outros.

A superação do ensino tradicional de História que conseguimos na nossa experiência foi sem dúvida bastante significativo na medida em que os temas geradores passavam a ser os objetos de conhecimento sobre os quais dialogavam professores e alunos.

O programa oficial da sétima série, que na estrutura curricular oficial tem um elenco de temas, foi substituído por outro.

Em vários momentos dos diálogos entre nós professores, deparamos com afirmações do seguinte teor: "Eles na 5ª e 6ª séries não estão preparados para o debate", "O aluno do curso noturno não tem embasamento", "O aluno chega à 7ª ou 8ª série defasado".

Para o professor dialógico estas afirmações não fazem muito sentido. O diálogo deve iniciar sobre coisas onde os interlocutores tenham algo a dizer. De outra forma, fica-se trabalhando em cima de suposições. Supõe-se que os alunos da 7ª série dominem os conteúdos da 5ª e da 6ª, que no segundo grau dominem os conteúdos do primeiro grau, mas a realidade da escola é que estes conteúdos muitas vezes são recitados sem a menor compreensão. Supor o domínio dos conteúdos das séries anteriores e desenvolver os conteúdos da grade curricular da série em que se trabalha é uma atitude

tradicional e bancária. Bancária porque não se estabelecerá nenhum diálogo, o professor virá com o discurso pronto, sem vincular o que diz ao domínio do conhecimento já conseguido pelo aluno. Não é dialógico porque diálogo inicia por algo onde os dois tenham algo a dizer. Passa pela investigação temática, passa pelo conhecimento da realidade existencial do aluno. Não é possível catalogar o conhecimento do aluno por série. Nossa experiência, assim como a de tantos colegas, tem provado que o aluno não estabelece uma sucessão, uma seqüência nos programas propostos. O professor de História estabelece uma seqüência entre Colônia, Império e República. Pensa numa sucessão quase causal, além da seqüência cronológica, mas o aluno não consegue facilmente ter a visão do todo. Consegue saber quando muito os fatos isolados, fragmentados e, principalmente, desligados das vidas dos homens que as protagonizaram.

O professor quando fala em falta de base, em defasagem, no fundo, talvez, queira afirmar sua autoridade de professor. Entra em questão uma instância de poder. Por uma questão até de evolução do pensamento pedagógico, o professor abre mão de falar sozinho em aula, permitindo perguntas, só que não raro o que ele fala é a última palavra e a definitiva. Abre mão da disciplina tradicional, mas coloca, ele, os limites, da nova disciplina. Uma série de coisas mudam em sala de aula, mas a autoridade da função ainda prevalece sobre a autoridade enquanto autoria, enquanto competência.

Pela formação que recebemos, o professor é autoridade pela função que exerce, merece respeito por ser professor, por ser mais velho, avalia porque sabe mais. Fica em segundo plano o respeito como relação mútua, avaliação de desempenho também mútua, autoridade pela autoria pela produção, pela competência. Por trás da autoridade de professor fica escondida muitas vezes a incompetência, se esconde o autoritarismo, onde normalmente a avaliação realizada com uma prova é o último refúgio do poder do professor. Abrir mão de provas que "ralam", seria estabelecer relações muito mais horizontais entre professor e aluno e isto, para muitos, é o responsável pelo baixo nível de ensino que temos atualmente.

O QUE FOI CONSEGUIDO DOS OBJETIVOS PROPOSTOS

O ensino da História à luz da proposta dialógica foi, sem dúvida, uma realidade. Limitados pelos desacertos iniciais e pelo pouco tempo, conseguimos fazer investigação temática, trabalhar temas geradores e avançamos, no decorrer do ano, sempre à luz de todo o processo dialógico codificando e descodificando as situações criadas. As mudanças que achávamos que viriam no decorrer do processo existiram a nível individual e, sobretudo, em termos de comportamento coletivo. Individual, enquanto visivelmente pessoas antes apáticas às questões das aulas, passaram a contribuir, com análises pessoais sobre a realidade brasileira e local. Foram muito importantes certos depoimentos no final da experiência, quando eles distinguiram o tipo de aula que apenas repete o livro didático ou as falas do professor e as aulas onde as experiências e anseios deles foram os componentes do programa. Eles manifestavam com muita clareza o tipo de aula em que um conteúdo é "explicado", estudado para prova e em seguida esquecido e a aula diferente, onde o que era proposto para aprender passa a ser algo que desafiava a ter um posicionamento perante os conteúdos discutidos. Era difícil ficar indiferente aos temas sempre trabalhados de forma a não dar respostas prontas, mas principalmente levantar mais e mais questões.

Uma prova da capacidade desenvolvida foi a observação do professor da 8ª série em 1991, onde estão a maioria dos alunos que participaram da experiência em 1990, de que eles são mais ativos, participam das aulas e acompanham sem problema as aulas, mesmo sem ter cumprido o programa oficial de 7ª série. Algumas colocações de alunos que manifestam saber distinguir o professor que cobra o que o aluno não sabe, para afirmar-se como professor

e que foi chamado de "professor grosso" - comparado com outros professores, onde a preocupação é com que o aluno saiba e que saiba mais.

A atitude insistente da turma em fazer uma festinha de encerramento do ano letivo contra a disposição da Direção da escola na época nos chamou atenção.

As outras turmas, diante dos obstáculos colocados pela Direção, desistiram. A 7ª série A envolveu muita gente e não desistiu. A permissão para a festinha saiu com a recomendação de manter segredo, porque, se as outras turmas soubessem, iam querer também. Quando perguntamos se as aulas de História com o estudo da luta dos mineiros tinha influenciado na decisão deles, responderam que não tinham pensado em ser iguais. Entretanto, nós professores, achamos que as mudanças de atitudes não são atos mecânicos de imitação, mas hábitos interiorizados aos poucos e que passam a fazer parte do universo mental sem um referencial, um protótipo a ser imitado.

O ano de 1990 foi um ano eleitoral na Escola e a participação no processo foi muito ativa. Alunos que traziam faixas e cartazes para um e outro candidato. Discutiam entre eles quem seria o melhor. Não entramos em discussão direta sobre as propostas dos candidatos. Não surgiu como tema gerador.

Uma atitude que procurei manter sempre com as colegas professoras e de nós professores com os alunos foi a análise dos temas geradores, e outros acessórios sempre a nível do político, sem descer ao nível partidário. Não foi para evitar polêmica, mas por convicção de que caindo a nível partidário, a discussão dificilmente fugiria do debate singular, deste ou daquele caso e daí todo o político seria igual. Até hoje os políticos diferentes ainda não conseguiram mostrar serviço suficiente para adquirir credibilidade a ponto de apagar uma idéia negativa sobre o político brasileiro. A discussão a nível político-partidário poderia ter sido desenvolvida, se tivesse surgido como tema gerador. Precisava então um estudo concreto sobre a coerência entre os programas de campanha, os estatutos dos partidos e as práticas nas várias instâncias do poder.

AVALIAÇÃO E SEQUÊNCIA DAS AULAS

Uma verificação na atividade docente é o quanto é difícil o aluno acompanhar a seqüência que se quer dar no desenvolvimento das aulas. A aula termina nela mesma, não mantendo nexos com as seguintes e as anteriores, não forma uma unidade de ensino. O aluno perde o nexo, esquece o que foi tratado na aula anterior, e não antevê o que deve ser tratado na seguinte. Isto nós vimos no início da nossa experiência e parece ser a prática comum no dia-a-dia dos professores. Quando tratamos da temática da Independência, o aluno simplesmente esquecia o que tínhamos tratado na aula anterior. Dava a impressão que eles não conseguiam situar no tempo e no espaço os fatos estudados. O que conseguiam lembrar, era pura memorização e repetição. No entanto, quando começamos a desenvolver os temas geradores percebemos uma mudança total na atitude deles. Eles lembravam do assunto tratado, percebiam que os assuntos compunham um todo e se situavam no ponto que estava sendo abordado e, em alguns casos, foram muito além quando se lembravam de quem tinha falado e o que cada colega tinha dito. Isto nos ensinou a consistência da teoria do conhecimento que está, por trás dos temas geradores e de todo o processo da Pedagogia Dialógica.

Um outro ponto de que tiramos grande lição foi quanto à avaliação. Sabemos que os alunos entram em pânico quando se fala em prova. Nossa preocupação não foi com uma prova enquanto algo dissociado de um processo. A seleção dos conteúdos via investigação temática e o desenvolvimento dos conteúdos via temas geradores, exige um tipo de avaliação via re-criação do conhecimento e não via repetição. Procurando não fugir desta coerência e ao mesmo tempo querendo nos certificar do grau de domínio dos temas

abordados, fizemos uma prova. Sem prévio aviso e no primeiro encontro após trinta dias de greve. As questões foram abertas. Elencamos os grandes itens desenvolvidos e pedimos para eles escreverem sobre três deles no mínimo, sobre todos se assim o quisessem. Para surpresa nossa, eles não perderam a tranquilidade e dissertaram com palavras deles sobre os assuntos estudados em aula.

Quando indagados sobre se não ficaram surpresos com a prova, disseram que aquilo eles tinham entendido, sabiam de verdade, que tinham aprendido para a vida e não como outras vezes que só estudavam para a prova e por isso ficavam nervosos "porque quase sempre o professor pergunta as coisas difíceis que a gente não sabe e não o que a gente sabe".

As condições em que realizamos nossa experiência permitem algumas reflexões e nos dão algumas lições:

Éramos três professores bastante sintonizados após meses de estudo conjunto e íamos sempre os três para a sala de aula, onde a Eloisa era a titular da 7ª série A e a Goretti a titular da 7ª série B.

A qualquer momento, um dos professores podia intervir e, se um atrasasse ou faltasse, o outro assumia a regência da classe sem problema. Para conseguir a sintonia pedagógica nos reunimos durante vários meses, discutindo o ensino da História e estudando a proposta pedagógica que íamos colocar em prática. Antes e depois das aulas fazíamos reuniões preparatórias e de avaliação. Tudo isto além de demandar dedicação e vontade, demandava também tempo. Tempo para estudo e preparação das aulas, elaboração de textos, leitura de jornais, pesquisa bibliográfica, contato com palestrantes e organização de excursão. Sabemos que, hoje nas escolas, os professores dão aula sem muita preparação, sem entrosamento com outros professores da área e sem interdisciplinaridade. Assim fazem em função do grande número de turmas e o excesso de aulas e de inúmeras outras variáveis. Sendo assim na prática concreta, o professor entra no ritmo da escola, ou seja dar aula, a maioria das vezes expositiva. Nós trabalhamos sem dúvida em condições excepcionais

que nós mesmos criamos e de que sentimos necessidade. Nas condições atuais da escola não existem três professores que trabalham com uma turma, que se reúnem antes e depois das aulas. Nosso trabalho implicava pesquisa, mas aprendemos que a Pedagogia Dialógica exige, sem sombra de dúvida, melhores condições de trabalho e portanto, uma profunda transformação na escola. Com o trabalho por meio de investigação temática, desenvolvimento dos temas geradores, cada turma exige um tratamento único; pois, cada uma tem seus temas geradores.

Cada turma exige uma preparação, um tipo de material e isto envolve tempo. Nas condições atuais em que os professores atuam, é impossível qualquer pedagogia tornar o ensino realmente produtivo. Além dos problemas da sociedade, que os alunos trazem para a escola, inclusive fome, existem os problemas da escola com ambiente não raro deprimente, com falta de biblioteca, de material didático e com professores sobrecarregados de turmas e de aulas. O Colégio Antônio João, em Içara, tem um ambiente que a nível de escola pública é bom. Salas arejadas e claras, carteiras, pátio em bom estado, alunos saudáveis e alimentados. Não apresenta, portanto, os problemas de muitas escolas de alguns bairros da região.

Nossa experiência nos ensinou com bastante clareza que se a Pedagogia Dialógica não é mais praticada é porque tem a ver com uma certa desinformação e com a idéia que Paulo Freire não vai além de uma proposta de alfabetização de adultos. É possível nas Escolas, sim; mas tem suas exigências intrínsecas à própria proposta. Outras propostas pedagógicas se adaptam à Escola como ela está organizada, não tem na sua essência a denúncia e o anúncio.

A Pedagogia Dialógica deixou bem claro para nós que é possível trabalhar a História dialogicamente nas escolas públicas só que o professor precisa de condições mínimas para isto.

Não se trata de atendimento individualizado, salas ambientes, nada disto. Exige-se o normal, um pouco mais de tempo para o professor se preparar, elaborar textos ler a produção dos alunos, as vezes sair com eles para

um contato direto com o que se busca conhecer. Além das exigências por parte do professor quanto à competência técnica, exige-se a opção e o compromisso político.

Em condições normais de ensino, outras pedagogias também ensinam história e todos os ramos do saber.

O que distingue uma concepção de educação como a de Paulo Freire é o aprender como sujeito, como autor do saber. Isto tornará o aluno um cidadão não passivo, não submisso, não sectário.

A diferença da Pedagogia Dialógica da pedagogia tradicional e de tantas outras é certamente os pressupostos epistemológicos que dão conta do pedagógico e do gnoseológico. Do pedagógico enquanto propõe a dialogicidade em todo o processo educativo. Do gnoseológico enquanto nega a educação bancária.

O conhecimento é uma percepção nova da percepção que os educandos tinham anteriormente da realidade.

CONCLUSÃO

O trabalho realizado no Colégio Estadual Antônio João em Içara atendeu ao que nos propusemos quando apontamos a Pedagogia Dialógica como uma possibilidade no ensino da História.

A vivência, inicialmente com um grupo de quatro professoras, e a ampliação da pesquisa para duas turmas de sétimas séries permitem que tiremos algumas conclusões e indicações:

É possível trabalhar a Pedagogia Dialógica na especificidade do ensino de História. Não se trata, no entanto, de metodologia que se acopla aos conteúdos e grades curriculares nem aos programas oficiais. Trabalhar a História dialogicamente exige uma transformação radical nas atitudes dos educandos e educadores perante os objetos de conhecimento e na compreensão do que seja ensinar-aprender História.

O ensinar-aprender História dialogicamente exige do educador, além da competência técnica, desejável em todo professor, o compromisso político a favor dos oprimidos sob pena de transformar seu trabalho de professor em recitador de discurso vazio. O ensinar-aprender História deve transformar-se num comprometer-se com o fazer a História.

O ensinar-aprender História constantemente se reporta aos conhecimentos da Geografia, da Antropologia, da Sociologia e de inúmeros outros ramos do conhecimento, exigindo integração dos conteúdos e interdisciplinaridade. Integração, enquanto os professores trabalham de forma cooperativa e articulam conteúdos e objetivos. Interdisciplinaridade, enquanto nos vários ramos do saber a integração se dá ao nível dos temas geradores.

O fato de as práticas educativas tradicionais estarem profundamente arraigadas, torna aos professores talvez difícil sentir necessidade de repensar, rever e questionar seu cotidiano de professores. Dirigimos o convite a quarenta professores. Dez mostraram algum interesse, quatro iniciaram as discussões e apenas duas se experimentaram em novas práticas.

O ensinar-aprender História dialogicamente evidencia as contradições da escola que temos e a serviço de quem ela está. Para ser praticada e na medida em que for sendo praticada, exige e provoca necessariamente transformações radicais na sua estrutura, nas relações pedagógicas e na própria sociedade em que está inserida. A Pedagogia Dialógica não se adapta à escola. Enquanto Pedagogia revolucionária, leva para o sistema educacional que temos, a necessidade de transformá-la ou então "não dá certo". É que cada turma tem seus temas geradores que precisam ser codificados e decodificados de forma diferenciada. Como produzir estes materiais, ler, estudar e acompanhar a produção dos alunos com 10 turmas de 30 a 40 alunos como é normal nas escolas públicas? Como se dedicar exclusivamente ao magistério sem valorização profissional adequada do professor?

A Pedagogia Dialógica precisa conquistar espaços na escola que aí está e esta é a tarefa dos educadores dialógicos. A escola que temos, precisa ser totalmente virada do avesso.

O ensino dialógico da História deve começar do início da escolarização; pois, seu efeito é a médio e longo prazo e não necessariamente deixa sua marca em todos que dela tomam parte. Mostra com clareza a necessidade de optar; mas a opção é livre. Nas transformações havidas ficou mais fácil de captar e apreender as transformações coletivas do grupo. A apreensão das mudanças individuais exigiria mais tempo do que os dois semestres e as duas aulas semanais que tivemos.

BIBLIOGRAFIA

1. ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de. Pequena História da Formação Social Brasileira. 4. ed. Rio de Janeiro, Graal, 1986. 728p.
2. ARAPIRACA, José oliveira. A USAID e a Educação Brasileira. São Paulo, Cortez, 1982. 190p.
3. AURAS, Marli. Guerra do Contestado: A Organização da Irmandade Cabocla. Ed. da UFSC. 1984. 177p.
4. AZEVEDO, Fernando et alii. Notas para a história da Educação. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, 34 (79): 109-127. Jul. Set. 1960.
5. BASBAUM, Leôncio. História Sincera da República. 4. ed. São Paulo, Alfa-Omega, 1981. 4. vol.
6. BOURDIEU, Pierre & Passeron, Jean Claude. A Reprodução. 2. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982. 238p.
7. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O Que é Método Paulo Freire. 2. ed. São Paulo, Brasiliense, 1981. 113p.
8. CABRINI, Conceição et alii. O Ensino de História, Revisão Urgente. 3. ed. São Paulo, Brasiliense, 1987. 135p.
9. CASTORIADIS, Cornelius. A Instituição Imaginária da Sociedade. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986. 418p.
10. CHIAVENATTO, Júlio José. A Cabanagem. São Paulo. Brasiliense. 1984. 158p.
11. _____. Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai. 8. ed. São Paulo, Brasiliense, 1980. 205p.

12. CHIAVENATTO, Júlio José. O Negro no Brasil. São Paulo. Brasiliense, 1980. 259p.
13. COMBLIN, Joseph. A Ideologia da Segurança Nacional. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978. 25lp.
14. DREIFUSS, René Armand. 1964: A Conquista do Estado. Petrópolis, Vozes, 1981. 814p.
15. _____. O Jogo da Direita. Petrópolis, Vozes, 1989. 294p.
16. FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1979. 275p.
17. FARIA, Antônio Augusto & BARROS, Edgar Luiz de. Getúlio Vargas e sua Época. 2. ed. São Paulo, Global, 1983. 108p.
18. FAUNDEZ, Antonio. Oralidade e Escrita. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989. 105p.
19. FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 7.ed. Rio de Janeiro, Graal, 1979. 259p.
20. FREIRE, Paulo. Ação Cultural para a Liberdade. 5.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981. 149p.
21. _____. A Importância do Ato de Ler. 3.ed. São Paulo, Cortez, 1982. 96p.
22. _____. Cartas a Guiné Bissau. 3.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980, 173p.
23. _____. Conscientização. 4.ed. São Paulo, Moraes Editora, 1980. 102p.
24. _____. Educação Como Prática da Liberdade. 11.ed. São Paulo, Paz e Terra, 1980. 150p.
25. _____. Educação e Mudança. 4.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981. 79p.
26. _____. Extensão ou Comunicação? 9.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988. 93p.

27. FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 5.ed. São Paulo, Paz e Terra, 1978, 218p.
28. _____. & BETTO, Frei. Essa Escola Chamada Vida. 5.ed. São Paulo, Ática, 1987. 95p.
29. _____. & FAUDEZ, Antonio. Por uma Pedagogia da Pergunta. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986. 158p.
30. _____. Guimarães, Sérgio. Aprendendo com a Própria História. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. vol. 1. 160p.
31. _____. _____. Sobre Educação (Diálogos). 4. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988. vol.1. 132p.
32. _____. _____. Sobre Educação (Diálogos). 2.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986. vol.2, 113p.
33. _____. & MACEDO, Donaldo. Alfabetização; leitura do mundo leitura da palavra. Paz e Terra, 1990. 167p.
34. _____. & SHOR, Ira. Medo e Ousadia. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. 224p.
35. _____. et alii. Vivendo e Aprendendo. 5. ed. São Paulo, Brasiliense, 1982. 128p.
36. FREITAS, Décio. Palmares, a Guerra dos Escravos. 4.ed. Rio de Janeiro, Graal, 1982. 219p.
37. FLEURI, Reinaldo Matias. Educar para Que? 2.ed. Uberlândia, EDUFU, 1987. 108p.
38. GADOTTI, Moacir. Concepção Dialética da Educação. São Paulo, Cortez, 1983. 175p.
39. _____. Convite a Leitura de Paulo Freire. São Paulo, ed. Scipione, 1989. 175p.
40. _____. Comunicação Docente. 2.ed. São Paulo, Loyola, 1981. 126p.

41. GADOTTI, Moacir. Educação e Poder; Introdução a Pedagogia do Conflito. São Paulo, Cortez, 1980. 143p.
42. _____. Pensamento Pedagógico Brasileiro. São Paulo, Ática, 1987. 160p.
43. _____. et alii. Pedagogia: Diálogo e Conflito. 2.ed. São Paulo, Cortez, 1986. 127p.
44. GHIRALDELLI JR, Paulo. A Evolução das idéias Pedagógicas no Brasil Republicano. In. Caderno Pesquisa, São Paulo (60: 28-37 fev. 1987.)
45. _____. O que é Pedagogia. 2.ed., São Paulo, Brasiliense, 1987. 78p.
46. _____. Educação e Movimento Operário. São Paulo, Cortez, 1987. 167p.
47. GOES, Moacir de. De Pé no Chão Também se Aprende a Ler. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980. 209p.
48. GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Proposta Curricular para o Ensino de História. 1.Grau. São Paulo, 1986. 42p.
49. HELLER, Agnes. O Cotidiano e a História. 2.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985. 121p.
50. INODEP. A Mensagem de Paulo Freire. Porto, Ed. Nova Crítica, 1977. 155p.
51. JANNUZZI, Gilberta Martino. Confronto Pedagógico Paulo Freire e Mobral. São Paulo, Cortes e Moraes, 1979. 111p.
52. LIBÂNIO, José Carlos. Democratização da Escola Pública. e.ed. São Paulo, Loyola, 1987. 149p.
53. LOBO, Eulália Maria Lahmeyer et alii. Manoel Maurício de Albuquerque mestre-sala bem amado historiador maldito. Rio de Janeiro, Zahar, 1987. 234p.
54. MARX, Karl & Engels F. A Ideologia Alemã. 6.ed. São Paulo, Hucitec, 1987. 138p.

55. MARX, Karl & Engels F. Manifesto do Partido Comunista. 2.ed. São Paulo, Global, 1981. 45p.
56. MENDES JR, Antonio & MARANHÃO, Ricardo. Brasil História; Texto e Consultado. 4. ed. São Paulo, Hucitec. 1989. 4.vol.
57. MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: As Abordagens do Processo. São Paulo, E.P.U. 1986. 119p.
58. MORAIS, Fernando. Olga. 8.ed. São Paulo, Alfa Omega, 1985. 314p.
59. MOREL, Edmar. A Revolta da Chibata. 3.ed. Rio de Janeiro, Graal, 1979. 271p.
60. MUNIZ, Edmundo. Canudos: A Luta pela Terra. 2.ed. São Paulo, Global, 1982. 110p.
61. NOSELLA, Maria de Lourdes B. Deiró. As Bela Mentiras. 5.ed. São Paulo, Moraes, 1981. 239p.
62. PEY, Maria Oly. A Escola e o Discurso Pedagógico. São Paulo. Cortez, 1988. 159p.
63. _____. Reflexões sobre a Prática Docente. 2.ed. São Paulo, Loyola, 1986. 62p.
64. PINTO, Álvaro Vieira. A Questão da Universidade. São Paulo, Cortez, 1986. 102p.
65. _____. Ciência e Existência. 3.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. 537p.
66. _____. Consciência e Realidade Nacional. Rio de Janeiro, ISEB, 1960. vol.2. 639p.
67. _____. Sete Lições Sobre Educação de Adultos. 4.ed. São Paulo, Cortez, 1986. 117p.
68. RIBEIRO, Darcy. Aos Trancos e Barrancos. Rio de Janeiro, Editora Guanabara. 1985.

69. RIBEIRO, Darcy. Sobre o óbvio. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986. 357p.
70. RIBEIRO, Maria Luiza Santos. História da Educação Brasileira. 8.ed. São Paulo, Cortez, 1988. 179p.
71. RODRIGUES, Edgar. Nacionalismo e Cultura Social. Rio de Janeiro, Laemmert, 1972. 455p.
72. _____. Novos Rumos. Rio de Janeiro, Mundo Livre, S/D. 477p.
73. _____. Socialismo e Sindicalismo no Brasil. Rio de Janeiro, Laemmert, 1969. 342p.
74. ROSSI, Wagner Gonçalves. Capitalismo e Educação. São Paulo. Cortez e Moraes. 1978. 160p.
75. _____. Pedagogia do Trabalho. São Paulo. Editora Moraes. 1981. 2 vol.
76. SAVIANI, Dermeval. Educação: do Senso Comum a Consciência Filosófica. 5. ed. São Paulo, Cortez, 1985. 224p.
77. SCHILLING, Paulo. Como se Coloca a Direita no Poder. São Paulo, Global. 1981. vol.1, 278p. vol.2. 263p.
78. SILVA, J.L. Werneck da. A Deformação da História. Rio de Janeiro, Zahar, 1985. 96p.
79. SILVA, Marcos Antônio da (ORG) Repensando a História. Rio de Janeiro, Editora Marco Zero. 1984. 141p.
80. SILVA, Maria Ozanira da. Refletindo a Pesquisa Participante. São Paulo, Cortez, 1986. 174p.
81. SODRÉ, Nelson Werneck. As Raízes da Independência. 3.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1978. 264p.
82. _____. Brasil, Radiografia de um Modelo. Petrópolis, Vozes, 1975. 181p.

83. SODRÉ, Nelson Werneck. História da História Nova. Petrópolis. Vozes, 1986. 148p.
84. THOMPSON, E.P. A Miséria da Teoria. Rio de Janeiro, Zahar, 1981. 231p.
85. TOMELIN, Victor. Pedagogia do Silêncio. Campinas, Papyrus, 1986. 153p.
86. TRAGTENBERG, Maurício. Reflexão Sobre o Socialismo. 3.ed. São Paulo, Moderna, 1989, 95p.
87. VANNUCCHI, Aldo (Org.) et alii. Paulo Freire ao Vivo. Loyola, 1983, 147p.
88. VASQUES, Adolfo Sanchez. A Filosofia da Praxis. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986. 454p.

ANEXOS

ANEXO 1

TEXTO 1

Zé: Vocês ficaram sabendo que 1.500 mineiros receberam o aviso prévio na C.S.N. e que daqui um mês todo mundo estará no olho da rua?

Tonico: É mas parece que eles não ficar de braços cruzados, parece que eles vão lutar para defender os empregos, que mesmo sendo duro garante o salário no fim do mês.

Maria: Eu acho que não adianta nada, o governo decide fechar, enrola os mineiros, fecha e pronto.

Zé: Já pensou este mundo de gente desempregado, alguns são de Içara. Disseram que muitos estão quase se aposentando e estão com aquela doença do pulmão.

Tonico: É por isto que eu acho que eles não vão aceitar sem fazer nada, pois eles sabem que a situação deles é difícil.

Maria: Eu acho que contra o governo não adianta, e nem sei o que eles tinham que fazer.

Tonico: Por mim eu acho que eles tinham que mostrar que eles estão vivos. Deviam chamar a atenção do governo e da população fazendo algum movimento.

Maria: Estes movimentos, estas greves só prejudicam o próprio trabalhador...

Zé: Esta não, Maria, pois o trabalhador só se agita quando é prejudicado, eles não querem mordomia, querem é trabalhar para sustentar casa e a família.

Tonico: Tem mineiro que briga pelo seu interesse e dos companheiros, não pensa só em si.

Maria: Eu só penso no meu futuro, vou trabalhar num bom emprego, cada um que se vire como pode.

Tonico: Pois o mineiro sabe que sozinho ele é mais fraco que o governo e os patrões, por isso eles se unem no Sindicato, vão todos para os lugares públicos, vão em grupo para Florianópolis e para Brasília com as mulheres

e as cianças fecham até as estradas como a BR. 101.

Maria: Até agora não conseguiram nada.

Tonico: Conseguiram sim. Se eles em maio aceitassem o aviso prévio em junho estariam na rua.

Mas com a luta eles conseguiram mudar o aviso para licença até julho e agora até agosto.

São mais 3 meses de Fundo de Garantia e mais tempo para achar uma solução definitiva.

Zé: Quer dizer que eles ganham sem trabalhar?

Tonico: Sim, mas não é o que eles querem, eles querem é produzir para merecer o pagamento mas o problema não foi criado por eles.

Zé: Mas porque enquanto procuram a solução, não continuam trabalhando, assim a produção não parava.

Tonico: O governo cismou em privatizar e mandou fechar para não dar prejuízo mas assim dá mais prejuízo ainda.

Zé: E nós estudantes o que temos a ver com a luta deles.

Tonico: Eles, eu acho que nos dão uma lição. A gente não deve se acomodar, aceitar tudo. Os agricultores, o pessoal do comércio e todos deviam ter a coragem deles. A esperança é a última que morre.

ANEXO 2

TEXTO 2

Zé: A gente ficou conhecendo a luta dos mineiros da C.S.N. de agora, mas será que antes os mineiros das outras carboníferas já tiveram que enfrentar outras lutas?

Tonico: Eu acho que sim, mas não sei muito bem. É bom a gente perguntar para a nossa professora.

Maria: Eu não me interesso nem pelo que acontece agora e muito menos pelo que aconteceu antes.

Tonico: Pois eu gostaria de ficar sabendo melhor quando começou a exploração, como acharam, para que serve o carvão e onde é que consomem.

Zé: Pois eu gostaria de saber porque o carvão é poluidor e nos rios de água de carvão não tem peixe. E também sobre a doença que os mineiros pegam nas minas.

Tonico: Eu ainda queria saber sobre os salários, os acidentes etc... Vamos perguntar para a professora Tisa.

Zé: Vamos...

Tonico: Professora Tisa, a senhora podia explicar para nós como acharam o carvão, como começaram a explorar, para onde levam, para que serve e porque ele polui e ataca o pulmão dos mineiros. A senhora não acha isso importante?

Tisa: Eu acho bom porque assim a gente vai compreender melhor as coisas que acontecem hoje. Pois muitas coisas já vem de longe. A gente vai precisar pesquisar juntos, perguntar para antigos mineiros, ver se tem livros sobre isso... O carvão sai da região pela nossa Estrada de Ferro. Içara tem muitos mineiros, assim como Criciúma, Siderópolis, Urussanga e Lauro Muller. Foram os mineiros que construíram o progresso da região antes de existirem outras fábricas.

Maria: Eu conheço o seu Antônio que sabe um monte sobre as minas, ele é aposentado e disse que uma vez as minas não eram mecanizadas.

Zé: Mecanizadas? O que é isto?

Maria: Não sei...

Tisa: Tem uma porção de coisas que a gente não sabe, mas se vocês toparem nós vamos procurar saber...

Tonico: Eu concordo e acho que um assunto vai puxando outros, assim a gente vai conhecendo que os pedaços da história estão amarrados.

ANEXO 3

TEXTO 3

Tisa: Na nossa última conversa nós combinamos em estudar alguns assuntos sobre a exploração do carvão. Vamos definir estes assuntos?

Zé: Eu quero saber a utilidade do carvão, no que é que ele é usado na indústria, na geração de energia...

Tonico: Eu queria conhecer se os mineiros antes já enfrentaram outros problemas e também sobre a doença que prejudica o pulmão deles.

Maria: Eu sofro de asma e não sei se é por causa do clima, da poluição...

Meri: Eu gosto de ver o trem passar, mas não sei até onde vai e se transporta só carvão.

Éder: E quando começaram a explorar o carvão, como acharam, se ele está debaixo da terra?

Tisa: Temos aqui vários assuntos. A gente podia estudar cada um deles, mas não temos nada pronto. Precisamos buscar informações. A Maria falou outro dia no seu Antônio que é mineiro aposentado.

Tonico: Eu conheço um livro sobre Criciúma que fala de carvão. Tem jornal que às vezes também traz assunto sobre o carvão.

Tisa: Então a gente pode começar se organizando em equipes. Vamos à procura de livros, revistas, jornais, conversar com mineiros aposentados e mineiros que estão trabalhando, vamos nos reunir e debater!

Zé: "Então é assim que se conhece a história, pegando coisas escritas e entrevistando pessoas que tiveram participação nos fatos?"

Tisa: É uma forma, quando a história é recente.

Maria: Eu pensava que a história era só coisa do passado, igual a independência. Agora estou descobrindo que o seu Antônio, o Marinheiro fazem a história e porque eu também não posso fazer?

Tisa: Pode sim. Todos juntos podem.

E na aula seguinte...

Tisa: Então vamos reunir o que cada equipe pesquisou, para entender como se formou o carvão, etc.

Valda: Eu olhei uma enciclopédia lá em casa e diz que eram antigas florestas que primeiro ficaram turfa, depois pelas movimentações da terra e do calor, com o passar do tempo se transformaram em carvão. Dizia que já faz mais de 250.000.000 de anos.

Éder: Eu também li que quanto mais antigo o carvão, mais duro é de melhor qualidade.

Maria: O carvão não é tudo a mesma coisa?

Tisa: O carvão tirado hoje das minas depende de como é formado. As florestas eram densas, úmidas, clima quente e tinha água e lama onde as plantas não cresciam. Quanto mais densa a floresta e quanto mais tempo durou, mais a camada hoje é alta, às vezes 3 metros.

Zé: E demorou muito para se formar?

Valda: Milhares de anos. As plantas velhas morriam e caíam no chão mas não apodreciam pela falta de oxigênio e o excesso de carbono. Por isto tornou-se fóssil.

Meri: Então, como foi parar no fundo da terra se antes estava na superfície?

Tonico: Eu tenho uma opinião. É que os banhados são nos lugares mais baixos e depois foi enterrado por outros materiais que as águas e os ventos iam trazendo. Tem lugar que ele é bem fundo.

Tisa: Vocês estão com a razão. É por isto que entre uma camada e outra tem camada de barro que não se aproveita. Este material depois vai sobrar são os rejeitos.

Zé: Como foi que começaram a retirar, como foi que acharam?

Éder: Em Santa Catarina a descoberta foi em dois lugares diferentes. O primeiro foi em Lauro Muller em 1800 e pouco. Na metade do século passado. Foram os tropeiros ao fazer o fogo para cozinhar a comida notaram que as pedras queimavam.

- Só não entendi direito de onde vinham os tropeiros.

Tisa: Tropeiros eram pessoas que conduziam as tropas de gado. Podiam vir dos campos do Rio Grande para São Paulo, ou da Serra para Laguna, onde era vendido o gado.

Meri: O meu pai fala do arroz tropeiro. É a mesma coisa?

Tisa: É o arroz que os homens preparavam no caminho. Carne seca, arroz, água e num instante a comida fica pronta.

Zé: E carreteiro?

Tisa: É parecido, só que preparado pelos homens que faziam frete em carretas puxadas a boi, quando não tinha caminhão.

Maria: Tem arroz caminhoneiro?

Tonico: Hoje tem restaurante na beira de estrada; mas no norte tem caminhoneiro que faz a comida num liquinho.

Tisa: Estávamos falando que os tropeiros acharam carvão em Lauro Muller, e em Criciúma?

Éder: Em Criciúma foi o Sr. Giacomo Sônego. Foi assim: Ele escondeu duas ou mais mulas no mato para fugir dos federalistas e para dar água para as mulas, cavou uma fonte. No ano seguinte roçou o mato e ao queimar a roça viu que aquela terra queimava. Verificaram e constataram que se tratava de carvão.

- Só não entendi quem eram os federalistas.

Tisa: Eram fazendeiros gaúchos que eram contra Floriano Peixoto, logo no início da República. Foi a luta dos pica-pau com os maragatos (os que eram a favor e contra o governo de Floriano). Em SC morreu muita gente.

Meri: Eu pesquisei que para o transporte do carvão de Lauro Muller, construíram o primeiro trecho da Estrada de Ferro em 1881 e foram os ingleses. Depois em 1917, construíram de tubarão à Araranguá, mas o trecho importante era o que levava o carvão de Criciúma. Agora entendo que foi o carvão que puxou a Estrada de Ferro.

Tisa: É bom lembrar que no início o carvão não tinha uso aqui na região. Precisava transportar para os portos de Laguna e Imbituba, mas não tinha estrada de ferro, nem rodovia asfaltada. Começou então a ser levado até Pedras Grandes em carro-de-bois e ali levado em lanchas, para Laguna pelo rio Tubarão. Demoraram mais de 2 meses para completar uma carga e desistiram. Partiram para a construção da ferrovia.

Zé: Então as jazidas de carvão exigiram a construção da ferrovia e depois a ferrovia acelerou a produção de carvão.

Tonico: A ferrovia transportava outras coisas também?

Meri: Eu pesquisei e perguntei para o meu tio e o que eu entendi foi o seguinte: - Tinha o trem só de carvão que ia até as minas de Criciúma, Siderópolis, Urussanga, Lauro Muller.

Tinha o trem de passageiro com horário marcado que ia de Araranguá até Imbituba e voltava. Levava um dia para ir e voltar.

Tinha o cargueiro que saía de Araranguá uma vez por semana.

Éder: E o que é que transportava?

Meri: Farinha, animais, madeira, banha.

Tisa: Araranguá e região criava muito porco porque as terras eram boas para milho e batata. A madeira descia da serra de caminhão. A farinha era produzida nas terras de areias aqui de nossa região.

Com essa grande criação de porco se fabricava a banha e era levada pelo trem até o Rio de Janeiro.

Em cada cidade foi se formando um comércio perto das estradas-de-ferro. Os agricultores produziam para o consumo e o resto vendiam. Aqui na Içara o início de tudo foi a mandioca: aqueles galpões perto do trilho eram

depósitos dos comerciantes que compravam a farinha dos agricultores e vendiam para eles outros produtos: roupas, arames, ferramentas. Assim foi surgindo um pequeno núcleo de povoamento. Muitas mercadorias vinham de trem do porto de Laguna.

Hoje é diferente: domina o fumo, tem indústria cerâmica, etc.

Maria: Mas a estrada-de-ferro só passa por Içara?

Tonico: É uma coisa que eu queria saber, porque o trem de passageiro terminou, porque hoje aqui domina o fumo, em Araranguá hoje é fumo e arroz e quando isto aconteceu?

Tisa: Foi a construção da BR 101. Foi um momento de grandes mudanças na economia e na política do Brasil.

Tonico: Nós vamos estudar isto?

Tisa: Faz parte de nossa história e é uma questão de querer...

Éder: Eu queria saber como construíram as estradas de ferro, tinha máquinas, tratores?

Meri: Pelo que eu pesquisei não tinha, era tudo com pá, picaretas, carro de boi, tudo no braço. Só os trilhos já vinham pela parte pronta da estrada e os dormentes também.

Muitos trabalhadores que construíram a estrada de ferro depois foram trabalhar nas minas.

Tisa: Mais alguma coisa sobre a estrada de ferro?

Tonico: Eu acho que se as minas fecharam a ferrovia também acaba pois as rodovias é que dominam.

Zé: A gente falou da descoberta do carvão e da ferrovia, tudo, mas eu tenho umas coisas sobre o uso do carvão e a utilidade.

Tisa: Vamos lá, fala do que achaste.

Zé: O uso do carvão começou a ter grande importância na Inglaterra para as locomotivas e para a siderurgias. Hoje em todo o mundo é usado para

produção de ferro e aço, para produzir energia elétrica, nos países frios, para aquecer as casas, usam também para produzir gás, nas indústrias de cimento e nas que precisam de calor.

Maria: E toda energia elétrica vem do carvão?

Zé: Pelo que eu sei, não. Tem as hidroelétricas que aproveitam as quedas d'água das grandes represas, as usinas que queimam óleo e até as usinas nucleares como Angra dos Reis. No Brasil onde se produz energia elétrica com a queima do carvão é em Tubarão e no Rio Grande do Sul.

Éder: O carvão para gerar energia e produzir aço é o mesmo?

Zé: Um é o carvão vapor, o pior e o outro é o metalúrgico, o melhor, mas não sei porque.

Tisa: O carvão vapor tem mais cinza, mais sujeira e produz menos calor, mas aquece as cadeiras e toca as locomotivas. (carvão melhor é o metalúrgico, com ele se produz o coque que é usado nas siderúrgicas e em muitas indústrias que precisam de calor.)

Maria: E como é que se separa o carvão melhor do pior.

Tonico: Eu acho que antes precisa separar da sujeira e depois o carvão melhor, mas não tenho claro.

Tisa: Junto com o carvão no fundo da terra tem terra escura que não é carvão, tem pedra que já é separada durante a extração. Depois o carvão é mergulhado na água e a parte que fica por cima é mais leve é carvão, o resto é rejeito, terra e pirita. Este carvão é chamado pré-lavado. Depois em Tubarão separam de novo e melhor do pior. O carvão vapor é usado nas termo-elétricas e o carvão metalúrgico em Volta Redonda, em São Paulo e Minas Gerais.

Tonico: Estas siderúrgicas quando é que foram construídas e parece que o governo também quer privatizar, eu queria saber estas coisas. Uma coisa sai puxando outra, a história parece que não tem fim.

Tisa: É que os fatos recentes não são isolados, assim... no ar. Eles se

relacionam e formam um todo que é o mundo que os homens fizeram e estão fazendo. Cada um acrescentando alguma coisa, às vezes mudando os rumos da história.

Maria: Eu queria relacionar a poluição com a minha asma. Como é que o carvão polui?

Tisa: O carvão na verdade não polui, o que polui são os rejeitos. O carvão se aproveita, mas a extração do carvão produz muita coisa que sobra e que suja, polui. Para extrair o carvão as máquinas levantam poeira nas frentes de trabalho, estas atacam os pulmões dos mineiros e pode dar a pneumoconiose. Depois o carvão tem a primeira lavagem e a água usada fica suja e polui os riachos. De cada 1000 kilos de material tirado da mina 300 é carvão 700 é rejeito. Este material jogado na superfície estraga os terrenos, não presta para plantar. A chuva que cai nos montes de pirita levam estes montes e a água vai suja para riachos e rios. O material exposto ao sol e a chuva produz gases de enxofre e outros que prejudicam os pulmões. A água que cai dos caminhões que transportam carvão é suja e depois de seca produz poeira que também prejudica. Atinge portanto a água, o ar e os solos.

Meri: Mas a pior é a pneumoconiose, não é?

Tisa: É a que chama mais a atenção porque pode matar.

Zé: É o ar poluído que corroe as grades de ferro e os carros aqui na região?

Tisa: É, e quando a poluição é muito forte atinge fechaduras das casas, e os eletro domésticos.

Tonico: Pelo que eu pude conhecer a vida do mineiro não é fácil, nunca foi. Mas parece que sempre lutaram contra as adversidades com bastante coragem. O seu Jorgiano parece que participou destas lutas e a gente podia conversar com ele.

Tonico: A gente está sabendo que a situação do mineiro hoje é difícil, mas como era antes?

Tisa: Nós convidamos o senhor Jorgiano que foi mineiro e também líder sindical na década de 50 e 60 e pode falar alguma coisa para nós.

Jorgiano: Eu me considero uma pedra quadrada que foi jogada de cima de um morro e foi rolando morro abaixo e de tanto bater aqui e ali foi perdendo as pontas e arredondou um pouco.

Eu tenho o 3º ano primário, o que sei aprendi na vida, lutando, apanhando como pedra.

Hoje olhando para trás vejo quanta coisa aconteceu comigo.

Zé: Com que idade o senhor começou a trabalhar e como era o serviço?

Jorgiano: Com 17 anos, aqui na Içara. As minas eram manuais, o carvão era tirado a braço, picareta, pá, enxada e as vagonetas empurrada na força. Eu tenho um osso da cabeça saltado de empurrar a vagoneta no côco (cabeça).

Meri: E como o senhor entrou na luta sindical e como era isto?

Jorgiano: É que os sindicatos eram pelêgos, eleitos com a ajuda dos donos das minas e não defendiam os interesses dos empregados e sim dos patrões e nós então começamos a lutar por melhores salários e melhores condições de trabalho. Nós tiramos os trilhos de madeira e exigimos de ferro. Exigimos pagamento de insalubridade porque o ambiente de trabalho era perigoso e prejudicial à saúde.

Maria: E conseguiram alguma coisa?

Jorgiano: Aos poucos conseguimos. Era difícil, os patrões perseguiram, uma vez prenderam vários mineiros que encabeçaram algum movimento de reivindicações.

Meri: E as mulheres também lutavam?

Jorgiano: Sim. Uma vez nós fechamos uma estrada e a polícia prendeu, bateu, expulsou os homens. Então mais de 100 mulheres e crianças se deitaram na estrada e os caminhões não passaram.

Tonico: E qual foi o momento mais difícil para o senhor?

Jorgiano: Foi em 1964 quando fui perseguido, fiquei escondido em Nova Veneza uma semana e depois cheguei em casa e os 9 filhos se amontoaram me segurando pela perna, braço num choreiro. Depois fui preso, ameaçavam de morte, de deportar e a gente apanhava. Fui levado de Florianópolis à Curitiba algemado, encapuzado e me queimando no bagageiro de um carro, pois o cano de descarga esquentava.

Zé: Mas se o senhor defendia os trabalhadores porque o senhor era perseguido?

Jorgiano: É que aquilo que interessa a melhoria de vida dos empregados não interessa aos donos de empresa e os governos defendem os interesses dos empresários. Os empresários ajudam os políticos se elegerem ajudando comprar votos e depois os políticos protegem os interesses dos empresários.

Meri: E os salários eram melhores naquela época?

Jorgiano: Eram bem melhores. Eu criei 9 filhos trabalhando na mina. Mas quando o governo protege mais os empresários que os empregados os salários vão baixando e a vida vai ficando mais folgada para os outros.

Tisa: O senhor se arrepende do que fez?

Jorgiano: Não. Eu começaria tudo de novo. A gente está convicto do que fez como sendo certo para defender o trabalhador e por isto faria tudo de novo.

Tisa: Obrigado senhor Jorgiano, a gente vai convidar o senhor outras vezes.

Tonico: Tudo que a gente aprendeu até aqui foi bom, mas como é que a gente vai adiante? O senhor Jorgiano até falou que quando a gente sabe pouco, pensa que sabe muito. Eu fiquei curioso de saber um pouco da história de Içara. Os imigrantes, as transformações havidas com a BR 101 aqui e na região e também o que é que estava acontecendo no resto do país, pois se aqui estava mudando no resto do país também devia estar. Tem outros pontos que a gente já viu e que precisava definir quais seriam. Mas deveria ter uma sequência.

ANEXO 4

TEXTO 4

Tonico: Zé e Maria, vocês já observaram com atenção os sobrenomes dos nossos colegas de turma?

Observaram a cor dos cabelos, dos olhos e da pele?

Os sobrenomes são: Pizzetti, Colonetti...Silva...

A cor dos olhos vai de escuro, castanho, verde, azul.

Maria: A gente vê mas não dá importância em explicar. Os nomes em Silva, Rodrigues, Cardoso, em geral são de brasileiros, os Pizzetti italianos, tem nome alemão... poloneses...

Zé: Seria interessante se a gente soubesse de onde vieram os italianos, para onde foram no começo, o que faziam e assim para os brasileiros, poloneses etc.

Tisa: Quem sabe cada um pesquisa e escreve a história de sua família e de sua raça.

Içara foi construída pelos avós de muitos de vocês, está sendo construída pelos pais de vocês e por vocês. A gente podia então tentar entender como a história de Içara e região foi e está sendo feita por pessoas bem próximas a nós.